



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

João Henrique Nogueira Pacheco

O LUGAR DA ÁGUA
Os BANHOS PÚBLICOS DO BONFIM

Dissertação de Mestrado no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,
orientada pelo Professor Doutor José Fernando de Castro Gonçalves
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia
da Universidade de Coimbra.

Julho de 2023

O Lugar da Água: Os Banhos Públicos do Bomfim

João Henrique Nogueira Pacheco

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
sob orientação do Professor Doutor José Fernando Gonçalves
Departamento de Arquitetura, FCTUC, julho de 2023

Nota à edição

O documento segue o novo Acordo Ortográfico;

Utiliza-se para citações, por decisão do autor, a Norma APA, 7ª edição;

Para melhor compreensão do projeto, propõe-se o acompanhamento da leitura com os desenhos presentes em anexo.

Algumas imagens apresentadas foram editadas, dimensionadas ou cortadas pelo autor, com a respectiva referência nas referências iconográficas.

AGRADECIMENTOS

A todas estas pessoas, agradecer é pouco.

Primeiramente quero agradecer ao meu orientador, Professor José Fernando Gonçalves que me auxiliou neste longo percurso de dois anos e pela paciência que demonstrou perante todas as fases e dificuldades que passei durante a realização da dissertação.

Em seguida agradeço a todos os meus colegas e docentes do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, especialmente à minha amiga Verônica Bertollini e à senhora Vanessa da secretaria, que me ajudaram a integrar numa nova turma, numa nova faculdade. E à Professora Margarida, que me auxiliou na fase final do trabalho.

Por fim, agradeço à minha família, essencialmente à minha mãe, Natália dos Santos Pissarra Nogueira, por me ter acompanhado em todas as etapas deste projeto, desde o primeiro desenho à apresentação final, e pela motivação que me transmitiu em todos os momentos. E ao meu irmão, Guilherme Nogueira Pacheco, que sempre me motivou e impulsionou a dar o melhor de mim. Um orgulho que levo como exemplo para a minha futura vida pessoal e profissional.

Agradeço a todos os que fizeram parte da minha caminhada. Sem tanto apoio, tudo seria mais amargo.

RESUMO

A problemática enquadrada neste projeto de tese, tem como base o tema do Atelier de Projeto IA – “*O Estrangeiro*”, propondo uma reflexão sobre a importância da arquitetura na criação de espaços de integração e aproximação social, através da elaboração e desenvolvimento de um equipamento urbano. Esses espaços podem ser entendidos como lugares que têm o potencial de reunir pessoas de diferentes origens, culturas e experiências, promovendo a interação e a construção de relações sociais positivas. O desenvolvimento de um equipamento urbano nesse contexto pode ser uma abordagem concreta para enfrentar a desigualdade socioespacial. Neste sentido e com a intenção de combater esta desigualdade, esta proposta irá incidir na **implementação de uns banhos públicos no lugar das Fontainhas**, na freguesia do Bonfim, no concelho do Porto, sustentado na exploração de diferentes abordagens arquitetónicas e urbanísticas que promovam a inclusão e a coesão social. A arquitetura pode desempenhar um papel fundamental na transformação das cidades em lugares mais justos e igualitários, oferecendo espaços de encontro e interação que contribuam para a construção de uma sociedade mais integrada e solidária.

Do ponto de vista metodológico, este trabalho assenta em dois pontos principais. Por um lado, foi feita uma análise tipo-morfológica do lugar das Fontainhas, com visitas ao local, seguida da elaboração do projeto, com recurso ao desenho, maquetes e apresentações. Todo este processo foi acompanhado de uma revisão bibliográfica, tanto do local de intervenção como do tema estudado – o corpo e água.

Palavras-chave: Banhos públicos; Inclusão social; Corpus sanus; Fontainhas; culto ao corpo; identidade; hidroterapia;

ABSTRACT

The problem framed in this thesis project is based on the theme of the Atelier de Projeto IA – “O Estrangeiro”, proposing a reflection on the importance of architecture in the creation of spaces for integration and social approximation, through the elaboration and development of an equipment urban. These spaces can be understood as places that have the potential to bring together people from different backgrounds, cultures and experiences, promoting interaction and building positive social relationships. The development of an urban equipment in this context can be a concrete approach to face socio-spatial inequality. In this sense and with the intention of combating this inequality, this proposal will focus on the **implementation of public baths in Fontainhas**, in the parish of Bonfim, in the municipality of Porto, supported by the exploration of different architectural and urban approaches that promote the inclusion and social cohesion. Architecture can play a key role in transforming cities into more just and egalitarian places, offering spaces for meeting and interaction that contribute to building a more integrated and supportive society.

From a methodological point of view, this work is based on two main points. On the one hand, a type-morphological analysis of the place of Fontainhas was carried out, with visits to the site, followed by the elaboration of the project, using drawing, models and presentations. This whole process was accompanied by a bibliographic review, both on the intervention site and on the subject studied – the body and water.

Keywords: Public baths; Social inclusion; Corpus sanus; Fontainhas; body cult; identity; hydrotherapy;

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO	1
Contextualização do Atelier – “O Estrangeiro”	7
1. AS FONTAÍNHAS	15
1.1. UM MERGULHO NA HISTÓRIA DAS FONTAÍNHAS	15
1.2. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E CARACTERIZAÇÃO FÍSICA	23
1.3. ANÁLISE TIPO MORFOLÓGICA DAS FONTAÍNHAS	29
1.3.1. PERCURSOS: PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO URBANA	29
2. CORPO E ÁGUA	41
2.1. CORPUS SANUS	43
2.2. ELEMENTO ÁGUA	49
2.3. A CULTURA DOS BANHOS	53
2.3.1. A CULTURA DOS BANHOS EM PORTUGAL: O CENÁRIO PORTUENSE	55
3. OS BANHOS PÚBLICOS DO BONFIM	63
3.1. CONCEITO	67
3.1.1. LUGAR DA ÁGUA E DO POVO	69
3.2. O PROJETO	75
3.2.1. UM ESPAÇO VAZIO	75
3.2.2. RESOLUÇÃO PROGRAMÁTICA E ESPACIAL	81
3.3. SISTEMA CONSTRUTIVO	91
3.3.1. FORMA	93
3.3.2. MATERIAIS	97
3.3.3. ESTRUTURA	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
ÍNDICE DE FIGURAS	119
ANEXOS	127

INTRODUÇÃO

Desde sempre a cidade de Porto esteve diretamente ligada à água, sendo o Rio Douro, o implementador das suas atividades económicas. Nas últimas décadas, a cidade tem passado por uma grande mudança urbana provocada, em parte, pelo aumento do turismo, tendo já sido nomeada de Melhor Destino Europeu por quatro vezes ao longo dos últimos anos. No entanto, ainda apresenta a necessidade de desenvolver um maior leque de atividades viradas para o bem-estar da comunidade local, proporcionando atividades de lazer junto à sua margem fluvial.

O aumento do turismo está a levar esta área para uma saturação comercial e de serviços, afastando a fixação de moradores. A leste, a partir da ponte D. Luis I, encontra-se a zona das **Fontainhas**, sendo esta a área central de intervenção do projeto. Esta apresenta-se como um espaço degradado em plena área urbana da cidade do Porto, em contraste com a parte mais turística da frente ribeirinha. Tendo em conta os vazios urbanos e as frentes de água, este local apresenta potencial para implementação de um vasto quadro de atividades capazes de o revitalizar, bem como de gerar espaços dinamizadores de recreio, encontros e convívio.

Em pleno século XXI, a cidade transforma-se de maneira diferente do passado, tudo é mais rápido e progressivo, a instabilidade social e individual é maior e cresce a um ritmo cada vez mais acelerado. A vida urbana contemporânea muitas vezes afasta-nos da natureza e da experiência direta com nosso próprio corpo, o que pode levar a um desequilíbrio emocional e físico. Ao desenvolver um espaço que promova essa reconexão, é possível oferecer um refúgio onde as pessoas possam reconectar-se com o seu corpo e com a água, restaurando um equilíbrio perdido ao longo do tempo. Esse espaço pode ser projetado para proporcionar uma experiência sensorial e contemplativa, permitindo que as pessoas se desconectem do ritmo acelerado da cidade e se reconectem com a natureza. A criação deste espaço de reconexão pode contribuir para o equilíbrio e o bem-estar das pessoas, oferecendo um contraponto à agitação e instabilidade da vida urbana contemporânea. Desta forma, sentiu-se a necessidade de criar um espaço de reconexão com o corpo e com a água, conexão essa que foi perdida ao longo do tempo com a vivência e ritmo da cidade urbana.

Esta proposta de projeto surge com o intuito de qualificar o tecido urbano, nomeadamente o seu espaço público, com a inclusão de um novo equipamento com atividades que venham a beneficiar a vida quotidiana e proporcionar maior qualidade para os moradores e visitantes, bem como a abertura de novas perspetivas sobre a cidade e a sua relação com o rio.

Este projeto visa a criação de um lugar público identitário, histórico e relacional, que aspira valorizar a memória do lugar, participada pelos habitantes das Fontainhas, em particular, os moradores das ilhas presentes na rua de S. Victor. Para tal, procurou-se conhecer as pessoas e ouvir as suas histórias. Contactando os moradores, entendeu-se quais as suas necessidades e desejos partilhados. De entre os rostos envelhecidos e enrugados, crianças brincam e jovens demonstram o prazer de viver por estes lugares. O novo e o velho complementam-se.

De forma mais específica, este trabalho tem como principal objetivo **projetar um equipamento de uso social e comunitário que valorize e beneficie a vivência no Bonfim**, mais particularmente, na região das Fontainhas. Pretende-se criar um espaço de lazer, como ponto de encontro e reunião aberto a toda a comunidade, com a finalidade de integrar socialmente a população local e a que por ali passa. Uma vez que se trata de habitação envelhecida, na qual as casas não fornecem as condições necessárias, principalmente de higiene, acredita-se que este poderá ser o local ideal para a projeção dos banhos.

As Fontainhas são um exemplo do património cultural e arquitetónico que o Porto possui. A preservação destes bairros históricos é uma preocupação constante, e esforços têm sido feitos para conservar sua autenticidade e valor cultural, ao mesmo tempo que se adaptam às necessidades e mudanças da cidade contemporânea. Por conseguinte, visitar as Fontainhas é uma oportunidade de explorar a história, a arquitetura e a atmosfera únicas do Porto, assim como, conhecer a vida quotidiana da comunidade local.

O bairro proporciona uma experiência autêntica e encantadora para aqueles que desejam mergulhar na riqueza cultural da cidade. Sustentado nestes argumentos, as Fontainhas serão aqui apresentadas e descritas como um espaço vivido e social, sendo este considerado por alguns historiadores e pensadores, como a "alma" de um lugar, moldada pela comunidade que nela vive.





Figura 1: Lugar das Fontainhas, Bonfim, Porto

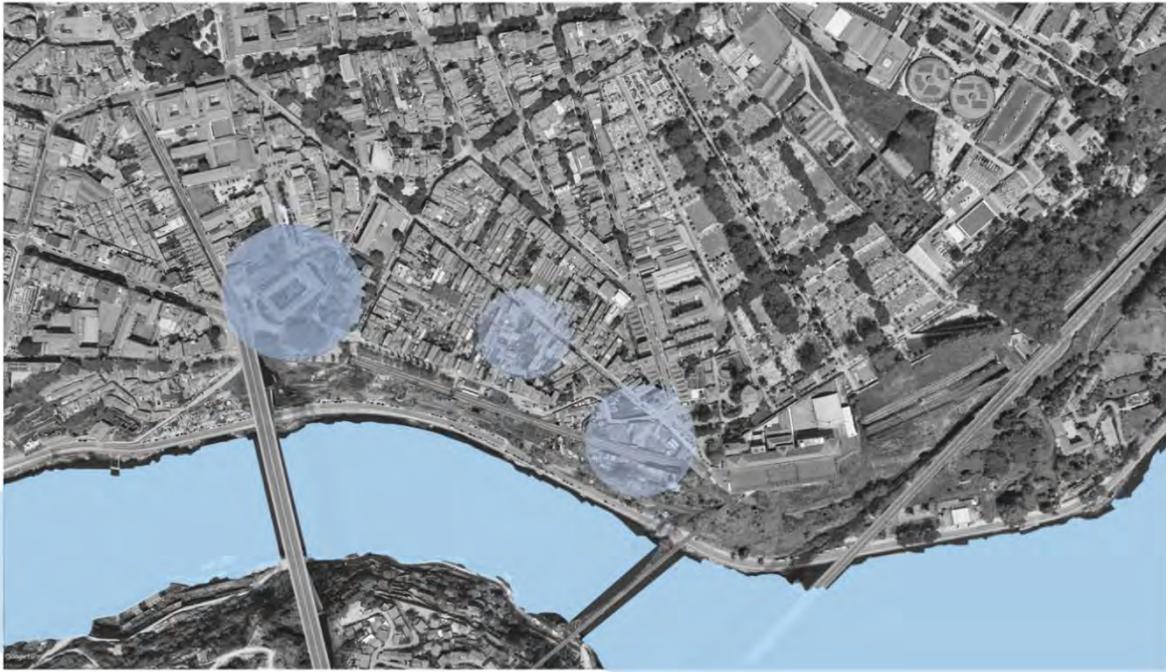


Figura 2: Locais de intervenção definidos pelo grupo

Figura 3: Locais definidos para implantação dos programas propostos



CONTEXTUALIZAÇÃO DO ATELIER – “O ESTRANGEIRO”

Em 2020, no departamento de arquitetura da Universidade de Coimbra (DARQ), foi criado um novo plano de estudos para o desenvolvimento da dissertação de mestrado a realizar pelos alunos, sendo este trabalho desenvolvido ao longo de dois anos letivos.

Neste sentido, cada turma do Atelier de Projeto estava associada a um tema específico, sendo que cada aluno teria de escolher o programa a intervir. No meu caso, optei por escolher a turma A do Atelier de Projeto, apresentando um programa de carácter público e integração social na cidade do Porto.

Tendo como base o lugar das Fontainhas, foi apresentado um enunciado que em tudo é desafiante. O mesmo é caracterizado por dois momentos distintos de intervenção, sendo a primeira fase do trabalho elaborada em grupo, e a segunda individualmente.

Na primeira fase, e tendo em conta o lugar das Fontainhas, realizou-se um estudo e análise da envolvente, assim como foi proposto a elaboração de um projeto de requalificação urbana. Esta proposta pretende não só criar um espaço público de qualidade, como também contribuir para a consolidação deste lugar e, conseqüentemente, para a sua integração no resto cidade. Dessa forma, pareceu desde logo estimulante projetar nesta área, na qual é fundamental tornar mais nítida a relação entre a frente urbana e a escarpa existente, facilitando as ligações ao rio Douro.

Este enunciado permitiu aos alunos refletirem sobre a contribuição da arquitetura na integração e inclusão social de pessoas marginalizadas, sem abrigo ou refugiados. Surgiu deste modo, a necessidade de melhorar a qualidade de vida daqueles que frequentam este lugar, procurando também relacioná-lo com a cidade do Porto, aproveitando um espaço com vista privilegiada para o rio Douro.

Desta forma, foram definidos alguns objetivos, permitindo a revitalização do espaço físico desta zona envelhecida da cidade do Porto. Apresentou-se desde logo um percurso permeável nos lotes, com caminhos pedonais interligados, que se direccionam à Travessa de São Vitor, sendo que toda a comunidade poderá beneficiar destes espaços de convívio. Além disso, foi proposta a criação de pátios semi-privados no interior dos

quarteirões e das ilhas. Estes proporcionam aberturas no interior dos quarteirões, melhorando as condições naturais e ambientais existentes.

Durante todo este processo de trabalho em grupo, foi feita uma análise do tipo de construção do edificado entre eles comércio, serviços, habitação, assim como o contato com os moradores, medições e levantamentos, estudos topográficos e registos fotográficos.

Já num segundo momento, de forma individual, o primeiro exercício teve início no segundo semestre do ano letivo 2020/21, sendo proposto a implantação de um edifício de caráter social, à escolha, entre eles um **Centro Comunitário**, um edifício de **Banhos Públicos** e um **Albergue Noturno**. Estes novos programas vêm complementar as necessidades que o local apresenta, sendo estes, espaços de apoio à população, conferindo-lhe dignidade. O programa escolhido deve estar diretamente relacionado com a proposta urbana, contribuindo para a coesão total do projeto. Como já foi referido anteriormente, todos estes programas têm como público-alvo pessoas em situação de sem-abrigo, refugiados e migrantes, fazendo assim a relação com as problemáticas teóricas previamente mencionadas.

Neste sentido, a presente proposta irá incidir na implementação de uns banhos públicos no lugar das Fontainhas, sustentado na exploração de diferentes abordagens arquitetónicas e urbanísticas que promovam a inclusão e a coesão social. Com este projeto, procurou-se preencher um vazio urbano visível no local de intervenção definido anteriormente pelo grupo. A escolha deste lugar deve-se não só a sua centralidade e comunicação direta com o bairro, como também é resultado de várias decisões tomadas durante o projeto, que irão ser referidas adiante. Desta forma, procurou-se desenvolver conceptualmente o projeto, distribuindo o programa dos banhos pelos edifícios projetados. De salientar que todo este processo foi elaborado com recurso a alguns casos de estudo anteriormente estudados ou até visitados, como é o caso das Termas de Vals, desenhadas pelo arquiteto Peter Zumthor, ou a Piscina das Marés, pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira.

Estruturalmente, a presente dissertação organiza-se em três capítulos:

O Lugar - Num primeiro momento, é apresentada uma análise do lugar das Fontainhas, com a sua contextualização história, recuando até à época da industrialização na cidade do Porto. Aborda-se também o enquadramento geográfico e caracterização física do local. Por fim é apresentada uma proposta de revitalização urbana desta zona da cidade;

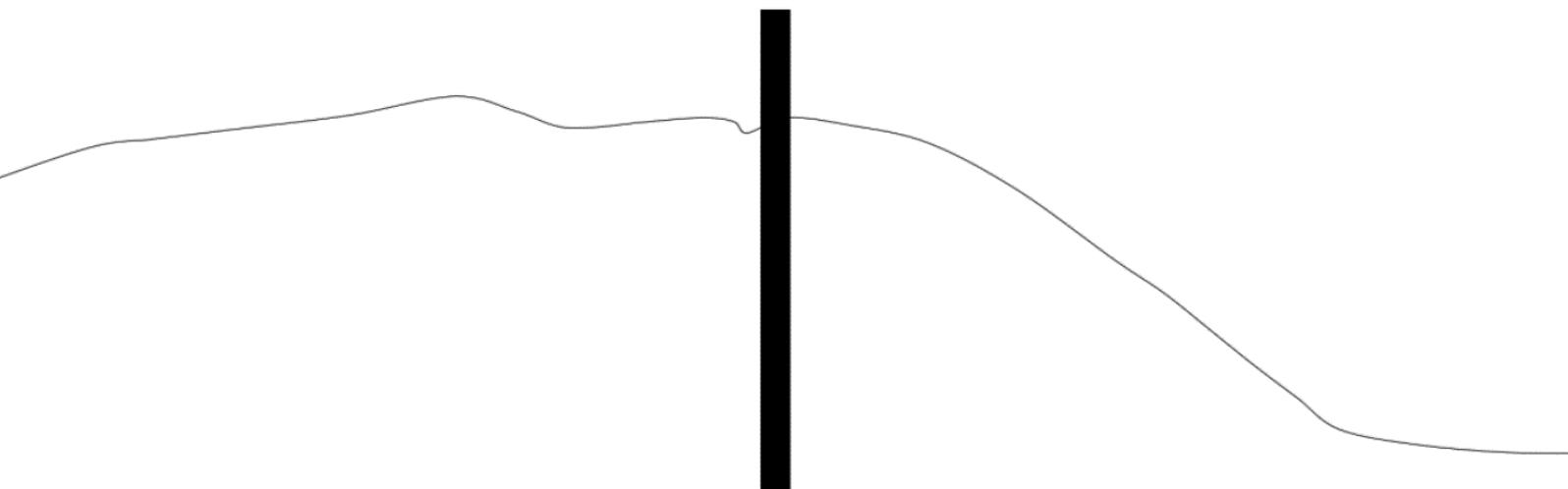
O Tema - No segundo capítulo, após revisão bibliográfica, este estudo assenta na análise conceptual do corpo e a sua estreita relação com a água. Segue-se, a contextualização teórica, cultural e social dos Banhos públicos em Portugal e em particular no Porto, expondo assim o tema escolhido para o desenvolvimento do projeto neste lugar;

O Projeto - O terceiro e último capítulo refere-se à elaboração e desenvolvimento do projeto, descrição e caracterização do equipamento, assim como a escolha e definição do seu programa. Além disso, para a projeção deste edifício foi também definido o sistema construtivo a ser adotado;

Por fim, o trabalho de investigação termina com as considerações finais, onde se apresenta, de forma resumida, o processo de entendimento do lugar e a importância da implementação deste equipamento de carácter social nesta área.

Como o trabalho é desenvolvido em conjunto com as disciplinas de Atelier de Projeto I e II, este permanecerá sob forma de investigação, não sendo efetivamente construído. Além disso, não se pretende encontrar nesta dissertação a solução para todos os problemas desta zona “esquecida” da cidade do Porto, mas acredita-se que esta prova possa ser uma aproximação para o seu estudo.

Acredita-se também que do projeto à concretização do mesmo, seja apenas uma série de passos. Este estudo pretende assim ser apenas mais um contributo, porque embora muito já tenha sido escrito e feito, muito resta ainda por fazer. A realidade está à vista de todos, até para os que não querem ver.



Capítulo 1
As Fontainhas

“Entre o Plano e o declive”

Jaime Magalhães Junior



Figura 4: Festa de São João nas Fontainhas - década de 70

Figura 5: Feira da Vadoma, Alameda das Fontainhas

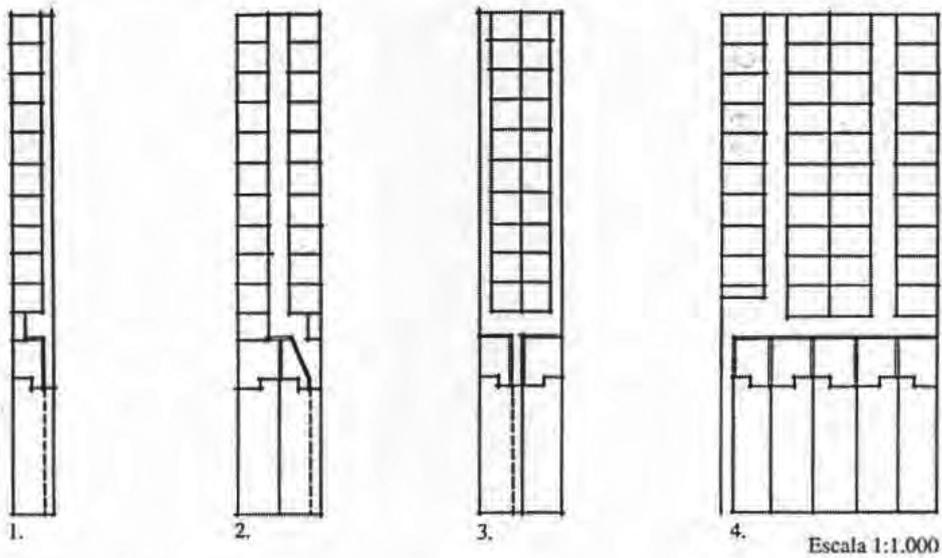
1. AS FONTAÍNHAS

1.1. UM MERGULHO NA HISTÓRIA DAS FONTAÍNHAS

Conhecida como a varanda sobre o Douro, o lugar das Fontainhas é uma zona tradicional inserida na cidade do Porto. Nos dias de hoje, as Fontainhas são associadas às tradições das festas de S.João. Estas surgiram na segunda metade do século XIX e até hoje os residentes se identificam com a festa. A identidade joanina é tão presente neste lugar, que muitos relembram os tempos da sua juventude onde se encontravam os carroséis que, ainda hoje se mantém ali reunidos. Assim, influenciados pelas memórias, os padrões pelos quais um povo se identifica podem sofrer alterações e modificarem-se ao longo dos anos e no caso das Fontainhas não foi exceção. (Ferreira, 2018)

Anteriormente formado a partir de fábricas artesanais espalhadas por toda a cidade, o Porto é agora marcado por fábricas maiores, ocupando assim áreas fora dos limites do velho centro, com bons acessos, criando uma nova residência para os operários. As ruas centrais começam a ornamentar-se através de pavimentos, montras e iluminação a gás, enquanto a diferenciação entre residência e comércio começava a ser mais notável. À medida que a expansão urbana vai sendo processada e se criam áreas onde se reúnem pessoas com uma identidade comum, a estrutura socioespacial muda da mesma forma, com a aproximação de classes profissionais, permitindo associações entre áreas sociais e morfológicas.

Aliás, a indústria parece ser a principal fonte de contraste social nas áreas residenciais. Por um lado, à medida que a cidade se desenvolve numa nova dimensão, a proximidade das habitações ao trabalho é determinante para os operários, sendo que em alguns casos o industrial chega mesmo a construir habitações para os seus empregados, por exemplo junto à fábrica Social da Fontinha. Por outro lado, o estabelecimento de uma classe alta, busca outros destinos longe das grandes fábricas e das grandes concentrações da classe trabalhadora, com receios das consequências da poluição ambiental, do surgimento de epidemias e, ainda, de potenciais problemas causados pela instabilidade social.



1. Ilha construída num único lote.
2. Ilha construída em dois lotes, com corredor central.
3. Ilha construída em dois lotes, com as casas dispostas costas com costas e dois corredores laterais de acesso.
4. Ilha construída em terrenos de traseiras correspondendo a vários lotes. Filas sucessivas de casas construídas costas-com-costas.

Figura 6: Interior de uma ilha, no Porto

Figura 7: Várias tipologias possíveis das Ilhas no Porto

Durante o século XIX, o Bonfim foi-se tornando no principal polo industrial da cidade, no qual predominava a indústria têxtil. Naquela época, devido à forte presença da indústria, e, conseqüentemente, a um elevado número de operários, nesta parte oriental da cidade do Porto, começaram a surgir as “ilhas”, sendo esta uma nova solução com dimensões mínimas e poucas condições de habitabilidade. Esta nova tipologia foi-se alastrando ao longo de toda a área, sendo mais notória em S. Vitor, Gomes Freire e Praça da Alegria.

Na sua forma mais simples, as ilhas consistiam em filas de pequenas casas de um só piso, construídas nos quintais das habitações da classe média, com acesso à rua somente através de estreitos corredores sob estas habitações burguesas, construídas à face da rua (...) Por vezes, este tipo de habitação era construído independentemente das casas da classe média; nestes casos, as ilhas ocupavam parcelas inteiras de terreno, dando para a rua (...).¹

A pequena burguesia, formada maioritariamente por comerciantes e artesãos bem sucedidos, adquiriu terrenos² e construiu as suas casas. Eram casas burguesas, de carácter bem definido, de dois ou três pisos, com um terreno comprido nas traseiras, como se verifica na figura 7, precisamente adaptado para formar ilhas de casas de dimensão bastante reduzida, que alugavam com a intenção de gerar lucros.

Desta forma, as ilhas foram consequência da industrialização da cidade do Porto e da necessidade de acolher as crescentes vagas de imigrantes. A migração teria mais do que duplicado a população da cidade até então, o que permitia aos migrantes recorrer a soluções habitacionais construídas pela burguesia, que dispunha de bastantes terrenos atrás das suas casas que poderiam utilizar para o efeito. Esta tipologia viria a constituir uma forma privilegiada de habitação da classe operária na cidade do Porto, no virar do século (consultar figuras 6 e 7).

¹ Teixeira, M C. (1996). Habitação Popular na cidade Oitocentista - As Ilhas do Porto. Lisboa: FCG/JNICT, pág. 1

² Os terrenos eram adquiridos em zonas que não interessavam a burguesia endinheirada, sendo por isso mais baratos, até porque o pequeno investidor procurava os locais próximos das fábricas por definição ruidosos, poluídos, sem interesse para o burguês que preferia os locais mais nobres e puros.

8



9



10



Figura 8: Habitantes no interior das ilhas

Figura 9: As ilhas do Porto no séc. XIX

Figura 10: A ilha do Porto recentemente

Ainda assim, a "opção da ilha" acrescenta uma enorme vantagem financeira à classe trabalhadora, de modo a que os custos inerentes à mudança para uma nova região possam ser melhor administrados.

Constituíam uma forma de habitação bem adaptada aos meios económicos dos seus habitantes, aos recursos financeiros dos seus construtores e às condições espaciais em que foram desenvolvidas(..) Particularmente importante foi a adopção generalizada, (..) de um parcelamento regular do solo em lotes com uma frente de 25 ou 30 palmos (5,5 ou 6 metros).³

Ao longo do século XIX, o Porto, cidade que sofreu um notável desenvolvimento industrial, enfrentou também, uma imensa procura de mão de obra, indisponível na cidade na primeira metade do século. Ao longo do tempo, a chegada de pessoas vindas do hinterland⁴ ia aumentando, as estruturas de transporte ramificavam-se pelo território, acelerando o ritmo das relações, nomeadamente, através do caminho de ferro. Estas foram as principais causas do desenvolvimento físico da cidade, criando-se assim novos subúrbios, transformando os espaços antigos em espaços centrais e incorporando-se, em vários aglomerados que, até então, permaneciam isolados, nos limites da cidade. Local de chegada mas também de partida, de grande transformação, especialmente pelo aumento de ruas, casas e pessoas, **proporcionando diversas formas de encontro e de mistura entre o rural e o urbano**, através de feiras e festas da cidade. Os subúrbios eram tanto um território de novidade trazido por quem vinha de longe, como se tornavam um lugar de refúgio para quem fugia do centro antigo, como aconteceu com a peste na Idade Média e depois com a cólera e o tifo no século XIX. (Barley, 1976).

³ Teixeira, M C. (1996). Habitação Popular na cidade Oitocentista - As Ilhas do Porto. Lisboa: FCG/JNICT, pág. 2

⁴ Hinterland - Para Degrassi (2001), a hinterland de um porto pode ser descrita como a sua área tributária, cujas características económicas dependem essencialmente das atividades portuárias, e por todas as localidades ligadas ao porto propriamente dito e que formam uma região no sentido funcional.

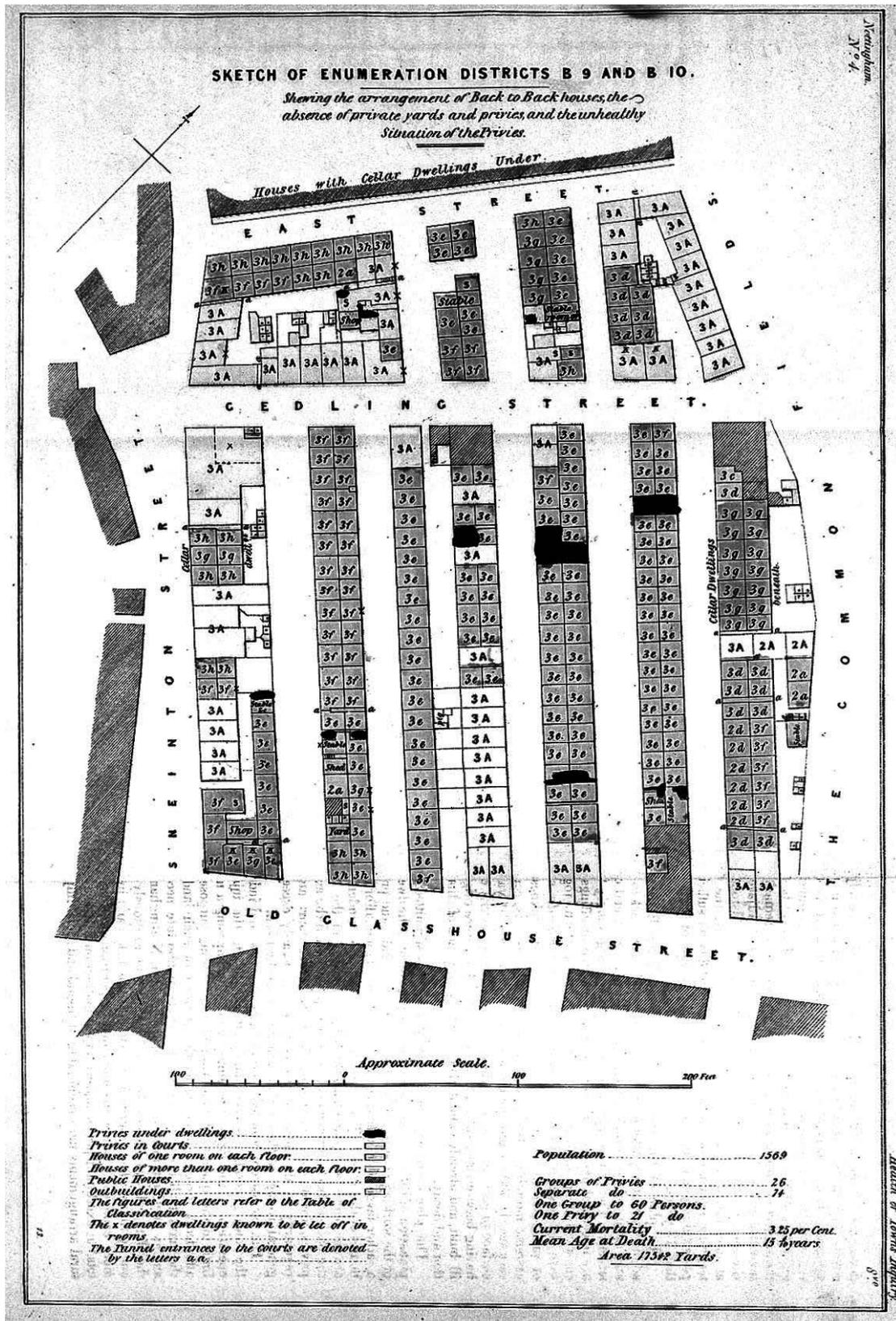


Figura 11: Planta de uma "back to house" na área de Nottingham, Inglaterra

Embora se diga que a ilha é resultado da industrialização, alguns investigadores não sustentam esta ideia, argumentando que a ilha é uma realidade de um passado muito distante. De facto, a palavra "ilha" perdeu-se na memória dos tempos, e provavelmente deriva do latim "insulae", uma verdadeira colmeia de casas dispostas verticalmente onde viviam as classes mais pobres na cidade de Roma, capital do império.

A ilha é, portanto, uma criação universal e não uma invenção genuína do Porto. Em França existiam sob o nome de "villas", em Inglaterra como "back to backhouses", em Itália como "balconatas", em Espanha como "curralas", no Brasil como "cortiços", no Peru como "calejones" e no México como "bairro". Esta comunhão mostra que, diante da mesma necessidade, o homem pode embarcar no esquema da "criação simultânea", algo bastante comum na História Universal.

Já em 1789, o Padre Rebelo da Costa se referia no Porto, a agrupamentos semelhantes existentes na Sé, onde as pessoas viviam em condições desumanas e, muito antes, existem documentos do século XV que mencionam grupos de casas com apenas uma porta de saída, forma de pagar menos impostos, uma vez que as aberturas para a rua eram taxadas.

Atualmente, sabe-se que a maioria das ilhas da cidade do Porto foi construída em cerca de 35 anos, entre 1865 e 1900, criando-se um pouco mais de 10.000 casas. Com a industrialização do Porto, o número de ilhas continuou a crescer, sendo que em meados da década de 1980 eram 530 ilhas, onde viviam 20.000 pessoas, que se mudaram para outras 1.048 ilhas na virada do século, totalizando 11.129 casas, que abrigavam mais de 50.000 pessoas, ou seja, mais de um terço da população da cidade, segundo dados fornecidos por Ricardo Jorge Pinto (2007). Assim, a ilha como unidade habitacional foi a resposta mais rápida e económica para alojar milhares de pessoas que não tinham condições financeiras, e o investimento mais fácil para quem também tinha recursos limitados. Com a posterior desindustrialização da área, vários lotes tornaram-se vazios urbanos e vários prédios ficaram devolutos. Hoje em dia, as antigas fábricas já não se encontram ativas, permitindo assim o surgimento de novas atividades económicas, como o comércio e a restauração. Além disso, atualmente é sempre importante não esquecer o turismo, que se apresenta como um importante fator de divulgação, fortalecimento da cultura e património da freguesia do Bonfim.



Figura 12: Delimitação da freguesia do Bonfim no contexto urbano da área metropolitana do Porto

Figura 13: Área de Reabilitação Urbana (ARU) do Bonfim

1.2. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E CARACTERIZAÇÃO FÍSICA

Debruçada sobre o rio Douro, a cidade do Porto apresenta uma estrutura urbana e paisagística singular. Os sinais desta especificidade fazem-se sentir na Arquitetura, nos monumentos, nos espaços de lazer e até nas ruas que a desenham. O Lugar das Fontainhas é uma região do Porto que, apesar de relativamente próxima do centro, foi muitas vezes excluída da cidade durante o seu desenvolvimento urbano. No entanto, nenhuma cidade é homogénea, e mesmo numa pequena cidade como o Porto podemos encontrar diferentes cenários e realidades divergentes.

A área de estudo do presente trabalho situa-se na zona das Fontainhas, em pleno território urbano da cidade do Porto, na margem direita do Rio Douro, entre as pontes de ferro oitocentistas, pertencendo em termos administrativos à freguesia do Bonfim, no concelho do Porto. Geograficamente, este lugar encontra-se no topo de uma escarpa e localizado parcialmente abaixo da ponte do Infante.

Desde logo, importa destacar a sua localização ribeirinha. Segundo Domingues, 2018, “a simples presença da Água na cena urbana é, por vezes, mais importante do que a sua utilização como recurso de atividades recreativas e desportivas”, o que de facto acontece na zona das Fontainhas, onde o declive acentuado da encosta se eleva e permite desfrutar na totalidade das vistas exclusivas do leito do rio Douro, cujo interesse paisagístico por si só é fator na valorização do lugar.

Apesar da delimitação espacial relativamente expectante e descontínua devido às suas instabilidades associadas às transformações que atingiram esta área, este quarteirão apresenta as melhores condições de acesso dentro da área de estudo, o que pode ser justificado por uma topografia mais favorável ou uma estrutura urbana mais organizada na cota alta do terreno. É, portanto, um complexo urbano morfologicamente heterogéneo que conseguiu adquirir um forte carácter visual ao longo do tempo, resultado de uma série de eventos urbanos que se manifestaram nesta fachada verde da cidade.

De norte a sul, o limite inicia-se no cimo da Rua das Fontainhas e termina no final da escarpa. De leste a oeste, as Fontainhas começam na Travessa de S. Victor e terminam exatamente no final do Passeio das Fontainhas.



Figura 14: Vista da Rua Gomes Freire para a o rio Douro

Devido à proximidade do rio Douro, o terreno é marcado por uma escarpa íngreme que dificulta o acesso à cota alta. Esta área dispõe de uma configuração irregular, estendendo-se por cerca de 1.200 metros no sentido este-oeste e transversalmente por entre 75 a 240 metros no sentido norte-sul. As Fontainhas ocupam uma área de cerca de 160.900 m² e são delimitadas a poente pela ponte Luiz I e restante parte da muralha gótica, a nascente pela ponte Maria Pia e pelo Colégio dos Salesianos, a sul, pela Avenida Gustavo Eiffel e a norte, ao longo do Largo do Padre Baltazar Guedes, Rua de Gomes Freire, Alameda das Fontainhas, Passeio das Fontainhas e Rua do Sol, de nascente a poente, respetivamente. (Domingues, 2018, p. 9)

Desenvolve-se desde o limite do planalto granítico, num declive acentuado sobre a escarpa, habitualmente conhecida por "Escarpa das Fontainhas", até à estrada marginal com uma altura média de 50 m e uma inclinação média a sul de aproximadamente 35° a 45°, inserida num maciço rochoso cuja composição mineral e tempo, lhe conferem a denominação de "Granito do Porto". Este maciço apresenta-se moderadamente fragmentado à superfície e é possível observar a ocorrência de escoamentos de água ao longo da escarpa, algumas permanentes que, em períodos de forte pluviosidade, geram escoamentos de água com caudais significativos "que se agravam para pequenas cheias na base da escarpa", situação que justifica a razão do seu despovoamento. Em alguns locais da escarpa é ainda possível verificar a existência de antigas minas de água, como é o caso da nascente das Fontainhas, sobre a qual foi construída a Alameda das Fontainhas, considerando o chafariz e os lavadouros abastecidos por essas águas.



Figura 15: Vista sobre o rio Douro e Escarpa das Fontainhas

Ao longo da escarpa podem ser identificados elementos significativos do património industrial oitocentista do Porto, que tiveram grande impacto no desenvolvimento social e urbanístico desta zona da cidade (exemplo disso são os dois ramais ferroviários que se avistam a nascente da Ponte do Infante e as ruínas da fábrica de cerâmica do Carvalhinho, junto à Calçada das Carquejeiras), coexistindo com conjuntos habitacionais, cujas construções surgiram pela necessidade de acolher a população rural que se instalou na cidade durante o período da grande transformação industrial do Porto no século XIX, estendendo-se ao longo da escarpa e formando aglomerados de edifícios que se tornam mais esparsos de poente para nascente.

Nesta zona, os edifícios desenvolveram-se em cascata, num estreito contacto com a natureza, sendo a encosta densamente colonizada por vegetação silvestre, do tipo rasteira e arbustiva. Paralelamente, plantaram-se algumas hortas e pomares nos socalcos próximos a algumas casas. A produção de hortícolas nos espaços urbanos e periurbanos tem, entre nós, uma longa tradição. Uma parte importante da nossa população urbana tem raízes rurais e a disponibilidade de terrenos sem utilização permite que essa relação com a terra persista, ainda que apenas na escala da pequena horta.

Desta forma, a escarpa das Fontainhas é um lugar de memória e identidade, onde lapida com o granito a essência da cidade do Porto. As partes ocupadas e posteriormente habitadas das casas que aqui existiram encontram-se em ruínas. Atualmente, as mesmas estão em processo de demolição pela administração de obras públicas no Porto, e uma vez identificado, o local dá lugar a um vazio que se mantém questionável, afastando assim os antigos moradores desta área. A folha em branco está exposta, desafiadora. Assim é feita a pergunta, à qual se anseia por dar resposta.



Figura 16: Diferentes tipos de acesso na zona das Fontainhas

Figura 17: Espaços verdes dentro e fora dos quarteirões

1.3. ANÁLISE TIPO MORFOLÓGICA DAS FONTAÍNHAS

1.3.1. PERCURSOS: PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO URBANA

Toda a análise inicial desta área foi realizada em grupo, com o objetivo de criar uma proposta de revitalização urbana desta zona da cidade, com o intuito de detetar as principais carências e também perceber de que forma se poderiam solucioná-las. Deste modo, foi fundamental entender o funcionamento dos acessos - rodoviários; pedonais; ferroviários; linha de metro e a localização dos espaços verdes na cidade.

Ao iniciar a proposta de intervenção⁵, surgiu imediatamente a necessidade de estudar o lugar, de forma a detetar as principais carências e também perceber de que forma se poderiam solucioná-las. Deste modo, foi fundamental entender o funcionamento dos acessos - rodoviários; pedonais; ferroviários; linha de metro e a localização dos espaços verdes na cidade.

Em relação aos **acessos rodoviários**, foi possível perceber que a forma como as ruas estão organizadas influencia o modo como as pessoas se movimentam na cidade. Verificou-se que as ruas são bastante largas nos quarteirões envolventes, contudo, na zona habitacional das “ilhas”, são poucos os acessos automóveis e com uma dimensão bastante mais reduzida.

Já os acessos pedonais são bastante escassos, e estão maioritariamente localizados perto da ponte do Infante. Porém, achou-se importante analisar quais os acessos que são somente pedonais, pois é importante a existência de espaços destinados apenas a este uso.

Por último, existe ainda a linha ferroviária que, através da escarpa, faz a ligação entre as estações de Porto Campanhã e Porto São Bento. Apesar de poder ser encarada como um meio de poluição sonora, entre outros, é uma via de acesso incontornável para a comunidade portuense.

⁵ Toda a proposta de intervenção urbana foi realizada por um grupo de cinco elementos durante o primeiro semestre do primeiro ano de mestrado integrado em Arquitetura da Universidade de Coimbra.

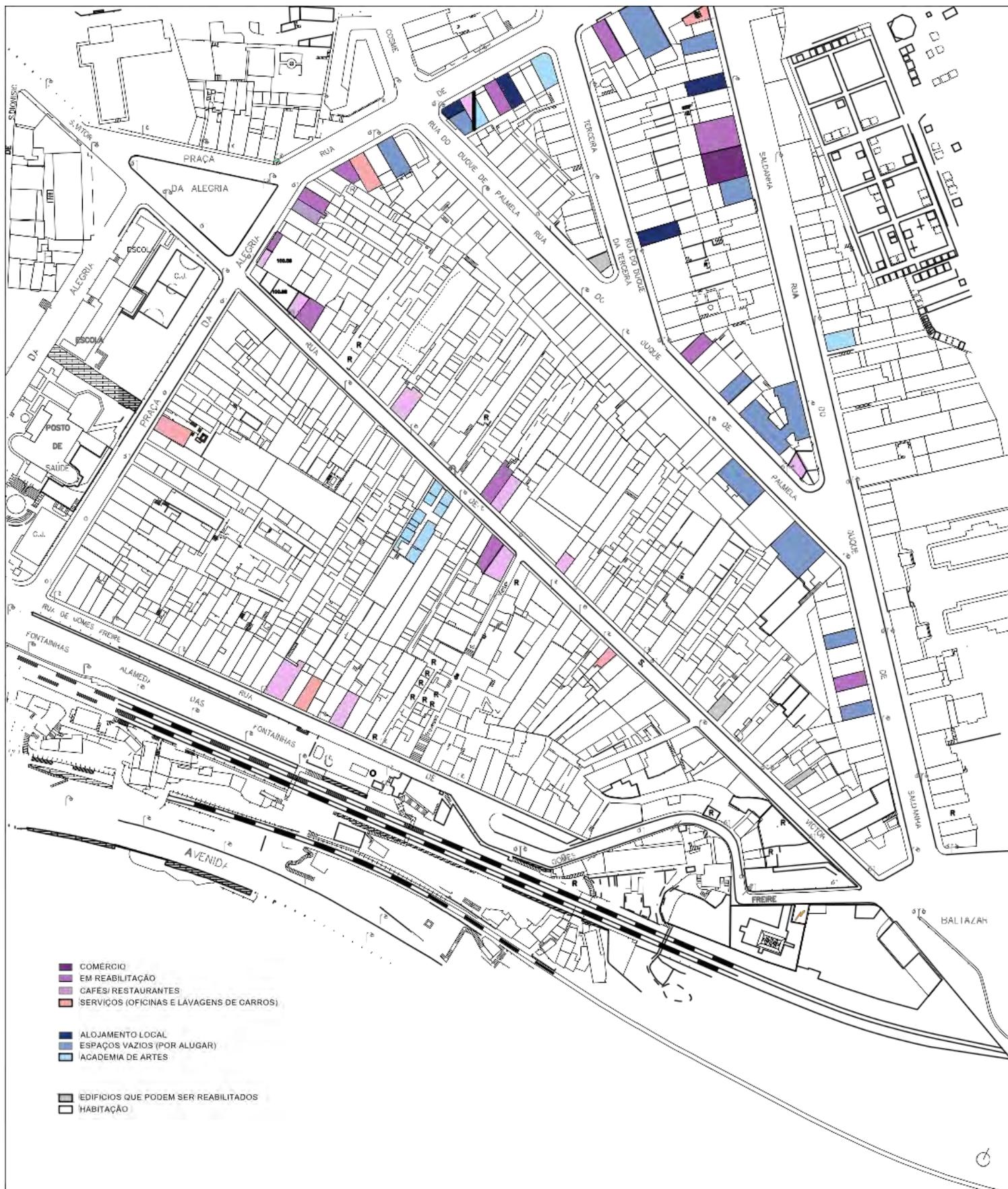


Figura 18: Planta de funções e tipos de habitação no lugar das Fontainhas

Relativamente aos **espaços verdes**, estes foram uma das principais preocupações, pois melhoram não só a qualidade do espaço urbano como também interferem na qualidade de vida dos habitantes. Foi rapidamente perceptível que as ruas na área próxima desta zona são qualificadas com a existência dos mesmos, contudo, ao entrar nas Fontainhas esta qualidade urbana perde-se completamente. Por sua vez, relativamente ao edificado, foi notória a presença de inúmeras construções abandonadas e em avançado estado de degradação. Além disso, foi também perceptível a escassez de serviços de necessidade básica, obrigando a população a fazer maiores deslocamentos devido à falta de apoio na área residencial.

Todo este processo foi acompanhado com uma análise funcional de cada edifício localizado na envolvente do equipamento a projetar, como comércio, serviços, alojamento local, entre outros.



Figura 19: Perspetiva dos percursos no interior dos quarteirões

Figura 20: Esquema do cruzamento do percurso com o edifício proposto

1.1.1. CONCEITO GERAL DE PROPOSTA

Todas as propostas apresentadas são um meio para integrar o lugar das Fontainhas na cidade, tornando-o mais qualificado ao nível urbano e social. Projetou-se com o intuito de preservar a cultura e identidade do espaço, sendo prioridade entender quais as necessidades reais da população, de modo a criar soluções adequadas e realistas. Optou-se por estabelecer um núcleo delimitado por eixos importantes - a Rua das Fontainhas, Avenida de Rodrigues de Freitas, Rua Duque de Saldanha e a Sul, o rio Douro - no qual foi decidido incidir o foco. Em termos de conceito, destacou-se o principal objetivo do projeto: a criação de PERCURSOS.

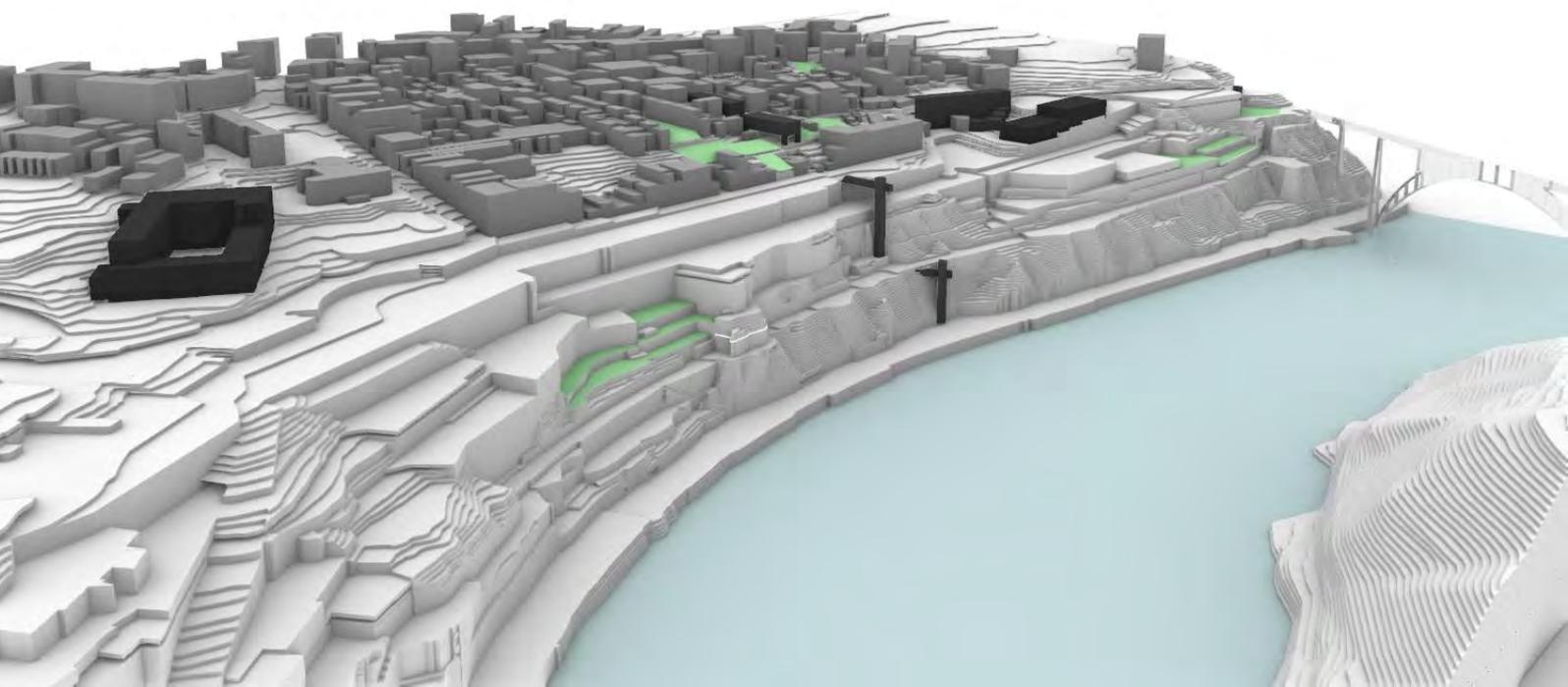
Seguindo uma lógica de rede urbana (de pequena escala), foram estabelecidas ligações que não só criam melhores acessos entre quarteirões, como também conferem uma significativa qualidade urbana a este espaço. Ao longo destas travessias, é possível desfrutar de zonas de lazer, nas quais podemos usufruir da paisagem, praticar exercício físico ou atividades lúdicas. Além disso, sem nunca esquecer as necessidades fundamentais da população, é possível encontrar lugares destinados a atividades comunitárias e também novos programas de serviços e apoio aos habitantes.

Neste sentido, todas as propostas realizadas, desde a requalificação do espaço urbano, a criação de novos edifícios e a importante intervenção no interior dos quarteirões habitacionais - todas elas têm como objetivo comum a **integração social e valorização desta população**. Com uma enorme ambição de projetar para melhorar vidas, pretendeu-se ao longo de todo o processo desenvolver uma estratégia sólida e coesa que, através da arquitetura, visa iniciar um processo social, no qual o grande objetivo é “Reinventar cidades, moldar mentalidades”.



Figura 21: Planta evolução dos pátios - Fase 3

Figura 22: Perspetiva tridimensional da proposta de intervenção urbana



INTERVENÇÕES PRINCIPAIS

Após uma reflexão ponderada de toda a informação recolhida sobre quais as intervenções principais a implementar nas Fontainhas, optou-se pela criação de pátios públicos e privados no interior dos quarteirões habitacionais:

Os **pátios públicos** são locais destinados a toda a população, apresentam-se como locais de travessia ou de paragem, podendo ser considerados espaços urbanos de pequena escala. Servem simultaneamente como elementos de ligação entre quarteirões, permitindo novos acessos.

Já nos **pátios privados**, é feita a remodelação dos espaços exteriores das habitações, criando lugares destinados apenas aos habitantes das “ilhas”. Pretendem ser locais de convívio e partilha, onde se podem realizar diversas atividades, assumindo a cultura do local. De modo a que a proposta se assumia ainda mais realista e concretizável, foram propostas diferentes fases de alargamento das áreas dos pátios. Isto reflete a preocupação com os processos reais de compra e venda, ao mesmo tempo que pretende ser um processo lento que acompanhe o ritmo da mudança de mentalidade da população.

INTERVENÇÕES SECUNDÁRIAS

Relativamente às intervenções secundárias, estas surgiram de forma a preencher os vazios urbanos, solucionando vários problemas presentes nesta zona da cidade, como por exemplo a criação de um parque infantil na rua Gomes Freire, a implementação de um parque de estacionamento público e a remodelação do largo de entrada no cemitério. Devido ao elevado número de intervenções de menor escala, foi elaborada uma lista, presente em anexo, com uma descrição mais detalhada de cada intervenção.

LEGENDA:

Programas Propostos:

- 1 – Centro Comunitário
- 2 – Edifício de Banhos Públicos
- 3 – Albergue Noturno

Intervenções secundárias:

- A – Remodelação do estacionamento existente e criação de um novo estacionamento de apoio ao colégio de Nossa Senhora da Esperança;
- B – Novo edifício de habitação e remodelação do espaço público;
- C – Remodelação da praça de S. Victor e implantação de um novo edifício de habitação;
- D – Remodelação da antiga fábrica de cerâmica para um Centro Cultural;
- E – Criação de um auditório ao ar livre e projeção de cinema na ponte do Infante;
- F – Espaço de arrumação e utensílios agrícolas;
- G – Implantação de 2 elevadores verticais e reabilitação da pré-existência como bilheteira;
- H – Pátio privado;
- I – Pátio público;
- J – Novos edifícios de habitação;
- K – Oficinas de carpintaria e artes manuais;
- L – Espaço comercial.



Figura 23: Planta geral de proposta em grupo



Capítulo 2

Corpo e Água

“A representação do corpo, no que ele significa, na sua lírica, no seu discurso e através da sua presença no espaço e no tempo reflectem um conjunto de inquietações que acompanham o homem desde sempre. (...) O corpo é, para além de um instrumento, também um reflexo de determinadas dinâmicas sociais, culturais e mentais e é assim que o estudo das suas representações estimula e constrói o pensamento sobre o Homem de uma forma viva e constantemente renovada.”



Figura 24: Balneários Públicos de S.Nicolau, Porto

2. CORPO E ÁGUA

Como o próprio título indica, este capítulo dedica-se ao estudo da relação entre o corpo e a água, o sólido e o líquido, a forma e o abstrato. Esta relação é desenvolvida através da criação de um ou mais ambientes capazes de suportar tal finalidade, através de características específicas como a luz, áreas amplas ou reduzidas - tudo reunido num mesmo espaço – os Banhos Públicos.

Desta forma, o segundo capítulo encontra-se dividido em três partes: primeiramente apresenta-se o corpo humano e a prática física adjacente ao mesmo; em segundo lugar, interpreta-se a água como elemento essencial no desenvolvimento deste equipamento e a sua apropriação espacial. Por fim, procura-se entender a evolução dos banhos públicos em Portugal, em especial na cidade do Porto.

Desde a antiguidade até aos dias de hoje, a prática do banho tal como os espaços destinados a tal fim, vieram constantemente a mudar os seus hábitos e práticas ao longo dos anos, como veremos a seguir.

Atualmente são inúmeros os métodos terapêuticos, desde ingestão, inalação a banhos, podendo assumir diversas formas, como a imersão pura e simples, hidromassagem, diversos tipos de duches como o jato, vapor, água quente e fria, dependendo do tipo de tratamento.

2.1.CORPUS SANUS

A consagração das fontes aos deuses, bem como o valor que a água e a nudez tinham, foram importantes para as culturas grega e romana. Os gregos foram os primeiros a considerar o uso da terapia com água, no entanto, foi a civilização romana que a popularizou, transferindo-a para a cultura islâmica e, posteriormente, espalhando-se pelo mundo ocidental.

Recuando a 430 a.C, entre os gregos o corpo nu, ou seja, a nudez, tinha um significado diferente do que nos é indicado hoje. Segundo Richard Sennett, entre os antigos gregos, um corpo nu indicava a presença de uma pessoa forte, civilizada e invulnerável. Acreditava-se que o calor corporal era a chave da fisiologia humana, isto é, quem dominava o calor corporal não precisava de roupas, “um corpo quente era mais reativo, mais febril do que um corpo frio e inativo. Los cuerpos calientes eram fortes e tinham calor para agir e reagir” (Sennett, 1997; p. 36).

Já na Roma antiga, a investigação do tema da água trouxe novas experiências, onde conceitos como **higiene** e **lazer** se tornaram atividades quotidianas e muitas vezes necessárias. O banho deixa de lado o seu propósito original de limpar, para ser um espaço essencial de prazer para a comunidade, onde se reúnem o lazer e a contemplação individual, coletiva e divina. Os banhos públicos, originalmente romanos, localizados junto ao fórum e visitados diariamente por aristocratas, atingem “dimensões e decoração excessivas, possuem sistemas inteligentes de captação e distribuição de água e esgoto” (Pires, 2014; p. 33). Assim, ganharam interesse social e passaram a ser utilizados como locais de encontro onde se discutiam importantes assuntos políticos: “era aqui que as decisões eram tomadas, os acontecimentos políticos comentados, e os votos da lei negociados” (Conceição, 1997; p. 471).

No caso das termas romanas, estas eram instalações adequadas ao uso terapêutico de águas com propriedades curativas e espiritualmente regeneradoras, onde podiam ou não incluir locais específicos para o funcionamento de banhos públicos. Estes eram mais frequentemente associados a cultos, mitos e divindades como formas de purificação, regeneração e cura. A prática do termalismo surgiu da necessidade humana de estar em contato com a natureza na sua forma mais pura.

Como o banho não seria considerado realmente útil se não fosse acompanhado de exercício físico, era reservada uma área para o efeito. Os jovens lutavam nus no ginásio, na cidade usavam roupas largas na rua, na praça expunham-se completamente para afirmar a sua masculinidade e sobretudo como sinal da sua dignidade cívica. O ato de interagir com a água, pela nudez implícita, logo significou uma exposição pública e política: a moderação dos impulsos e do calor corporal.

Para além dos espaços de diálogo e reunião, os banhos públicos também tinham áreas de leitura mais silenciosas e espaços internos. Eram edifícios associados à ideia de **culto da água, contemplação da vida, controlo do corpo e génese lúdica**, sendo por isso o ponto de encontro preferido da corte. Estes geralmente criavam uma atmosfera de masculinidade, comparável às fontes públicas, que eram locais de encontro mais populares destinados ao povo.

Segundo Trindade, 2015, “na Idade Média, especialmente entre os séculos IX e XIII, os banhos públicos e as estufas foram locais de prazer específicos e não tanto de higiene”. Para além das práticas termiais, os banhos passaram a incluir práticas eróticas e de conotação sexual, como era comum nos bordéis, tabernas e casas de jogo. Só a partir da segunda metade deste período é que estes hábitos deixaram de ser comuns nos equipamentos balneares.

No entanto, entre todas as obras construídas, estes edifícios constituíram um dos poucos espaços destinados às mulheres, onde estas tinham a oportunidade de desfrutar e vivenciar momentos de trabalho quotidiano despreocupado, durante os quais se limpavam, perfumavam e embelezavam.

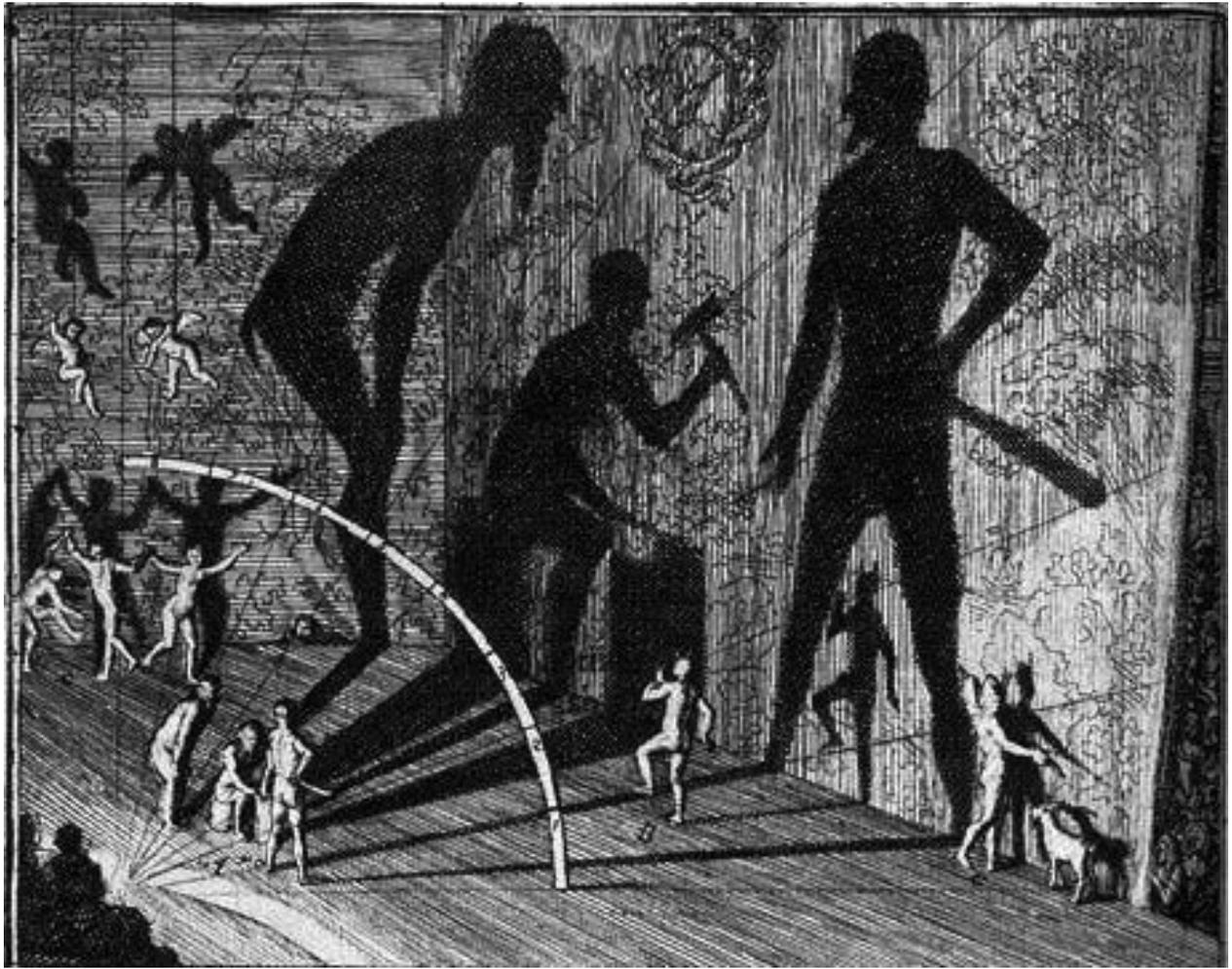


Figura 25: Samuel Van Hoogstraten, The Shadow Dance, 1675

Mais do que ser um meio, o corpo transforma-se no próprio fim, ou, como diria Maffesoli, o que

*“parece desconcertante atualmente é que o corpo é tomado em si mesmo; há uma espécie de culto ao corpo que ganha cada vez mais importância social. Veste-se o corpo, cuida-se do corpo, constrói-se o corpo, e é neste sentido que se pode falar de um culto ao corpo como sendo (um pouco por todo o lado do mundo) uma das marcas deste hedonismo”*⁶

⁶ Maffesoli, M. (1998). *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes.

2.2.ELEMENTO ÁGUA

A vida só é possível a partir do elemento água, que sempre esteve presente como condição vital para a existência humana, desde as primeiras civilizações. Este encontra-se disponível em várias formas, seja em torneiras privadas, torneiras públicas, interior, exterior, na rua, em casa, em abundância ou em gotas. No entanto, toda a relação com a água está aprisionada por uma reflexão extrema em que a mesma não tem forma definida nem estado fixo: ou é escassa ou inunda. A verdade é que o presente deve-se ao passado e à descoberta, descoberta esta baseada na necessidade, isto é, em que momento da história foi necessário estudar e criar certos esquemas para contê-la, guiá-la, iniciá-la e distribuí-la. A água é assim, como os outros elementos (terra, ar e fogo), um meio a ser dominado.

Substância líquida e incolor, indistinta e inodora, necessária à vida da maioria dos organismos vivos, diz o arquiteto português Luís Filipe Conceição na sua obra *Consagração da água pela arquitetura*, o contacto do corpo com a água é entendido como regeneração: por um lado, após a dissolução seguida de novo nascimento, por outro lado, a imersão fertiliza e aumenta o potencial de vida e criação. É possível atingir a regeneração total, isto é, um novo nascimento pela imersão na água, ato este que simboliza e iguala a dissolução das formas. Torna-se assim um símbolo da vida, está no corpo humano, na terra, nos animais e nas plantas, é insubstituível e indispensável, é a fonte da vida em todos os níveis da existência. Voltando à origem de toda a existência, água e peixe estão relacionados e representam a seiva, o sêmen, a conceção e a geração.

Falar da relação entre o nascimento e água, leva-nos inevitavelmente a um assunto chamado batismo. Palavra de origem grega "baptismós", que significa "lavagem, imersão" segundo o *Dicionário de Etimologia da Língua Portuguesa*, onde mais do que lavar significa morte e ressurreição simbólicas, purificação da alma, regeneração do crescimento, "porque o que é mergulhado nela morre e, erguendo-se das águas, é [...] capaz de receber uma nova revelação e de começar uma nova vida limpa" (Conceição, 1997; p. 26).

Mais uma vez, a vida só é possível a partir do elemento água e, se a água induz à fertilidade, pode também salvar vidas. Fala-se muito das fontes de juventude eterna, fortalecidas pela água com poderes curativos, seja por ingestão ou imersão. Esses métodos ainda existem hoje, onde a eficácia médica substitui lendas e mitos. No entanto, não devemos esquecer a sua origem, que se conserva na prática do termalismo, recuando à mais alta antiguidade.

Segundo Gonçalo Ponces, na sua tese *Celebrating the water in the city*, a cultura Árabe sempre admirou a água. Visto que nunca foi um elemento tão abundante, as pessoas viam-no como um bem riquíssimo. Os espaços públicos e privados incluíram a presença da água no centro como elemento essencial da atmosfera espacial. Este foi utilizado em jardins como método para refrescar o ar e ao mesmo tempo apoiar a organização do espaço ao longo dos eixos que dele emanam.

Além das mitologias e construções físicas, a água também colabora da experiência sensorial, é capaz de transformar elementos estáticos em situações dinâmicas e vice-versa. Além disso pode até dominar o som antes da visão ou mesmo interferir na iluminação. E de repente, o espaço torna-se algo diferente do que os olhos compõem, este ativa outros sentidos, experimenta-se fisicamente o lugar sem aparentemente vê-lo.

“Da relação entre o homem e a água pode nascer o sonho, o devaneio, e desse imaginário onírico pode nascer a Arquitetura” (Conceição, 1997; p. 59). A presença da água, seja em nascentes, riachos, em grandes ou pequenas massas visíveis e invisíveis, sempre determinou o imaginário mítico e místico, do qual derivam lendas e rituais do vocabulário desordenado da criatividade humana. É aqui que entra a arquitetura. A presença da **água como elemento ordenador** é significativa em regiões e territórios onde a mesma é escassa, dando asas à criatividade humana para conceber engenhosos e mecanismos de acesso a este elemento, seja para a sua condução, retenção, distribuição ou mesmo utilização como elemento central da habitação. São muitos os exemplos de interesse humano e da mecânica aquática em grandes ou pequenas obras hidráulicas para melhorar as suas condições de vida. Quer se tratasse de superstição e devoção, quer dos templos e edifícios construídos, estes serviam para santificar o elemento básico da vida - a água.

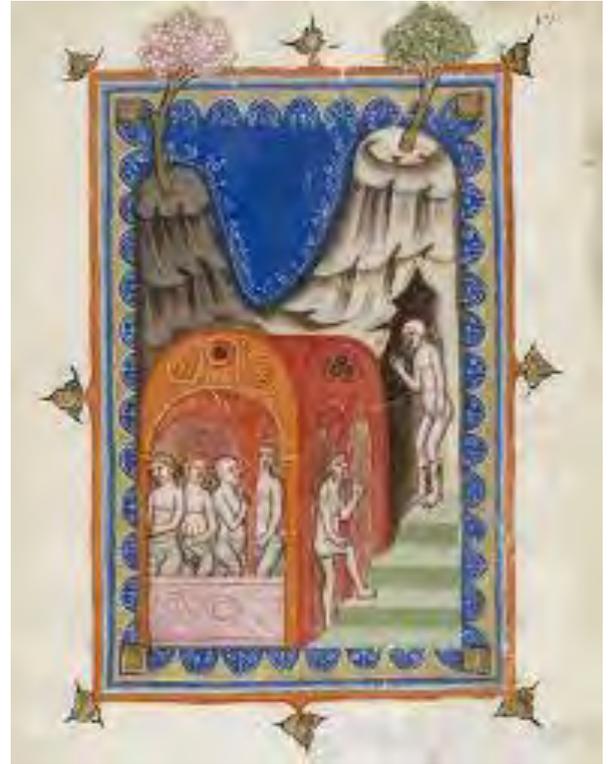


Figura 27: Dits de Watriquet de Couvin, século XIV, Paris

Figura 26: As termas de Pozzuoli (Nápoles)

Figura 28: Representação do banho terapêutico. Aldobrandino da Siena, Regime dei Corpi ou Li livres dou sante, século XIII

2.3. A CULTURA DOS BANHOS

Nesta fase procurou-se entender a forma como o banho marcou as experiências quotidianas, sendo geralmente aceite e praticado pelas suas qualidades terapêuticas, experimentado também como momentos lúdicos e sociais.

Desde sempre, os banhos foram apreciados, o que se explica pela componente social que lhes estava associada, especialmente na esfera do quotidiana das mulheres. Porque a água era acima de tudo um prazer, o banho tornou-se, ou simplesmente continuou a ser, um momento essencialmente lúdico, festivo e comunitário. Com o corpo total ou parcialmente submerso na água quente, as pessoas conversavam, ouviam música, bebiam vinho e comiam diversos alimentos. (Trindade, 2015)

*These moments elevate the water into something quite poetic, related to contemplation, transforming it into architecture. It is more than aesthetic concern, it is a key element for a full interaction between space and the human body.*⁷

Além de fornecerem aplicações hidroterapêuticas, os Banhos Públicos permitem ainda um espaço de relaxamento, também ele favorecedor de interações sociais, de convívio, casuais e envolvendo diferentes setores da sociedade. Desta forma, o projeto procura abranger um leque diversificado da população, tanto a nível da faixa etária como do estrato social. Neste caso em particular, os banhos serão encarados como um ponto de encontro, isto é, um espaço de reunião, convivência e interação social.

⁷ Ponces, G, M, P, B, C. (2014). *Celebrating the water in the city*. (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade Autónoma de Lisboa). Repositório aberto da Universidade de Lisboa. p. 58.

O banho raramente foi (ou ainda é) apenas um gesto utilitário, destinado somente à limpeza do corpo. Voluntário e espontâneo ou forçado e imperativo, popular e simples ou sofisticado e complexo, este “ritual” adquire múltiplos contornos e significados ao longo do tempo. (Trindade, 2015)

Embora nem sempre seja fácil traçar uma linha clara entre os diferentes tipos de **banhos, termais e correntes**, sobretudo quando os primeiros fazem parte do espaço urbano, importa sublinhar que não são as águas termais, as *Aquae Calidae*, conhecidas e exploradas desde a antiguidade, o principal foco da presente tese. (Trindade, 2015)

De facto, independentemente da forma (vapor ou imersão) e frequência, é a utilização do banho como prática cultural, princípio de higiene e espaço/tempo de convívio lúdico que se pretende explorar, sobretudo na sua vertente urbana, pública e coletiva.

2.3.1. A CULTURA DOS BANHOS EM PORTUGAL: O CENÁRIO PORTUENSE

Embora os banhos públicos sejam referências comuns na documentação relativa a qualquer cidade ou vila, independentemente da sua dimensão ou grau de urbanidade, permanecem de facto ignorados pela já extensa e diversificada história portuguesa. Em suma, apesar de sua popularidade antiga, permanecem praticamente desconhecidos nos dias de hoje. (Trindade, 2015)

Na cidade do Porto, as ilhas e os bairros populares são os elementos da cidade que mais evidenciam a passagem da era industrial e, conseqüentemente, os principais fatores que agravaram a falta de saneamento. A cidade tem um traçado topográfico em forma de anfiteatro, o que ajuda no escoamento do esgoto a céu aberto, no entanto, não é suficiente para preencher a falta de esgotos. O rio também se transforma num canal de drenagem, poluindo tudo ao seu redor e impossibilitando o uso de suas águas.

Assim, "com apropriada ductilidade, tem de ser conduzida a ação sanitária na cidade do Porto, dadas as condições especificadamente ligadas à topografia e vida social desse aglomerado." ⁸

Além disso, as condições climatéricas agravam também esta realidade. O clima é essencialmente húmido com máximas e mínimas muito espaçadas. Elevada precipitação durante o inverno e pior que chuva, nevoeiro e humidade atmosférica na primavera.

Entretanto, a imprensa começa a debater a questão do saneamento básico, que era considerada a chave da mudança para o quotidiano dos portuenses.

Os dejectos familiares eram ainda guardados em jarros que se despejavam as sarjetas, esperando-se a vinda dos latrineiros, indispensáveis para limpezas, que, nos novos edifícios, se acumulavam em salinhas retiradas, quase sempre nas varandas das traseiras. A limpeza é, de facto, uma grande preocupação da nova mentalidade. A limpeza pessoal, o branqueamento da roupa, tudo exige uma grande quantidade de água, que o serviço dos galegos aguadeiros não compensa.

Devido a esta preocupação e consciência acerca da limpeza pessoal e urbana, foram tomadas as primeiras medidas no que diz respeito ao abastecimento da cidade e dos seus habitantes e da criação de equipamentos públicos (com as necessárias condições de higiene).

Os hábitos de higiene, tanto pública como pessoal, seriam gradualmente introduzidos no pensamento dominante e transformariam, embora com algumas contradições, o modo de vida e a forma de habitar.

⁸ Entrevista porto

Na dimensão pública dessa transformação, a demolição e a reconstrução dos centros urbanos – justificada pela desadequação das dimensões e organizações das habitações e compreensível pelo aumento do valor fundiário das áreas centrais da cidade –, forma apenas um aspecto da transformação acompanhada pela construção de novas redes e sistemas de abastecimento de água, electricidade, gás e saneamento, mas também por novas práticas de comportamento, como a interdição de escarrar na via pública ou a lavagem periódica do corpo. ⁹

Além disso deve-se tomar em conta as evoluções políticas que surgiram nesta transição de séculos e primeira metade do século XX em Portugal, mas também o que se passava na Europa e que consequências dela resultaram no desenvolvimento da higiene no nosso país e mais concretamente para o caso de estudo.

Atualmente, segundo uma notícia do Jornal Expresso¹⁰, milhares de pessoas continuam a recorrer ao uso dos Banhos públicos na cidade do Porto, devido em grande parte, às escassas condições de higiene nas suas casas. Isto só demonstra que atualmente, os banhos surgem com um propósito diferente do passado, elevando com principal objetivo o culto ao corpo através de cuidados de higiene.

⁹ Tavares, André – *Arquitetura Anti-tuberculose: Trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e Suíça*. 1.ª Edição: 2005. FAUP Publicações, pág. 190 e 191

¹⁰ Notícia Jornal Expresso, consulta realizada dia 20 novembro 2022 às 15:32h



Capítulo 3
Os Banhos Públicos do Bonfim

“A forma segue a função”

Louis Sullivan

3. OS BANHOS PÚBLICOS DO BONFIM

Descrever um projeto significa escrever sobre linhas, planos, volumes, proporções, medidas, relações, entre outros. Por outro lado, descrever um edifício implica retratar os seus materiais e métodos construtivos. Dessa forma, o presente e último capítulo é composto por duas partes: Num primeiro momento, o estudo irá debruçar-se sobre a origem do projeto assim como o seu **desenvolvimento conceptual**; Na segunda parte, o foco concentra-se na **caracterização física do edifício** assim como o **método construtivo** aplicado.

Como referido anteriormente, optou-se por estudar os Banhos Públicos, situados no Lugar das Fontainhas, e a sua relação com o interior dos quarteirões. Uma vez que o trabalho foi desenvolvido em conjunto com as disciplinas de Atelier de Projeto I e II, este irá permanecer no campo de investigação, não sendo efetivamente construído. Assim, desenvolvem-se objetivos gerais e específicos, de forma a apoiar o exercício projetual.

Relativamente à proposta individual, esta tem como principal objetivo **projetar de um equipamento de uso social e comunitário que valorize e beneficie a vivência no Bonfim** e, especialmente, na região das Fontainhas, no Concelho do Porto. No fundo, pretende-se a gerar um espaço de lazer e acima de tudo um ponto de encontro e reunião aberto a toda a comunidade, com a finalidade de integrar socialmente a população local e a que por ali passa. Uma vez que se trata de um local com uma habitação envelhecida, na qual as casas não lhes dão condições necessárias, principalmente de higiene, acredita-se que este é o local ideal para a implantação dos banhos.

Esta infraestrutura terá como objetivo a prestação de apoio aos cidadãos mais carenciados do município do Porto. As instalações foram desenvolvidas a pensar no conforto dos utilizadores, onde é possível a realização de serviços básicos de higiene pessoal, entre outros. Desta forma, a presente proposta visa a criação de um **espaço de reconexão com o corpo: conexão essa que foi perdida ao longo do tempo com a vivência e ritmo da cidade urbana.**

Sendo a higiene pessoal praticada maioritariamente em espaços interiores, os banhos públicos são, hoje em dia, um elemento essencial para todas as comunidades. No entanto, a evolução desta prática, com amplos contornos “civilizados”, face ao que se conhecia nas termas e estufas medievais, prevê ainda um certo distanciamento social, onde os contactos são reduzidos ao mínimo e a privacidade dos restantes banhistas é respeitada. Existem linhas de conduta invisíveis que mantêm um certo equilíbrio social dentro dos banhos públicos, bem como regras, nunca faladas ou escritas, mas por todos compreendidas.

3.1. CONCEITO

Como foi possível entender, a execução de um projeto de arquitetura, assim como qualquer outra obra, tem premissas que lhe são próprias: há um lugar em que se irá implantar o edifício, há um programa a ser atendido, e há um sistema construtivo a ser definido. Este conjunto de premissas é desenvolvido graficamente num desenho que serve como mediador entre a ideia do projeto e a sua concretização. Assim, o desenvolvimento projetual passa por três fases – primeiramente define-se o lugar de implantação do equipamento a intervir; de seguida é criado um programa para o mesmo; e por fim é desenvolvido um sistema construtivo a aplicar no edifício. No entanto, há uma premissa que se mantém ao longo do desenvolvimento do projeto, desde os primeiros esboços até à apresentação final – o **conceito**.

Este é algo abstrato, que está por trás dos desenhos e maquetes e ainda orienta as práticas que devem ser feitas por um arquiteto na hora de projetar. Neste caso, a melhor forma de entender o conceito é responder a algumas perguntas: Qual é a ideia do projeto? Qual é a sua intenção? Qual é a sensação que se quer passar com a obra?

Sendo este um espaço que promove a prática de exercício físico, assim como um ponto de encontro para toda a comunidade local, estas instalações visam promover a saúde física e mental através da criação de um ambiente confortável e acolhedor. Além disso, o projeto procura responder às necessidades básicas de higiene da população local.

Este equipamento ambiciona ser um lugar de reconexão com o corpo através da água. A presença deste elemento no desenho biológico evoluiu a partir da investigação sobre os benefícios alcançados no âmbito da saúde e bem-estar associados ao acesso à água. Descobriu-se que a água ajuda a reduzir o stress, diminui a frequência cardíaca e a pressão sanguínea, aumenta a sensação de tranquilidade, a capacidade de resposta emocional positiva e melhor concentração.

3.1.1. LUGAR DA ÁGUA E DO POVO

Falar de banhos, é também falar do corpo, das suas necessidades e da sua relação com a água, incluindo a prática de exercício físico. Para tal, é importante a existência de espaços com ambientes propícios para tais atividades, pelo que a criação deste novo equipamento irá abranger três níveis de apropriação: social, física e a higiene.

Espaço Social

Para além das suas aplicações hidroterapêuticas, os Banhos Públicos proporcionam um espaço de relaxamento que promove também o convívio social, a hospitalidade, a informalidade, envolvendo os diferentes estratos da sociedade. Neste caso em particular, os banhos são encarados como um ponto de encontro, isto é, um espaço de reunião, convivência e interação social.

Porque a água era em primeiro lugar um prazer, o banho tornou-se — ou simplesmente continuou a ser — um momento fundamentalmente lúdico, festivo e partilhado. (Trindade, 2015, p. 213)

Estas interações sociais podem ocorrer em qualquer das áreas do equipamento proposto, desde a piscina, a sauna, cafetaria ou outros espaços comuns.

Pertinência Física

Este novo programa contém espaços que promovem a prática de exercício físico, através das amplas áreas presentes no equipamento, dos seus percursos, dos acessos ao exterior e até mesmo da disposição de algum mobiliário.

O programa dos banhos contempla vários espaços dedicados à prática de exercício físico, entre eles o ginásio e áreas complementares como, por exemplo, a sala de aulas em grupo ou o pátio exterior. Além disso, tanto a área reservada para o uso das saunas como a zona da piscina estão automaticamente relacionadas com a prática física.

Higiene

Por fim, as condições de higiene destacam-se como uma necessidade básica do ser humano, dando assim maior importância a este equipamento comunitário.

Sendo a higiene pessoal uma prática individual e pessoal, dar-se-á ênfase à utilização das casas de banho e duches presentes no edifício em anexo, enquadrado no

programa dos banhos, onde a interferência é mantida a um mínimo, respeitando a esfera privada dos outros banhistas.

No entanto, a mera existência de um equipamento público para esse fim garante a continuidade de uma cultura ancestral. Cultura essa, claramente diferente das termas e estufas medievais, agora com contornos civilizados, com regras comportamentais e sociais.

Espacialmente, este último ponto traduz-se, principalmente, na utilização das casas de banho e duches presentes no edifício em anexo, enquadrado no programa dos banhos.

Assim, os domínios social, físico e da higiene apresentam-se de igual modo importantes e coexistem no mesmo espaço - os Banhos Públicos. O uso regular de um equipamento com estas características torna possível, tanto o bem-estar físico como psicológico de quem o frequenta. O corpo e água dão lugar ao corpo e mente.

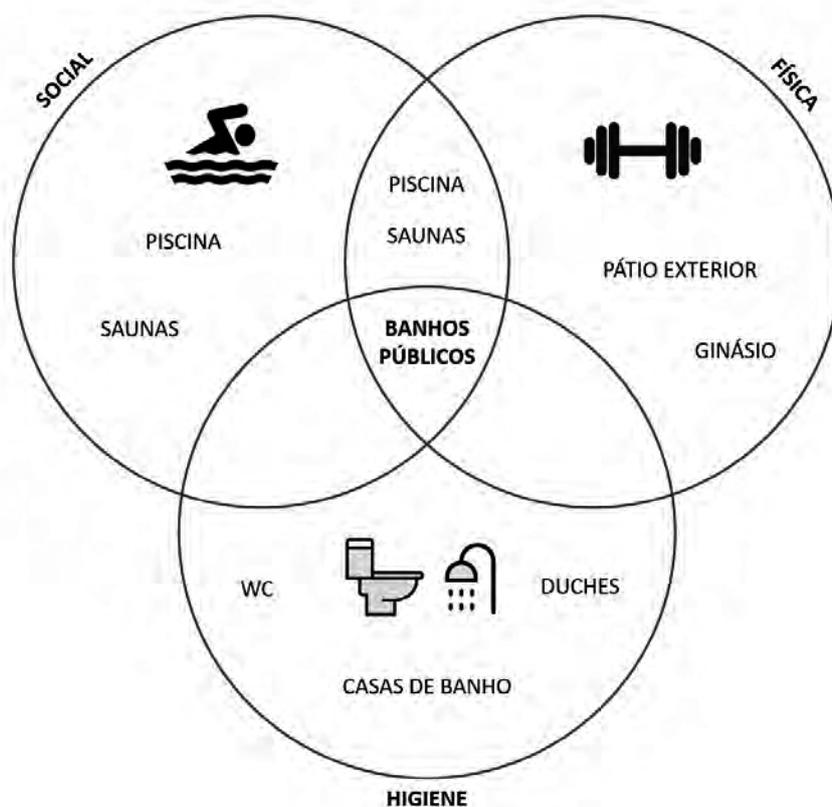


Figura 29: Esquema de apropriação do equipamento



Figura 30: Centro de convívio da Junta de Freguesia do Bonfim

Tendo sido feita uma análise dos diferentes níveis de apropriação do equipamento, resta apenas saber quem serão os utilizadores deste novo espaço.

Como se torna evidente, este lugar é caracterizado, ao longo dos séculos, por um contexto de fragilidade social e económica, sendo o processo de acolhimento de desfavorecidos já intrínseco desta população. Deste modo, a implantação de um edifício de Banhos Públicos destinado a refugiados e pessoas em situação de sem-abrigo torna-se bastante pertinente, não só pelas características do terreno de intervenção e pelo potencial da sua localização central no bairro, como também pelo contexto em que se insere, sendo um mecanismo que poderá também contribuir para atenuar as fragilidades da comunidade. Apesar da vertente dos banhos ser apenas destinada ao público-alvo referido, as restantes vertentes culturais, sociais, médicas e desportivas do edifício são também de acesso público, estando ao dispor de toda a comunidade.

Desta forma, o projeto procura abranger um leque diversificado da população, tanto a nível da faixa etária como do estrato social. Este equipamento procura acolher a população mais desfavorecida da cidade do Porto, no entanto, o foco centra-se na comunidade das Fontainhas, em especial, na rua de S.Vitor.



Figura 31: Implantação do equipamento no interior dos quarteirões

3.2. O PROJETO

3.2.1. UM ESPAÇO VAZIO

Para a presente dissertação tornou-se essencial o conhecimento da história do lugar das Fontainhas, sendo este o local ideal para a implantação do projeto de um novo Banho Público no Porto. Este pensamento deve-se ao facto da área a implantar este novo equipamento, se encontrar desocupada, formando um vazio urbano. Desta forma, aumenta a vontade de requalificar este espaço através de implantação de novos programas que lhes possam fornecer um novo uso.

Embora tenham como principal função o abastecimento público de água, o interessante a realçar das fontes públicas e chafarizes, poços comunitários e cisternas, é que todos são abastecidos por nascentes naturais, sendo que cada um deles tem a particularidade de ser um **local central de determinada área, um lugar de bem-estar social e económico** entre os habitantes de cada comunidade, ainda hoje muito presente. A presença de água em fontes dá origem a um determinado local. Os aglomerados urbanos organizavam as suas praças de acordo com o chafariz, “que na estrutura urbana, lhe transmitia o sentido de lugar e, acima de tudo, o centro da comunidade” (Conceição, 1997; p. 340). Tal como nos banhos públicos destinados à classe média alta, estes eram um ponto de encontro onde se discutiam assuntos de interesse geral e um local de socialização e convívio entre o povo.

O local seleccionado para a implantação do equipamento foi definido durante a fase de trabalho de grupo, sendo parte integrante da proposta de intervenção urbana. O lugar em questão foi escolhido por todos os elementos do grupo para acolher o edifício de Banhos Públicos, sendo isto consequência de um conjunto de fatores que o tornam pertinente para a implantação deste tipo de programa. Devido à heterogeneidade do terreno, este edifício tenta aproveitar ao máximo as diferenças de cotas e a relação com a travessa, criando assim um jogo entre o pré-existente e o novo.



Para além das suas características morfológicas e topográficas, o espaço é valorizado pela sua envolvente, beneficiando todas as potencialidades proporcionadas pelo lugar das Fontainhas. A sua localização representa um pedaço importante deste lugar, tendo um grande impacto em ambientes públicos e privados e ainda contacto direto com a rua de S. Vitor, que acaba por dividir os dois principais quarteirões desta área.

A implantação deste equipamento pode ser encarada como o epicentro do bairro das Fontainhas, devido ao seu impacto geográfico. Metaforicamente falando, este equipamento corresponde ao “coração” desta comunidade, com as suas “artérias” e “veias”, representadas pelos principais acessos e vias pedonais respetivamente. Tal como o fluxo sanguíneo responde as necessidades vitais de um coração, estes acessos irão permitir à comunidade local e de passagem manter a energia vital e melhorar a sua qualidade de vida.

Figura 32: Dinâmicas e percursos no interior dos quarteirões





Figura 34: Entrada da travessa através da Rua de S. Victor

Figura 33: Entrada da travessa através da rua da Alameda das Fontainhas

Desde meados do século XIX que, nas entranhas do Porto, no interior dos seus quarteirões, permanecem os conjuntos habitacionais a que os portuenses designam de “ilhas”. Estas representam, entre outras características, um tipo de organização socio-espacial muito específico, criado e preservado pelos seus moradores em geral.

*São quase invisíveis a partir das ruas e travessas da cidade. Quem por elas passa, vê apenas um portão embutido numa parede – quase sempre fechado, acessível apenas a moradores. Para lá dessa abertura, ao longo de um corredor estreito, estendem-se pequenas casas geminadas, tipicamente com menos de 20 metros quadrados de área.*¹¹

Desta forma, o equipamento a ser projetado pretende dar continuidade a uma história e cultura passadas, optando por uma intervenção espacialmente adequada, isto é, evitou-se ao máximo a implantação excessiva, através de uma estratégia de desenho longitudinal. Além disso, as dimensões do lote, a sua localização dentro do conjunto de construções existentes e as condições do programa que foi definido, foram determinantes na organização do projeto e na sua implantação.

Geograficamente, este equipamento ocupa dois lotes, situados no cruzamento entre a rua e a travessa de S.Victor, que dá acesso à rua de Gomes Freire e à alameda das Fontainhas, com vista privilegiada para o rio (consultar planta de implantação em anexo). O primeiro lote contempla o equipamento a ser projetado, enquanto que no segundo podemos encontrar um pátio exterior e um edifício anexo de forma a complementar o seu programa (ver fig.35). Apesar dos dois volumes se encontrarem, aparentemente, separados, estes encontram-se conectados através do programa dos banhos, subterrâneo.

¹¹ Maia, A, M. (2022). *Um mergulho nas ilhas de S.Victor, nas “entranhas” do Porto*. Jornal Público. Consultado a 10 de outubro de 2022.



Figura 35: Planta esquemática da implantação dos lotes

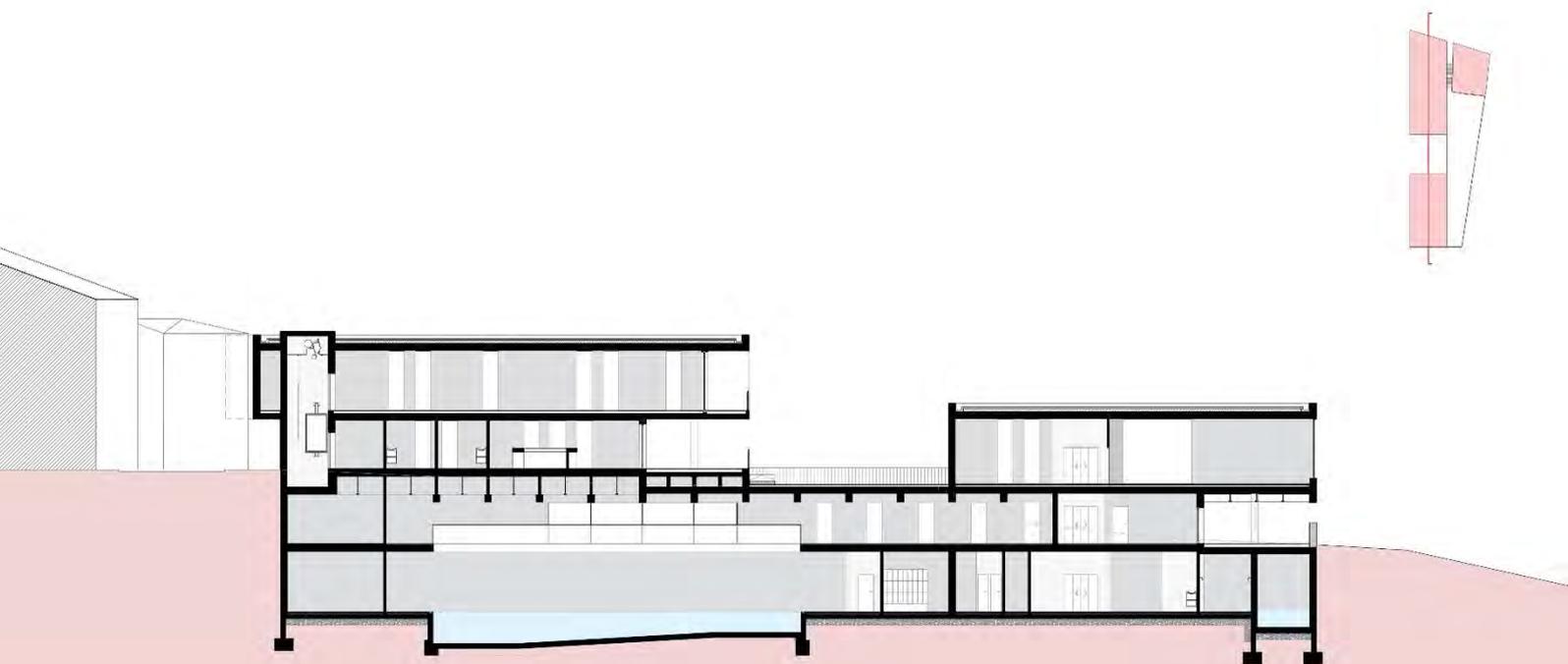


Figura 36: Corte Longitudinal Oeste

3.2.2. RESOLUÇÃO PROGRAMÁTICA E ESPACIAL

Terminado o processo de análise, assim como a definição da estratégia conceptual pretendida, deu-se início ao desenvolvimento do desenho arquitetónico para a proposta do Banho Público das Fontainhas.

Na primeira fase de definição deste equipamento, optou-se por uma estratégia de implantação que também contribui para a consolidação da proposta urbanística, respeitando os seus princípios gerais. Deste modo, propõe-se implantar um edifício voltado para a rua, no limite do terreno, destacando o limite entre espaços públicos e privados.

Visto que o edifício apresenta um carácter público e comunitário, é imprescindível a criação de espaços amplos de grandes dimensões. No entanto, devido às características tipo morfológicas desta área, que se apresenta de forma estreita e longitudinal, optou-se por uma estratégia projetual baseada numa construção distribuída, programaticamente, por diferentes pisos.

A solução adotada deve-se, em grande parte, à relação estabelecida entre o volume da construção e a topografia do local. Assim, o edifício organiza-se em três corpos - **volume 1**, **volume 2** e **o edifício anexo** – os dois volumes novos, longitudinais apresentam alturas diferentes, nos quais se organizam as diversas utilizações. Desta forma, o equipamento geral é composto por dois volumes exteriores, aparentemente desconectados, no entanto o mesmo não acontece a nível subterrâneo. Já o edifício anexo, encontra-se deslocado do primeiro lote de intervenção, com aberturas para a rua de S.Vitor e para o pátio exterior.

Relativamente ao primeiro volume, este conta com 2 pisos (consultar figura 36): No primeiro encontra-se uma cafeteria, visto ser um programa de contacto mais direto com a população, especialmente a comunidade local. Este espaço é composto por um grande balcão, algumas mesas e casas de banho de apoio, prolongando-se para um pátio exterior central, tendo assim a possibilidade de se tornar uma esplanada (consultar planta cota 77). Além disso, este é o piso que conta com mais acessos, seja pela travessa como pela rua de S.Vitor, justificando assim, esta opção de programa no projeto. A entrada do primeiro volume encontra-se virada para a rua de S.Vitor, convidando quem por ali passa, tornando este o ponto de contacto do equipamento.

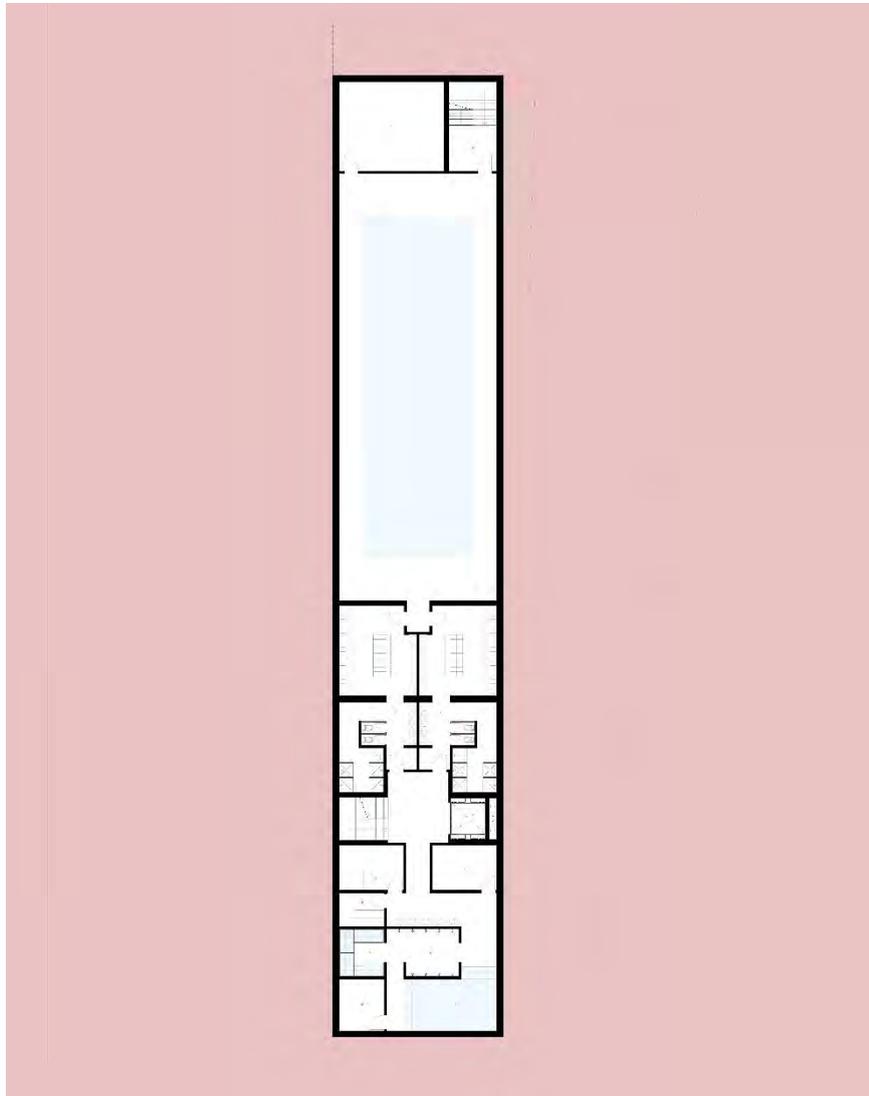


Figura 37: Perspetiva interior da zona da piscina

Figura 38: Planta cota 68.6

Já no segundo piso é possível encontrar um espaço multiusos com mobiliário adequado a várias práticas, de modo a responder a algumas necessidades da comunidade local, como recolha de roupa, alimentos, entre outros. Além do amplo open space, o segundo piso conta ainda com uma sala de reuniões de modo a apoiar todo o tipo de atividades a realizar aqui e apresenta ainda uma área superior ao primeiro piso, avançando este piso em direção ao rio e, conseqüentemente, aproveitando a sua cota alta para desfrutar de uma vista privilegiada sobre o rio Douro.

Os dois núcleos ligam-se, à superfície, por um pátio central, criado através do encontro de cotas entre a travessa de S.Victor e o terreno pré-existente, dando acesso ao segundo volume exterior. Este apresenta-se como um espaço versátil, sobre o qual se abre a cafetaria, possibilitando um ponto de lazer, prolongando a sua esplanada.

A entrada principal do segundo volume é feita através do pátio, entrando assim no espaço do ginásio. Este contempla várias áreas destinadas à prática de exercício físico, distribuídas por três diferentes pisos.

No primeiro piso (consultar planta 03), à cota do pátio central, podemos encontrar uma receção, seguida de uma sala de equipamentos contendo máquinas de desporto e todo o tipo de materiais necessários para a prática de exercício físico. Sendo esta, a sala mais utilizada em geral, decidiu-se coloca-la na entrada do volume pela travessa, virada a sul, proporcionando uma vista privilegiada para o rio Douro.

Descendo à cota do segundo pátio exterior (72.6), encontra-se a sala de exercício dedicada a aulas em grupo, e com a ambivalência de espaço interior/exterior, a partir da abertura de uma porta e da presença de várias janelas. Sendo assim, este pátio exterior também é suscetível de ser utilizado para a prática de exercício físico ao ar livre. Devido à grande área disponível no pátio exterior, achou-se pertinente a escolha do programa de aulas em grupo colocar-se nesta cota. Além disso, este piso conta com a implantação dos gabinetes médicos, assim como uma enfermaria, sendo estes destinados quer aos utilizadores dos banhos, quer à restante comunidade. Estes surgem com a pertinência de dar apoio tanto ao espaço das águas como ao próprio ginásio, capazes de fornecer serviços como consultas de nutrição e psicologia. De forma geral, o programa é constituído por diversas áreas clínicas, visando prestar apoio nos principais serviços de saúde.

Por sua vez, foi ainda projetado, no último piso inferior, à cota 68.6 um espaço destinado a atividades específicas, sendo este a sala das águas, dedicada ao cuidado do corpo. Este é um espaço a que se recorre quando se procuram experiências relaxantes ou curativas e onde o corpo deve apresentar-se sem camadas de roupa - nu ou quase nu, mesmo em ambientes semi-públicos. Do ponto de vista do projeto, a nudez requer condições espaciais específicas que obrigaram à reflexão de detalhes como a opacidade e transparência dos materiais e as dimensões dos ambientes. Assim, este lugar apresenta-se como um espaço multi-sensorial, recomendado a todo o tipo de pessoas, com vista a combater situações de stress e ansiedade.

Os blocos verticais, tanto as escadas como o elevador, partem do ginásio até ao último piso, encontrando-se num hall de entrada, dando acesso, por um lado à sala das águas, e por outro aos balneários.

Seguindo em direção à sala das águas, percorre-se um estreito corredor com X metros, que irá dar acesso a um pequeno átrio. Este distribui centralmente as várias práticas a realizar, facilitando a movimentação dos utilizadores neste lugar. A sala é também composta por duas saunas, uma húmida e outra seca, ambas fechadas. Com a intenção de assegurar as questões de privacidade inerentes ao tratamento do corpo, este espaço conta ainda com uma sala de hidromassagem, um espaço com tanques de águas com diferentes características para tratamento da pele e por fim uma piscina de dimensões reduzidas, com temperatura controlada.

Do outro lado, é possível encontrar os balneários, destinados tanto aos utilizadores dos banhos como a quem frequenta o ginásio. Atravessando este espaço, encontra-se a zona principal do equipamento – a Piscina. Esta área situa-se no último piso subterrâneo e assume-se como o lugar central deste projeto, devido às suas grandes dimensões e relevância. A mesma conta com 21 metros de comprimento por 7 metros de largura e a sua profundidade varia entre 1,20 e 1,80 metros. Esta adota um sistema finlandês¹², levando a água ao mesmo nível do pavimento, permitindo um contacto mais direto com os elementos, proporcionando ganho no espaço de passagem lateral à piscina.

¹² O sistema finlandês é uma alternativa ao desenho hidráulico por skimmers. A caleira finlandesa possibilita uma limpeza mais efetiva do espelho de água. Neste sistema de circulação, a água que transborda na caleira é escoada, por queda livre através de ramais de descarga, até um tanque de compensação, tanque de onde a bomba de circulação aspira a água e, depois de filtrada, fá-la retornar à piscina pelos bicos injectores.

Situado a 4 metros abaixo do nível da terra (pátio exterior), este espaço assume características singulares, onde a temperatura, a humidade e a luz, transportam os seus utilizadores para um ambiente calmo, seguro e imersivo.

*O elemento água dentro de em um projeto de arquitetura e design biofílico melhora a experiência do ambiente e conecta o ser humano à natureza. E o melhor: de forma serena e natural*¹³

Assim como a água representa cerca de dois terços do peso médio de uma pessoa, este equipamento é composto em grande parte por locais destinados ao uso e apropriação da água, como por exemplo a piscina, as saunas ou até os duches e casas de banho.

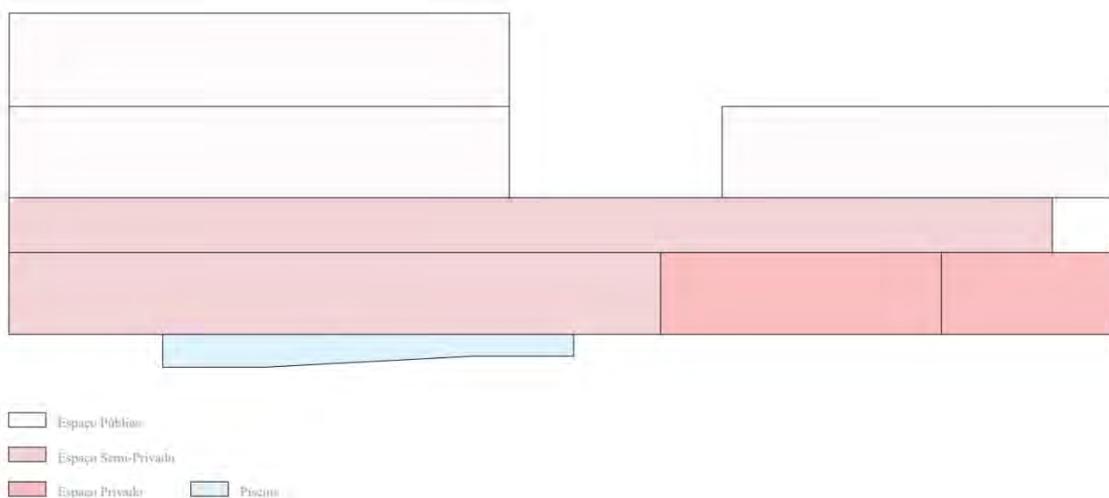


Figura 39: Corte longitudinal esquemático de ambientes público e privado

¹³ Garden, V. (2019). *Características do design biofílico: usa da água e lagos na arquitetura*. Vertical Garden. Consultado a 11 de novembro de 2022.

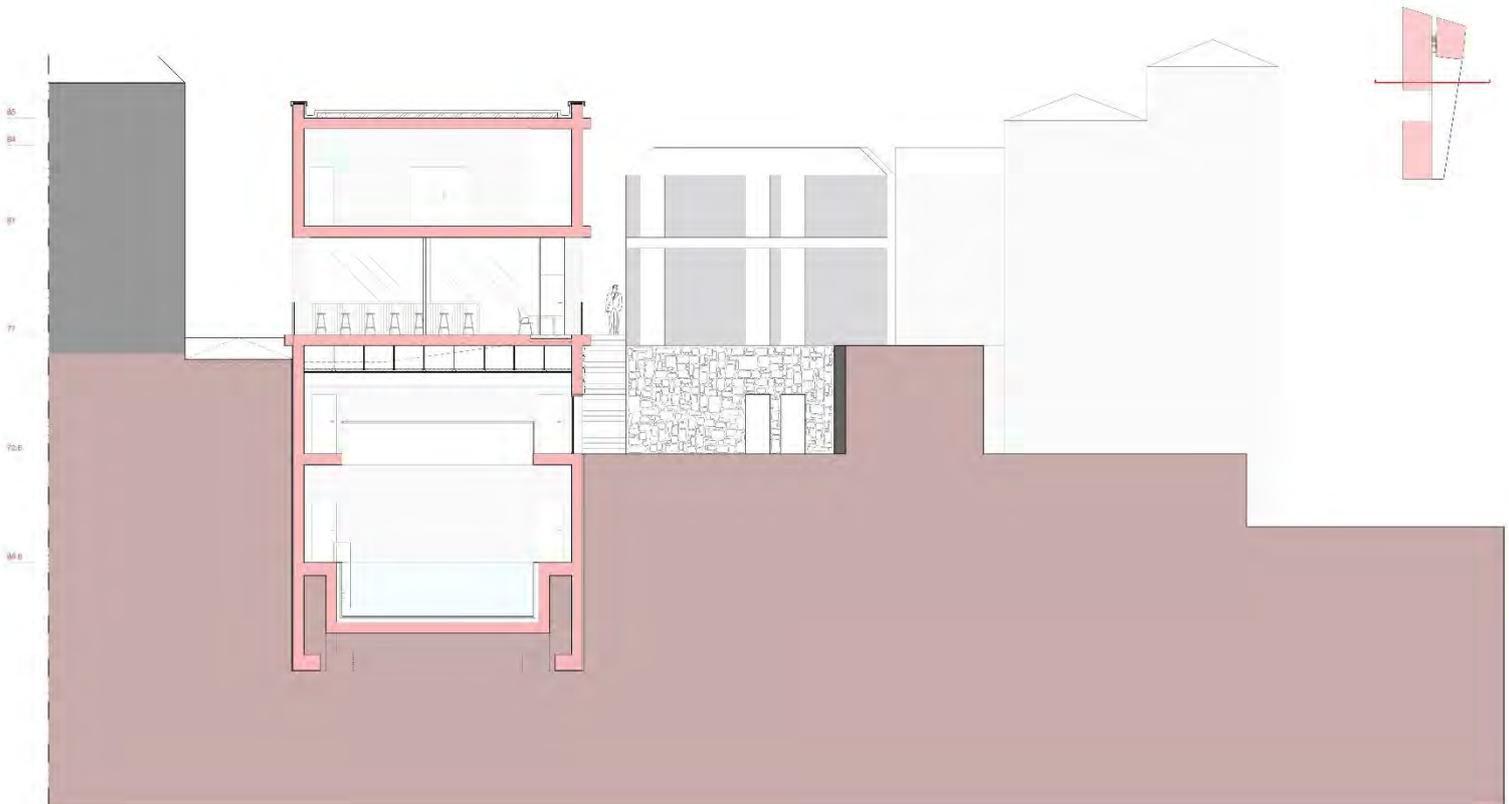


Figura 40: Perspetiva do pátio exterior no segundo lote

Figura 41: Corte transversal

Além do espaço das águas, todo o bem-estar do utilizador é acompanhado por programa que contempla um espaço para a higiene pessoal e cuidado do corpo. Essa zona encontra-se no edifício anexo, no segundo lote, sendo este composto pelas casas de banho públicas, assim como os duches e lavandaria, permitindo o seu acesso fácil e direto, através a rua de S.Victor.

O pátio exterior do segundo lote adota a condição de pátio terraço, produzindo uma continuidade espacial entre o interior e o exterior, através de várias aberturas, entre as quais uma extensa janela com 11m de comprimento, que funciona como lanternim de luz natural para o interior da piscina.

Para além do projeto balnear inicialmente proposto, verificou-se a possibilidade de se desenvolverem outras vertentes do projeto, fruto de algumas dúvidas e preocupações que surgiram durante a fase de análise do local e público-alvo. Pretende-se assim conceber um espaço que, para além de cumprir as exigências apresentadas, proporcione outros tipos de sensações nos utentes, contribuindo assim para o seu bem-estar e facilitando assim o processo de (re)inserção social.



Figura 42: Parte da fachada esquemática

3.3. SISTEMA CONSTRUTIVO

O sistema construtivo, bem como a materialidade adotada num projeto, devem atender a diversos requisitos inerentes à construção e manutenção do edifício, estando estes relacionados a questões estruturais ou funcionais. Por outro lado, a identidade material e construtiva selecionada para o edifício desenvolvido foi também escolhida com base no conceito de projeto definido. Assim, os materiais escolhidos fazem parte da estratégia de criação de uma atmosfera terapêutica, pretendendo transmitir sensações de conforto, acolhimento e pertença aos utentes.

Em Portugal, o método mais utilizado no ramo da construção é a alvenaria convencional, porém novos métodos e materiais estão a ser cada vez mais utilizados. Neste caso, o sistema construtivo adotado é composto maioritariamente por betão armado, sendo a parte estrutural formada por este material. As paredes serão betonadas com a ajuda de cofragens em madeira, sendo posteriormente montadas “in loco”¹⁴ de acordo com o projeto.

Visto que este equipamento tem um caráter público, apesar de não ser um projeto de larga escala, o sistema a adotar continuará a ser vantajoso, pois as formas e elementos serão repetidos várias vezes. Essa repetição acontece, por exemplo, nas fachadas do edifício, através das suas aberturas.

Os métodos possíveis a utilizar para a construção deste equipamento dependem de vários fatores que dão expressão material ao edificado. Dessa forma, o sistema construtivo é constituído por três núcleos principais, sendo estes a **forma**, os **materiais** e a **estrutura**.

¹⁴ A palavra in loco, de origem latina, significa "no próprio local" ou "no lugar". Na construção civil, as paredes de betão moldadas in loco são equivalentes às paredes de betão construídas na zona de obras.



Figura 43: Forma dos Volumes e limite dos lotes

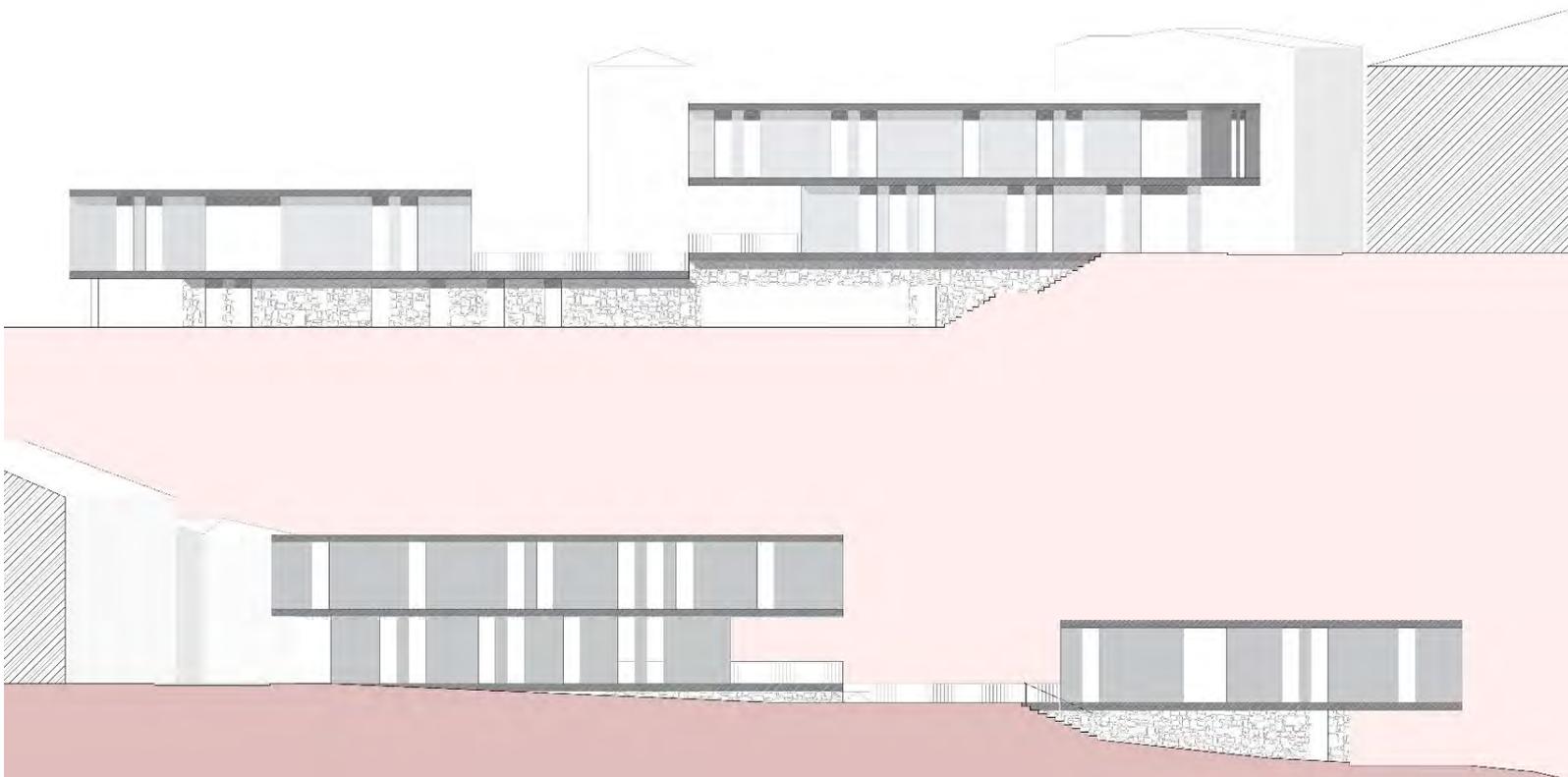


Figura 44: Alçados longitudinais Este e Oeste respetivamente

3.3.1. FORMA

Relativamente à forma, a proposta é caracterizada por um conjunto de volumes, que se sobrepõem na mesma direção, sendo a estrutura um elemento fundamental para a sua simplificação e organização. No fundo, pretende-se que a estrutura do edifício assuma um papel central na sua composição, contribuindo para a clarificação da forma, e para a organização do espaço interior.

O equipamento acaba por seguir os limites pré-existentes dos lotes, respeitando a forma urbana desta área. Assim, a sua planta apresenta um carácter longitudinal, limitando a sua organização interior (verificar planta à cota 77).

Face à topografia do terreno, relativamente acidentada, foi necessário recorrer à sua modulação a partir de desaterros para a criação de um novo pátio a partir de outro lote longitudinal.

A forma da fachada, assim como as suas aberturas dão continuidade aos ritmos presentes na forma urbana deste lugar. Assim como os lotes destinados às ilhas são longos e esguios, o mesmo acontece com as janelas deste edifício, contando com 90 cm de largura e 3 a 4 metros de altura, dependendo do piso onde estão inseridas.

A nível volumétrico, este equipamento acaba por coexistir de forma natural com a sua envolvente, respeitando os limites dos lotes e dando continuidade à altura crescente dos edifícios, tanto na travessa como na rua de S.Victor. No entanto, a altura dos volumes deve-se à relação entre a área de implantação disponível e o programa a desenvolver.

Como já foi referido, este equipamento é constituído por dois lotes, o primeiro apresenta 63,50m de comprimento e 10,60m de largura, totalizando entre todos os pisos uma área de 2004,8 m². Já no segundo lote encontra-se um pátio com 344 m² de área, e um anexo com 324 m² somando os dois pisos.

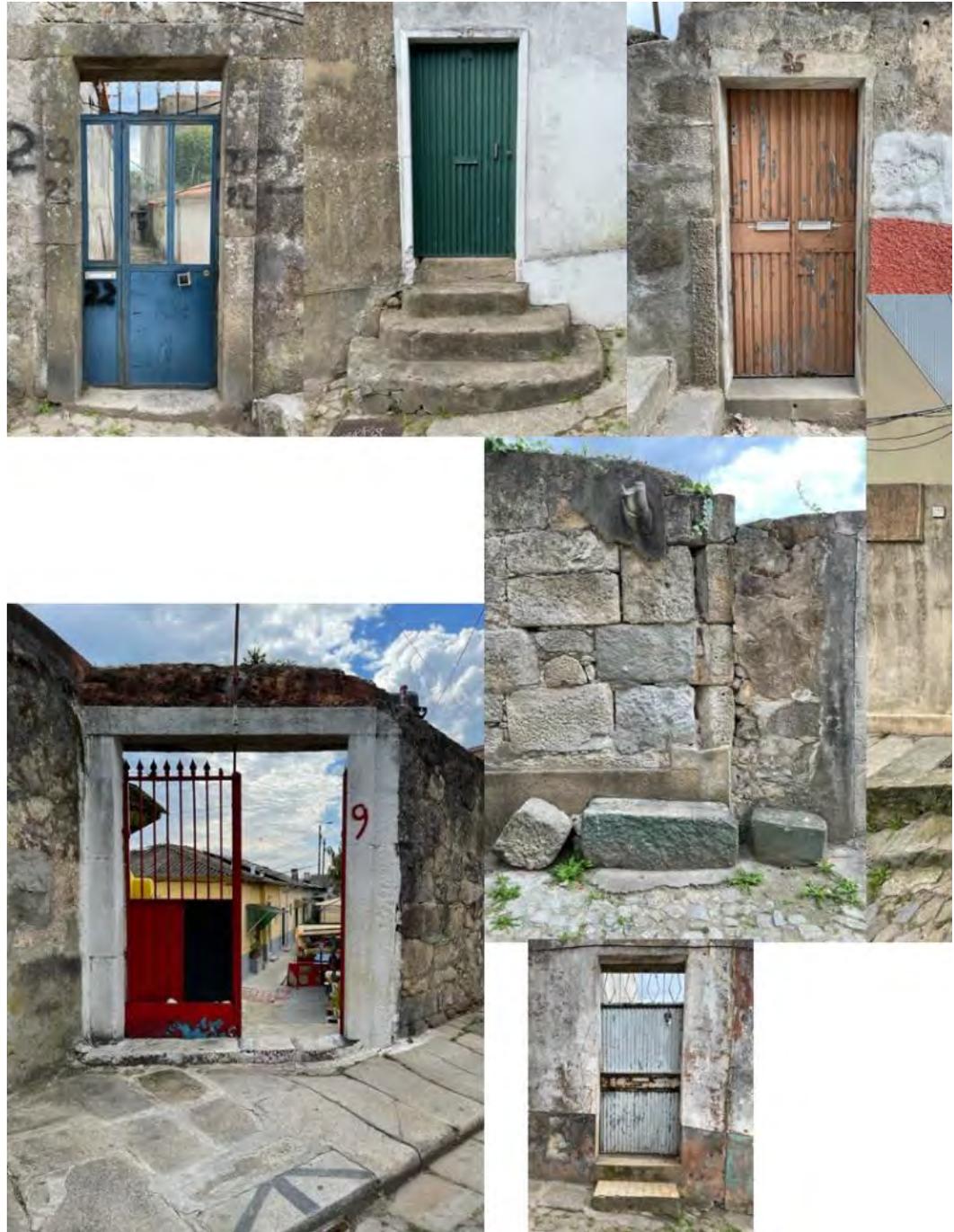


Figura 45: Montagem de fotografias tiradas no lugar das Fontainhas





Figura 46: Pré-existência da pedra no local de intervenção

3.3.2. MATERIAIS

Com uma observação atenta ao local de implantação e a sua envolvente, notou-se a presença da pedra como material predominante. Dessa forma, considerou-se pertinente e adequada a utilização da mesma para a construção do projeto.

Sendo material pré-existente, a pedra encontra-se como elemento de ligação do equipamento ao chão (parte inferior do edifício) e também como elemento de conexão da terra para o betão. Metaforicamente, a pedra apresenta-se como sendo as raízes deste projeto ligando o equipamento à terra.

Além da pedra, a materialidade exterior do edifício é assegurada, maioritariamente, pelo betão com uma tonalidade neutra, tornando a estrutura aparente. Este material foi escolhido devido não só às suas características como também ao impacto visual que proporciona ao edifício, isto é, o betão é um material que se adapta perfeitamente à forma do edifício, assim como lhe confere dinamismo através da sua textura e robustez.

Interiormente, os revestimentos variam conforme a área em causa, porém, todos são selecionados não só devido aos requisitos funcionais, como também com a intenção de contribuírem para a criação de um ambiente calmo e relaxante, criando um clima de bem-estar físico e psicológico.

Por outro lado, pretende-se também utilizar materiais que tenham um uso flexível, permitindo ao edifício adaptar-se a novos contextos e funções, assim como facilitar a sua limpeza e manutenção. Desta forma, considera-se adequado o uso recorrente do vidro, e do pavimento vinílico/ microcimento.

Neste sentido, opta-se pela utilização de materiais de fácil transporte, montagem e desmontagem, assim como com grande facilidade de reciclagem ou reutilização. É com base num pensamento semelhante que são selecionados os materiais que criam a identidade interior do edifício, sendo uma síntese do processo de investigação realizado. Neste sentido, e relativamente às paredes divisórias interiores, feitas em alvenaria tradicional, é utilizado o gesso cartonado, visto ser uma estrutura leve que confere ao espaço uma maior capacidade de adaptabilidade funcional no futuro. Por outro lado,

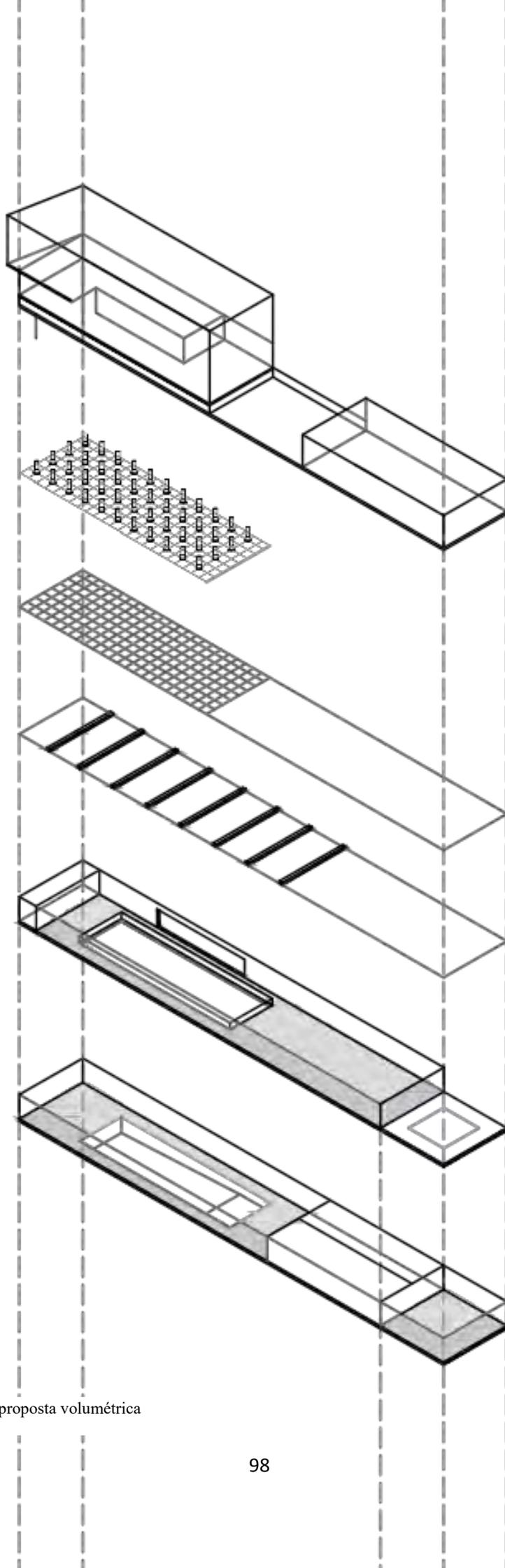


Figura 47: Axonometria explodida da proposta volumétrica

algumas divisórias são asseguradas por paredes de betão, quando se tratam de elementos estruturais. Por sua vez, o seu revestimento é maioritariamente feito por pladur. Dessa forma, as paredes de pladur estão também associadas a zonas de serviços e casas de banho. Em relação aos pavimentos, estes são principalmente em vinílic devido à necessidade de higienização inerente a ambos os programas desenvolvidos, tendo como exceção o primeiro volume, que apresenta um pavimento em microcimento.

Relativamente ao vidro, este material permite dar ao edifício uma transparência que permite criar espaços caracterizados pela grande incidência de luz natural, desfrutando de uma boa exposição solar, especialmente nos volumes à superfície.

Devido ao seu carácter público e grandes dimensões, a piscina necessita de um material flexível, adequado a todas as formas e tamanhos. Neste sentido, optou-se pela utilização da tela armada, ou membrana de PVC, como seu revestimento, oferecendo uma solução eficaz, atual e extremamente económica. Este material permite ainda uma fácil manutenção e limpeza desta área.

Figura 48: Esquízo de estudo das vigas

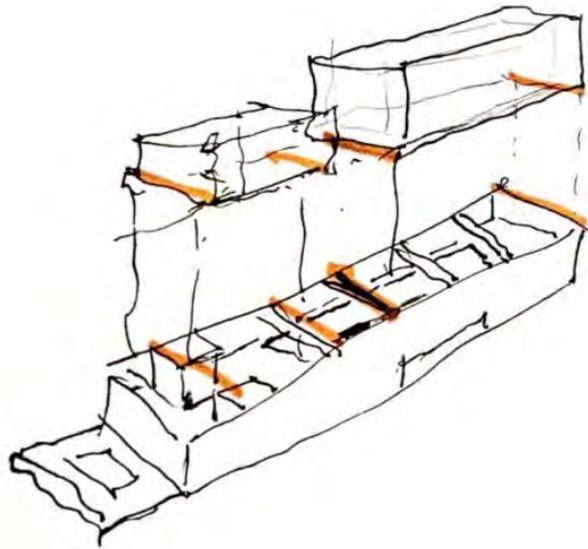
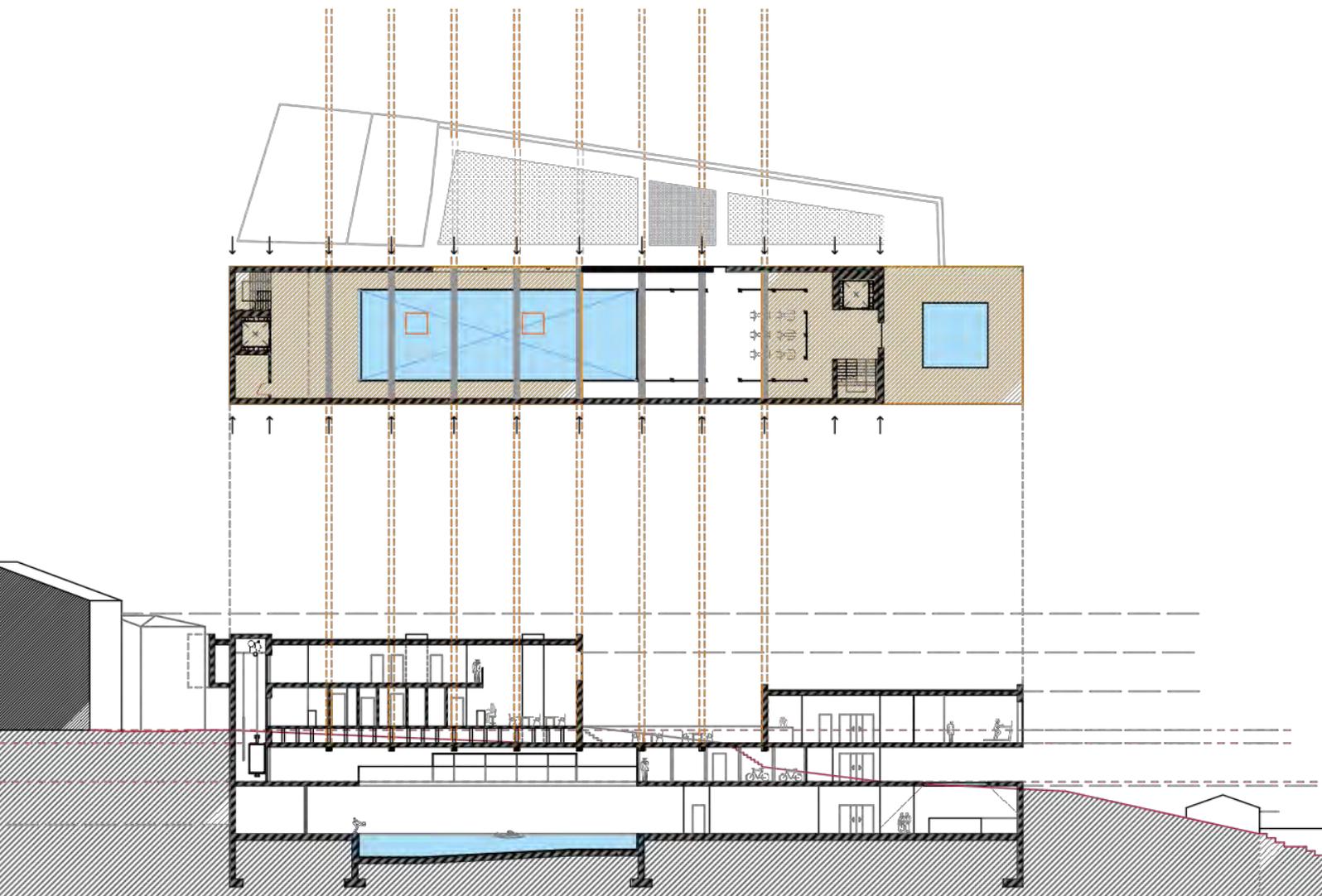


Figura 49: Alinhamentos das vigas em planta e corte



3.3.3. ESTRUTURA

Em termos estruturais, o edifício desenvolvido é composto por uma estrutura de betão, a qual é caracterizada pela existência de paredes e lajes resistentes. Neste sentido, o equipamento é projetado segundo uma métrica estrutural geral de 3m em 3m, sendo este valor ajustado nos pontos de interceção diagonal dos volumes, permitindo assim maior sustentabilidade e eficiência construtiva. A proposta apresenta ainda outras exceções métricas devido aos vários alinhamentos que o edifício assume, contudo, a preocupação é que os valores rondem sempre os 3m entre eixos estruturais. Esta preocupação é resultado, não só da necessidade de encontrar uma grelha estrutural que confira estabilidade à construção, como também com a necessidade de estabilizar o ritmo visual do espaço interior.

Com o desenvolvimento de algumas maquetes de processo, foi possível entender que os dois volumes à cota superior ao solo aplicavam grande carga num equipamento tão comprido e estreito. Desta forma, uma importante contribuição da estrutura no desenho do edifício foi feita através de vigas em betão, dispostas a 2,60m de distância entre cada uma. Além de servirem para suportar toda a carga causada pelos dois volumes superiores, estas acabam por criar um ritmo na leitura visual do espaço interior.

Ao nível do interior, este edifício conta com dois elevadores, acompanhados de escadas, de forma a dar acesso a todos os pisos do edifício, incluindo saídas de emergência. Os blocos de acessos verticais não só possibilitam a circulação interior do equipamento, como também proporcionam maior estabilidade estrutural do edifício.



Figura 50: Perspetiva da zona de entrada dos Banhos Públicos do Bonfim

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho surgiu a partir do enunciado proposto em Atelier de Projeto A, relatando várias problemáticas predominantes na sociedade atual, e a forma como o papel do arquiteto ajuda a atenuar as suas consequências.

Atualmente, o mundo caracteriza-se por uma série de problemas a nível político, social e económico, que têm conduzido ao empobrecimento da população, contrariando o desejado clima de prosperidade e evolução. Devido ao clima gerado pelos conflitos, é notório o dos fluxos migratórios de várias comunidades. Além de todos esse conflitos, as pandemias, como é o caso da atual problemática COVID-19, têm vindo a mudar a forma como as pessoas vivem o seu quotidiano e partilham o mesmo espaço. É neste contexto que surge uma nova preocupação que se torna no foco principal para a definição da estratégia de projeto, sendo estes a importância do exercício físico no quotidiano das pessoas, e a forma como a arquitetura o pode promover.

Deste modo, verifica-se a importância que a zona das Fontainhas assume na leitura da paisagem urbana do Porto como local de identidade comunitária e de cultura específica. A morfologia do seu espaço sempre foi um obstáculo para o seu desenvolvimento, e como tal este utilizou a ligação com o elemento água para reter as suas atividades, marcando o significado simbólico e representativo da sua subsistência. Deste modo, a escolha do tema ocorreu de forma espontânea, facilitando assim, de forma consequente, a escolha do programa dos banhos.

Apresentando esta zona ainda inúmeras carências funcionais e infraestruturais, a presente proposta visa colmatar algumas dessas limitações. Mais do que um ponto de chegada, este estudo pretende ser um ponto de partida para futuras propostas de intervenção no local.

*É bem sabido que qualquer cidade é mais do que o seu território, do que as suas ruas e avenidas, e do que as suas construções. O Porto sempre foi um sítio de cruzamentos, de encontros, de partilhas, alcantilado nas suas escarpas, mas aberto ao mundo e à diferença. O Porto é bairrista e cosmopolita ao mesmo tempo, e simultaneamente conservador e vanguardista.*¹⁵

Neste sentido, as Fontainhas são um lugar especialmente característico, assumindo uma centralidade temática numa cidade em requalificação. Sendo um lugar de habitação popular, no qual também se realizavam as Festas de S. João, apresenta ainda um enorme potencial devido à vista privilegiada sobre o rio Douro.

Assim, uma das grandes questões que se coloca é a forma como se pode melhorar a quotidiano das pessoas que ali vivem, sem saírem do seu lugar de origem. A resposta a essa pergunta encontra-se nas necessidades essenciais dos residentes, isto é, um projeto comunitário atinge o seu sucesso desde que respeite a tradição e mantenha condições de forma a satisfazer as necessidades da comunidade local.

Através de um processo de pesquisa teórica e prática foi possível esclarecer o conceito de projeto, de modo a entender a sua validade e pertinência. Desta forma, a proposta é desenvolvida com base em referências arquitetónicas, referências bibliográficas, entrevistas e visitas a casos de estudo, sendo os dois últimos fatores essenciais da resolução de problemas e do público-alvo.

Além disso, a chegada a uma nova universidade, fez-me entender novas metodologias e visões. Ao longo de dois anos, o trabalho passou por diversos momentos, desde a fase de grupo, onde contacto com novas pessoas, com diferentes perspetivas e características específicas, permitiu-me melhorar alguns aspetos tanto a nível profissional como pessoal. Esta experiência mudou, não só a minha perspetiva sobre a arquitetura, como pelas pessoas e o mundo que nos rodeia.

¹⁵ Valente, R. (2020). *Um Porto de Abrigo e de Esperança no Futuro*. Apd. Consultado a 14 de setembro de 2022.

Por sua vez, a metodologia adotada ao longo do trabalho, permitiu desenvolver um conhecimento de várias disciplinas, como o desporto, hidroterapia ou até mesmo a psicologia, conseguindo assim dar resposta à maior quantidade de problemáticas possível, através do projeto. Deste modo, foi possível obter uma nova perspetiva sobre a arquitetura, tendo em conta a relevância do papel dos arquitetos na sociedade.

Assim, é possível concluir que o trabalho em causa foi bastante enriquecedor a nível pessoal, pois não só, permitiu adquirir novas competências de investigação e pesquisa, como também possibilitou o desenvolvimento de um pensamento estratégico relativo às problemáticas atuais da sociedade.

Na verdade, o espaço, o tempo e a cultura formam, sempre, os três parâmetros fundamentais a ter em conta, através dos quais se desenrolam as atividades de uma sociedade. Sendo que não podemos controlar o tempo e a cultura, a nossa função é contribuir com o desenvolvimento de um espaço melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, Dr. José Coelho. (1929) *O saneamento é a primeira condição para a salubridade do Porto*. Publicações Ramiro Arranha, Filho & Loubet, Lda.

Antas, Azeredo; Monterroso, Manuel. (1934). *A salubridade habitacional no Porto* (1929- 1933). Lisboa. Imprensa Nacional.

Campos, Ezequiel. (1932). Prologo ao plano da cidade do Porto. Empresa industrial gráfica do Porto, Lda.

Camus, A. (2015). *O Estrangeiro*. Porto: Porto editora.

Conceição, L. F. P. (1997). *A consagração da água através da arquitetura*. (Tese de Doutoramento em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa). Repositório aberto da Universidade de Lisboa

Cordeiro, M. (2013). *O corpo como imagem e as imagens do corpo na contemporaneidade* (Tese de Doutoramento, Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa). Repositório aberto da Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/9407>

Costa, Padre Agostinho Rebelo da (2001, 1ª edição 1789), *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto*, Porto, Frenesi.

Coutinho, P, S, A. (2015). *Memória participada: um lugar público para a Escarpa das Fontainhas*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto). Repositório aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/80895?mode=full>

Degrassi, S. (2001). *The Seaport Network Hamburg* (Tese de doutoramento, Universität Hamburg) Semantic Scholar <https://www.semanticscholar.org/paper/The-seaport-network-Hamburg-Degrassi/3c2853afc6fdc13a339f60660fda7edeef0a025b>

Domingues, L. D. (2018). *A margem da cidade. Estratégias e especulações sobre a frente ribeirinha das Fontainhas num caso prático*. (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto). Repositório aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/119948>

Ferreira, M. J. C. M. (2018). *A Urbanização Das Fontainhas Séculos XVIII-XIX*. (Dissertação de Mestrado em História e Património, Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Repositório aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/117657>

Gonçalves, C, A. (2015). *Os corpos na escultura do século XVI*. DigitAR - Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Artes [Digital Journal of Archaeology, Architecture and Arts]. Número 2, páginas 52-64.

Gonçalves, J. F. (2020). *O estrangeiro* [Apresentação de tema para turma de Mestrado em Arquitetura].

Jacobs, J. (2011). *Morte e vida de grandes cidades*. WMF Martins Fontes.

Junior, J. A. P. M (2016). *Entre o plano e o declive, EAPA* (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto). Repositório aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/84483>

Maia, A, M. (2022). *Um mergulho nas ilhas de S.Victor, nas “entranhas” do Porto*. Jornal Público. Consultado a 10 de outubro de 2022. <https://www.publico.pt/2022/07/08/p3/fotogaleria/mergulho-nas-ilhas-de-sao-victor-nas-entranhas-do-Porto-408401>

Markl, M. (2020). *O Banho Público do Porto: análise e projecto de intervenção* (Dissertação de mestrado, Faculdade de arquitetura do Porto, Universidade do Porto). Repositório aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/131590>

Maffesoli, M. (1998). *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes.

Pinto, J, R. (2007). *Porto Oriental no final do século XIX: um retrato urbano (1875-1900)*. Porto: Edições Afrontamento.

Pinto, J, R. (2014). *A construção do espaço urbano e as novas morfologias sociais do Porto em meados do século XIX*. ‘A Jangada de Pedra’. Geografias Ibero-Afro-Americanas. Atas do XIV Colóquio Ibérico de Geografia. Páginas 2174-2178.

Pires, M. J. P. (2014). *Água e luz: O imaginário dos banhos. Projeto nas carreiras da rocha conde d’Óbidos*. (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Repositório aberto da Universidade de Lisboa <https://issuu.com/marianapimentelpires/docs>

Pires, T. (2013). *(Re) Habitar o centro histórico do Porto* (Dissertação de mestrado, Faculdade de arquitetura do Porto, Universidade do Porto). Repositório aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/80260>

Ponces, G, M, P, B, C. (2014). *Celebrating the water in the city*. (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade Autónoma de Lisboa). Repositório aberto da Universidade de Lisboa.

https://autonoma.pt/wp-content/uploads/2017/12/Proposta_n_153_2014.pdf

Ramos, Luís A. de Oliveira (direção) – *História do Porto*. 3.^a Edição: 2001. Porto Editora;

Ribeiro, J. (2021). *Espaço como extensão do corpo*. *MA Imaginar*, páginas 56-57.

- Rodrigues, A. M. (2007). *Desigualdades sociais: A luta pelo direito à cidade*. 4(6), 16.
- Ribeiro, J. M. (2021). *O desenho como mediação. As Termas Romanas de São Pedro do Sul*. Coimbra: edarq.
- Sennett, R. (1997). *Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Record.
- Tavares, André – *Arquitetura Anti-tuberculose: Trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e Suíça*. 1.ª Edição: 2005. FAUP Publicações;
- Teixeira, M C. (1996). *Habitação Popular na cidade Oitocentista - As Ilhas do Porto*. Lisboa: FCG/JNICT
- Trindade, L. (2015). *Corpo e Água. Banhos Públicos em Portugal na Idade Média*. Em digitAR, *O Corpo Através da Imagem* (pp. 206-221). Coimbra: digitAR.
- Valente, R. (2020). *Um Porto de Abrigo e de Esperança no Futuro*. Apd. Consultado a 14 de setembro de 2022. <https://www.apd.pt/um-porto-de-abrigo-e-de-esperanca-no-futuro/>
- Zumthor, P. (2006). *Atmosferas. Entornos arquitetónicos - As coisas que me rodeiam*. Basileia: Editorial Gustavo Gili.
- Zumthor, P. (2006). *Pensar a arquitetura*. Basileia: Editorial Gustavo Gili.

Notícia Jornal Expresso – consultada dia 20 novembro 2022 15:32h

<https://expresso.pt/sociedade/2019-04-09-Milhares-de-pessoas-recorrem-aos-banhos-publicos-em-Portugal-porque-nao-podem-tomar-banho-em-casa>

ÍNDICE DE FIGURAS

Fonte de imagens:

Fig. 1 – Imagem elaborada pelo autor, Google Maps

Fig. 2 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 3 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 4 – Imagem retirada da internet

<https://www.facebook.com/fotosdoporto/photos/a.767657363305318/2763793387025029/?type=3>

Fig. 5 – Imagem retirada da internet

<https://lifecooler.com/artigo/atividades/feira-da-vandoma/413614>

Fig. 6 – Imagem retirada da internet

<https://etcetaljornal.pt/j/2018/09/ilhas-voltam-ao-epicentro-do-debate-politico-no-arquipelago-urbano-mais-povoado-do-pais-aos-problemas-sociais-junta-se-lhes-agora-a-especulacao-i/>

Fig. 7 – Imagem retirada da internet

<http://revista5.arquitonica.com/index.php/magazine-1/arquitetura/as-ilhas-do-porto-e-as-tipologias-de-habitacao-dos-seculos-xix-e-xx>

Fig. 8 – Imagem retirada da internet

<https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/797791/?>

Fig. 9 – Imagem retirada da internet

<https://www.sutori.com/en/story/as-ilhas-do-porto-ou-o-porto-das-ilhas--DbnvxsHxeSrAkZM3Yyhwybu9>

Fig. 10 – Imagem retirada da internet

<https://viva-porto.pt/ilhas-do-porto/>

Fig. 11 – Imagem retirada da internet

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plan_of_an_area_of_Nottingham_showing_back-to-back_houses._Wellcome_L0011652.jpg

Fig. 12 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 13 – Área de Reabilitação Urbana (ARU) do Bonfim

Fig. 14 – Fotografia retirada pelo autor

Fig. 15 – Imagem retirada da internet

<https://gailatlarge.com/blog/2018/10/23/70829/>

Fig. 16 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 17 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 18 – Imagem elaborada pelo grupo de trabalho

Fig. 19 – Imagem elaborada pelo grupo de trabalho

Fig. 20 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 21 – Imagem elaborada pelo grupo de trabalho

Fig. 22 – Imagem elaborada pelo grupo de trabalho

Fig. 23 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 24 – Fotografia retirada pelo autor

Fig. 25 – Imagem retirada da internet

https://www.researchgate.net/figure/Samuel-Van-Hoogstraten-The-Shadow-Dance-1675-Trabajo-creado-en-Rotterdam-que-sirvio-de_fig1_349607206

Fig. 26 – Imagem retirada da internet

<https://jmdorropio.wixsite.com/site/post/higiene-publica-e-privada-na-idade-media>

Fig. 27 – Imagem retirada da internet

<https://m.facebook.com/RepensandoMedieval/photos/a.298801756978714/1018837751641774/>

Fig. 28 – Imagem retirada da internet

<http://historiaemcartaz.blogspot.com/2015/08/historia-vida-medieval-em-imagens.html>

Fig. 29 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 30 – Fotografia retirada pelo autor

Fig. 31 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 32 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 33 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 34 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 35 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 36 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 37 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 38 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 39 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 40 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 41 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 42 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 43 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 44 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 45 – Imagem elaborada pelo autor

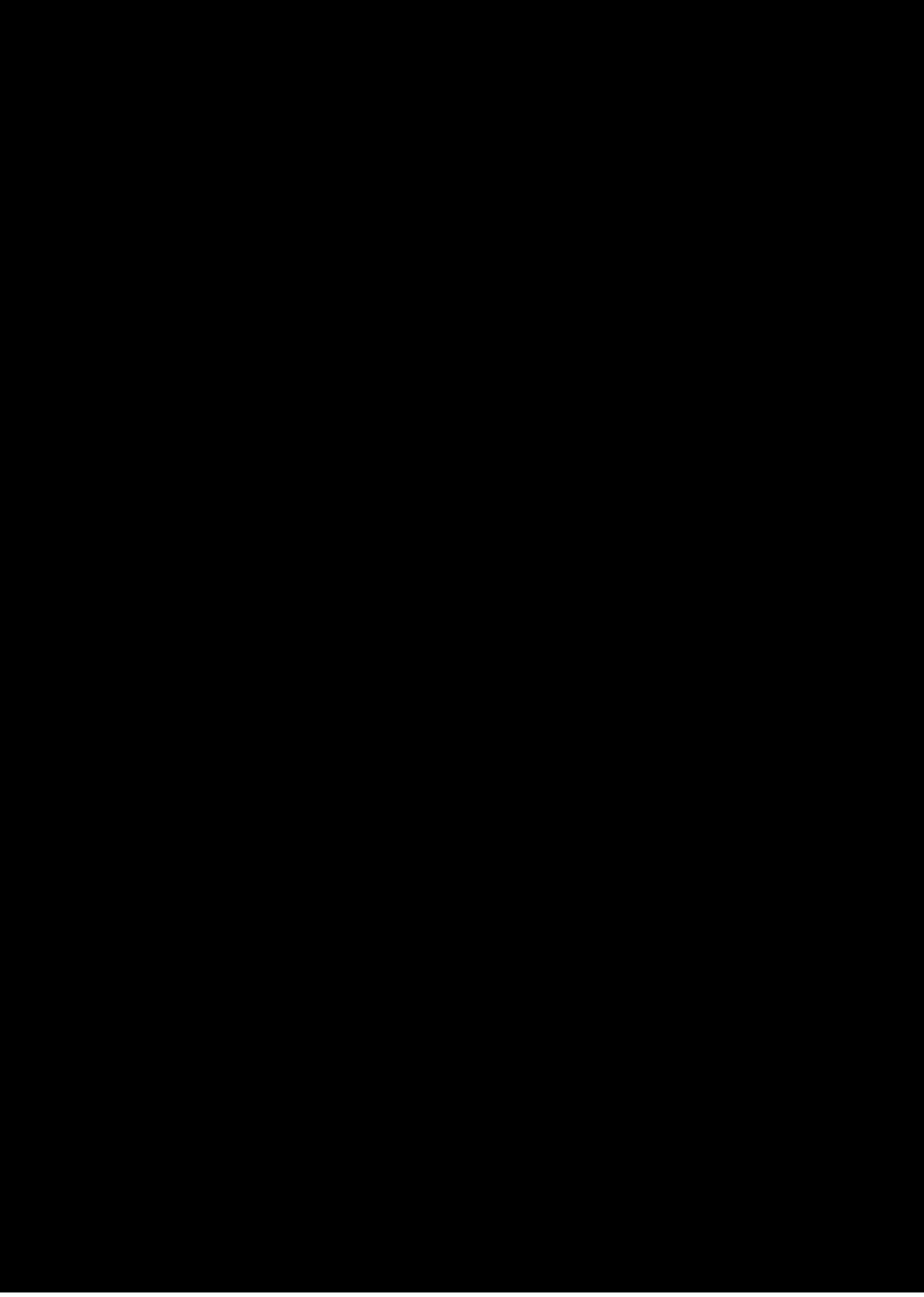
Fig. 46 – Fotografia retirada pelo autor

Fig. 47 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 48 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 49 – Imagem elaborada pelo autor

Fig. 50 – Imagem elaborada pelo autor



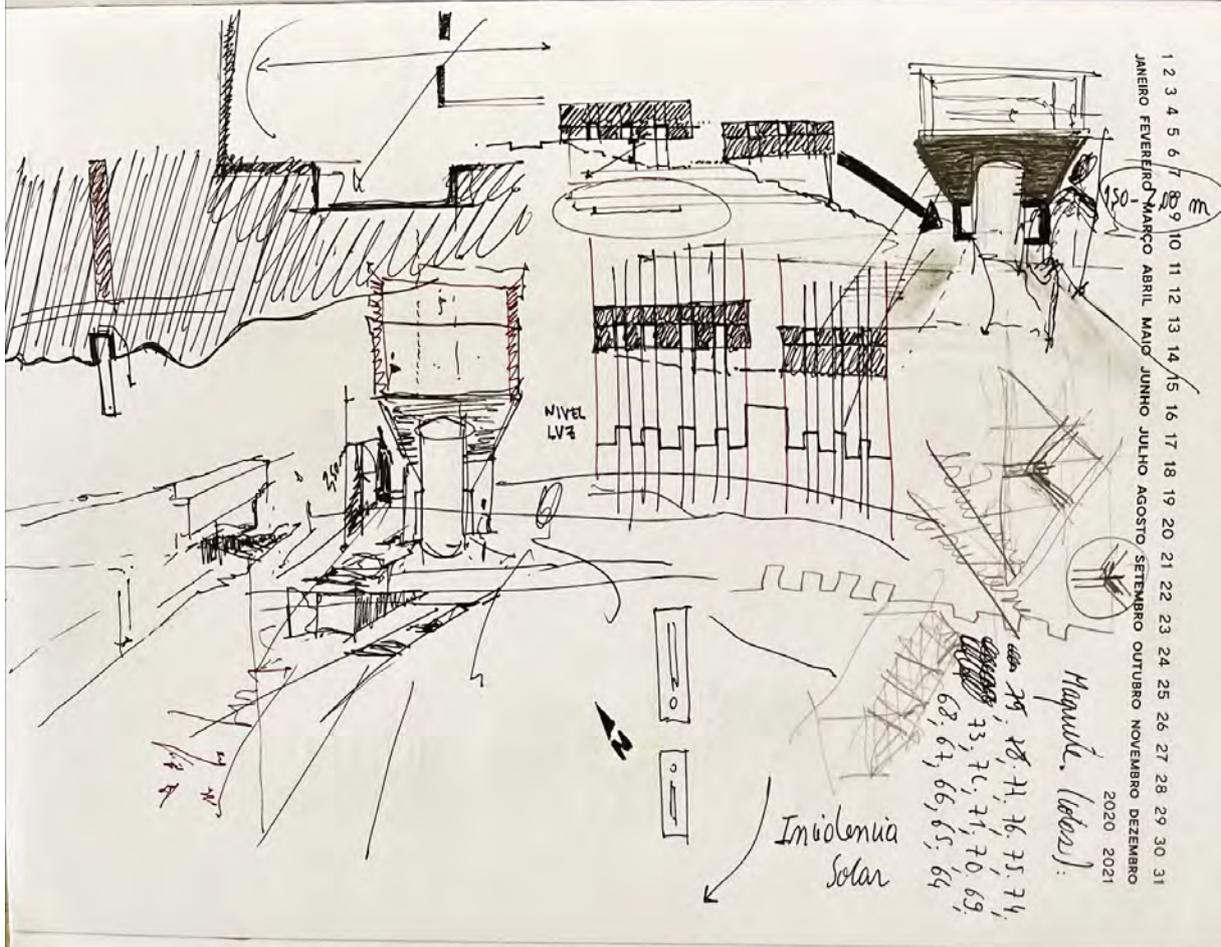
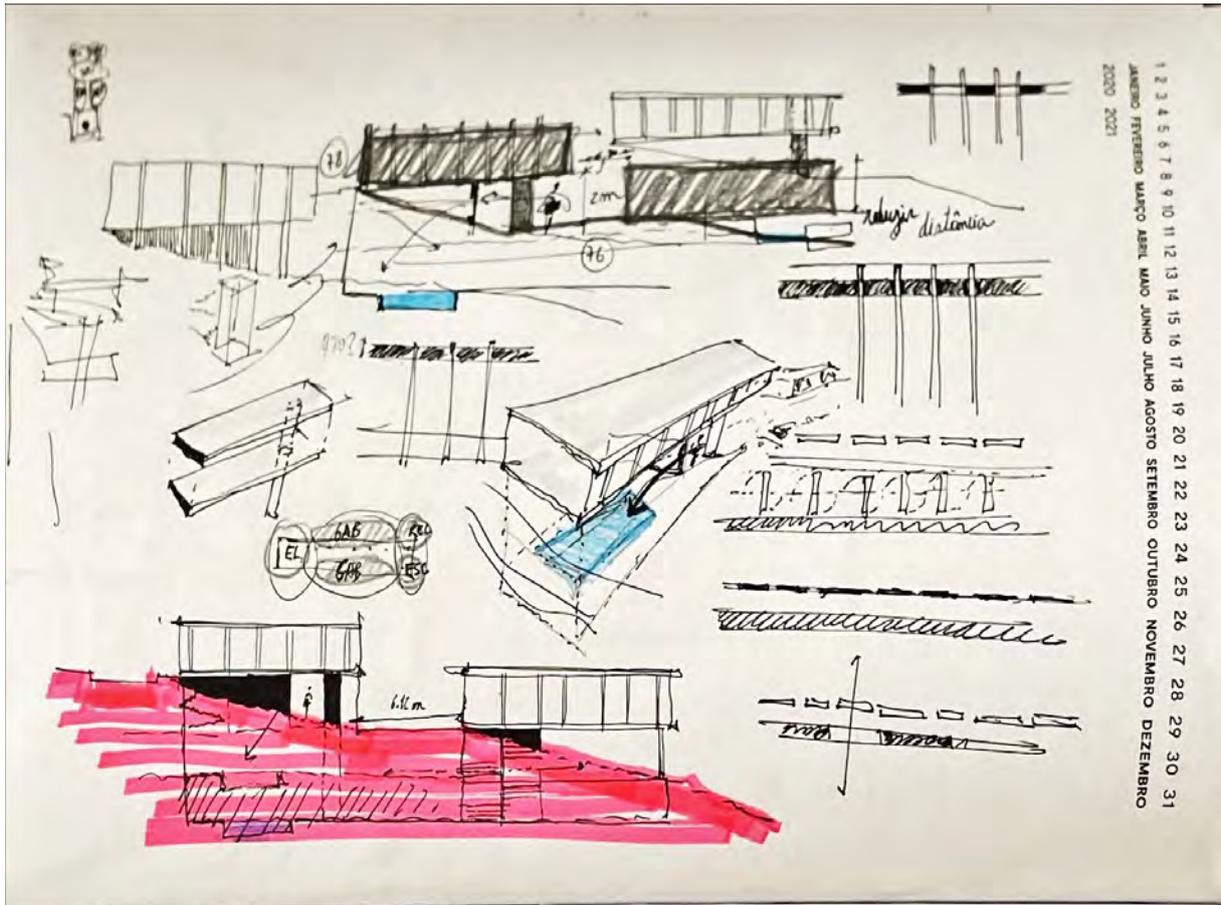
ANEXOS

Desenhos de projeto;

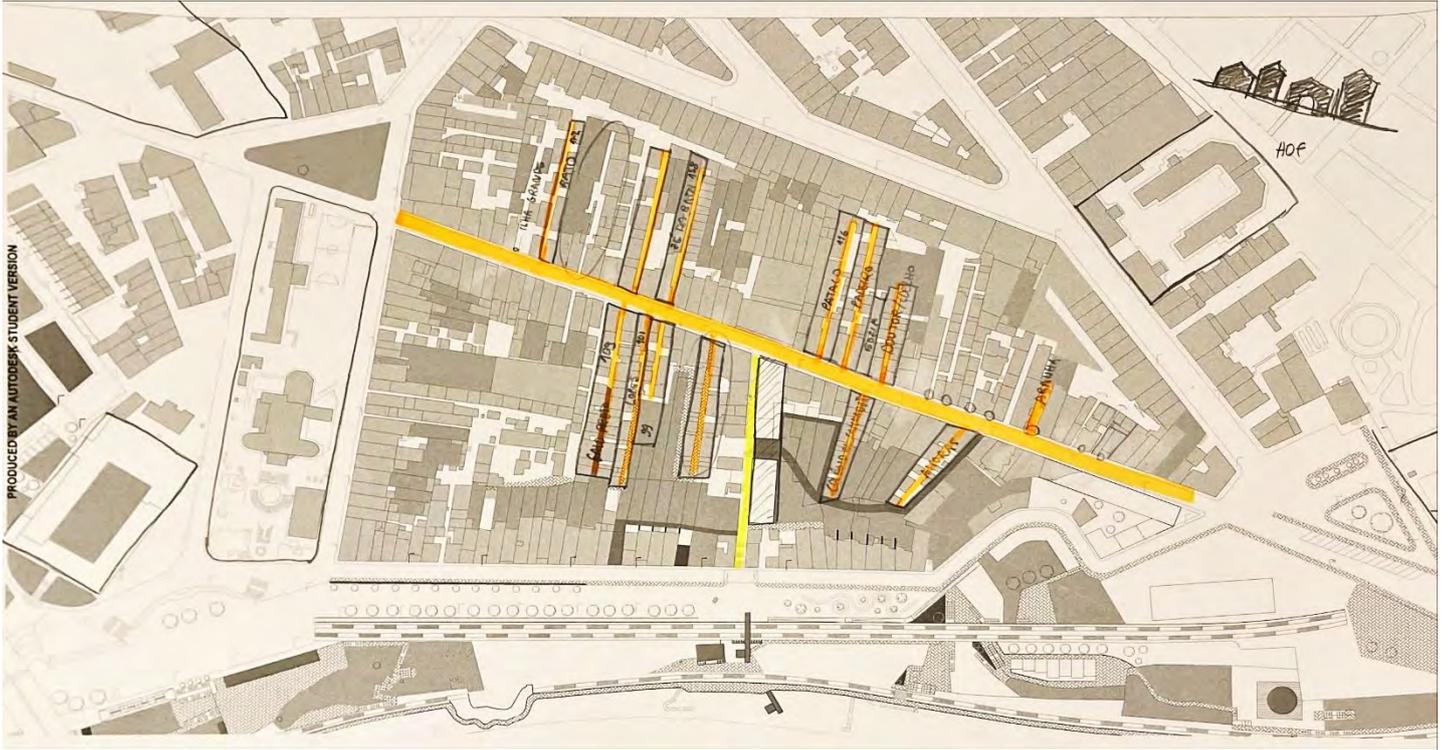
- Sumário de desenhos:

Material de processo;

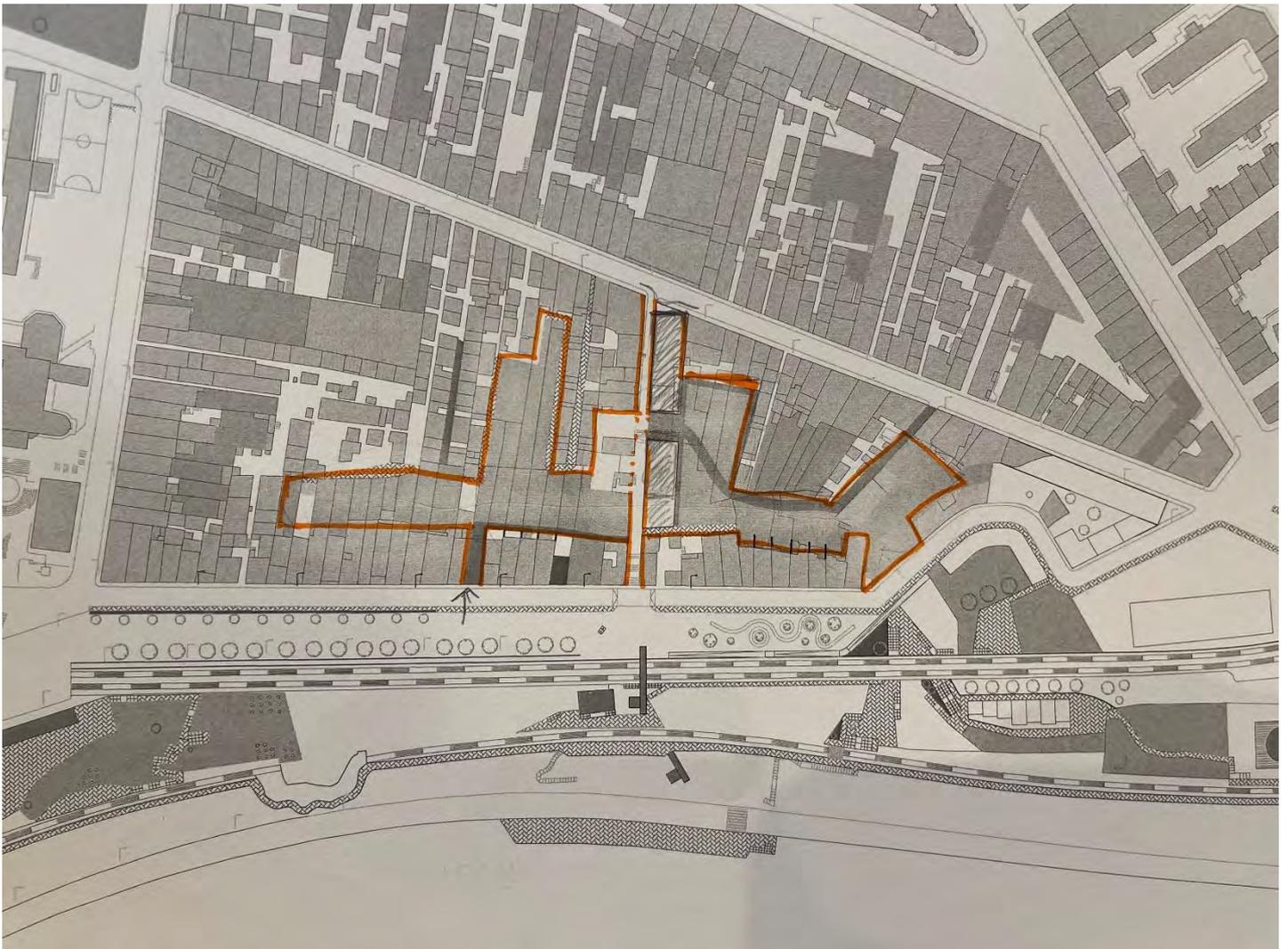
- Desenho de Processo;
- Fotomontagens;
- Maquetes de processo;
- Registos fotográficos



Desenho de Processo



Desenho de Processo

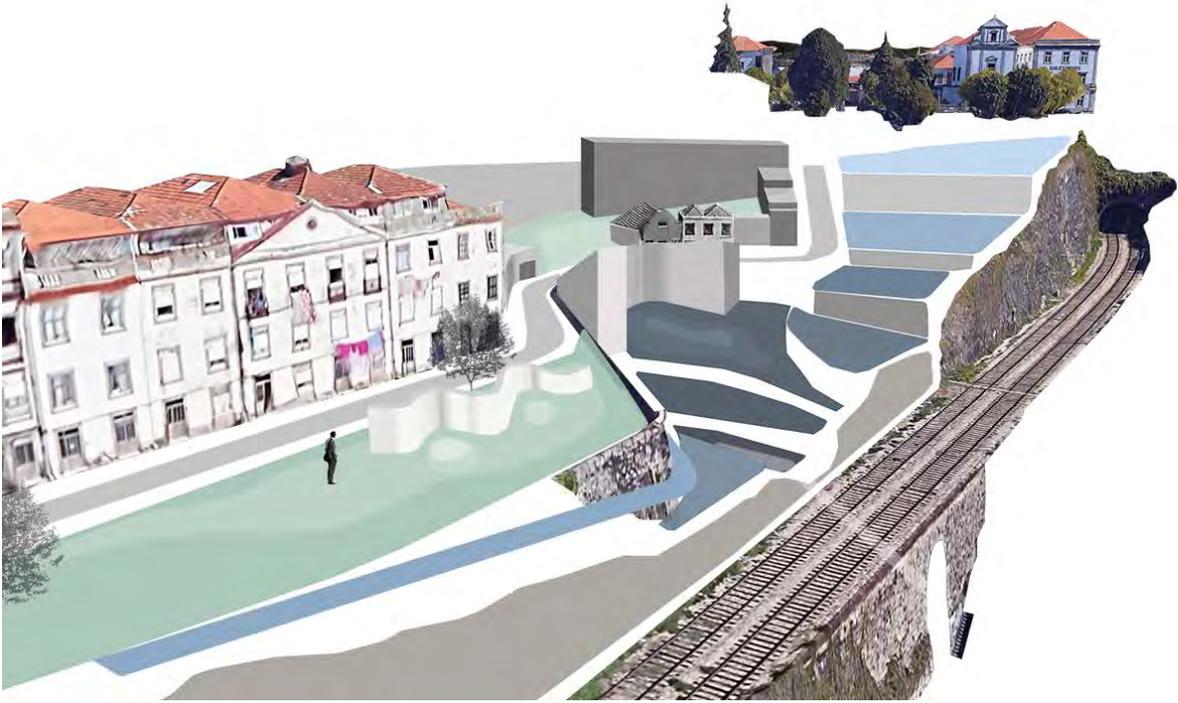


Desenho de Processo

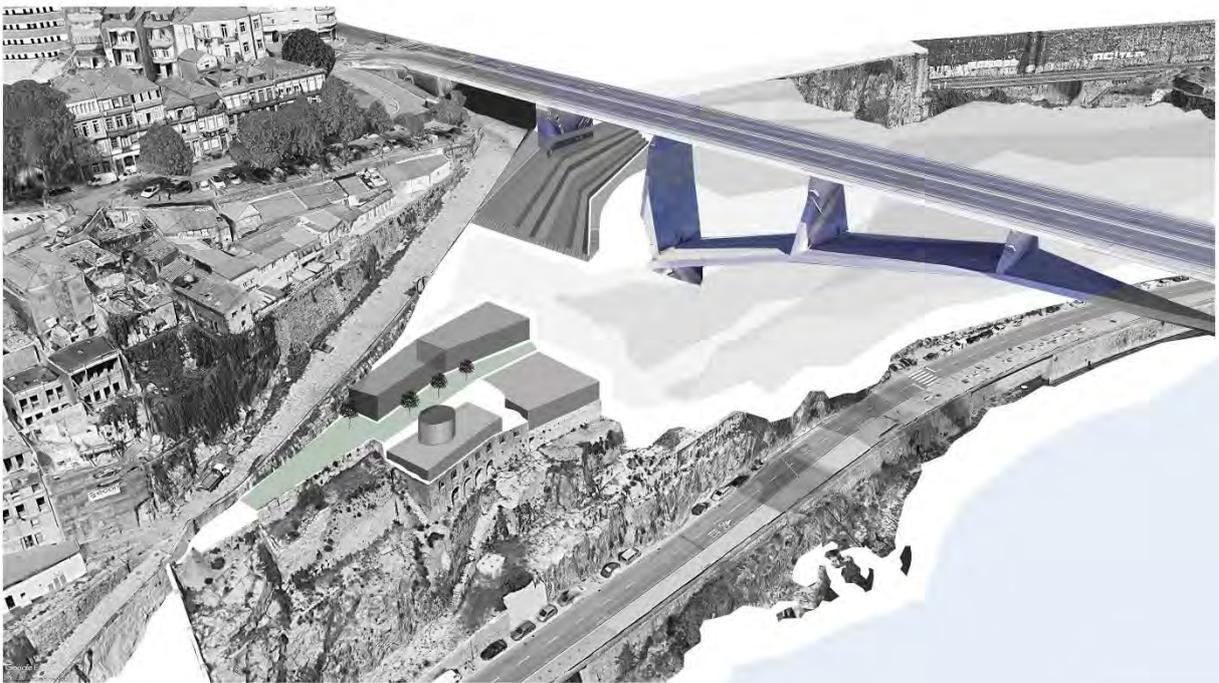
FOTOMONTAGENS

LISTA DE INTERVENÇÕES SECUNDÁRIAS (PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO URBANA):

1. Proposta de intervenção na Alameda das Fontainhas (fig.12)
 - criação de um parque infantil na rua Gomes Freire;
2. Reorganização a praça junto ao bairro de S. Vitor e criação de novo edifício: (fig.13)
 - Reorganização do espaço público de modo a adaptá-lo à escala das habitações de S. Vitor;
 - Criação de um novo edifício de habitação que ajuda a uniformizar as escalas dos espaços.
3. Reabilitação da antiga fábrica de cerâmica e projeção de cinema ao ar livre: (fig.14)
 - Reabilitação do edifício adaptando-o para um Centro de Exposições no âmbito educativo;
 - Criação de cinema ao ar livre, o qual seria projetado na Ponte do Infante;
 - Criação de auditório ao ar livre criando lugares sentados para assistir ao cinema
4. Criação de estacionamento público e remodelação do largo de entrada no cemitério (fig.10)
 - Remodelação da plataforma de acesso ao cemitério, criando um percurso com distinção de pavimento
 - Criação de novo estacionamento na cota inferior desta plataforma. Este apresenta um desenho que permite a introdução de elementos naturais que organizam não só o estacionamento como também a plataforma superior.
5. Criação de um novo edifício habitacional na Rua das Fontainhas · Novo edifício habitacional que pretende completar a frente de rua. (fig.10)
 - Criação de estacionamento privado de apoio ao novo edifício habitacional e também às habitações do bairro de S. Vitor.
 - Remodelação do espaço público, criando acesso pedonal entre as as diferentes cotas deste lugar
6. Novos edifícios habitacionais na Rua de Gomes Freire e Rua de S. Vitor e criação de garagens de apoio às habitações pré-existentes: (fig.10)
 - Criação de dois novos edifícios habitacionais que servem para realojar pessoas retiradas de edifícios demolidos, oferecendo melhores condições de vida.
7. Criação de novo estacionamento de apoio ao Colégio de Nossa Senhora da Esperança: (fig.10)
 - Reorganização do estacionamento já existente;
 - Criação de novo estacionamento subterrâneo na cota inferior ao pré-existente.



Fotomontagem 1



Fotomontagem 2



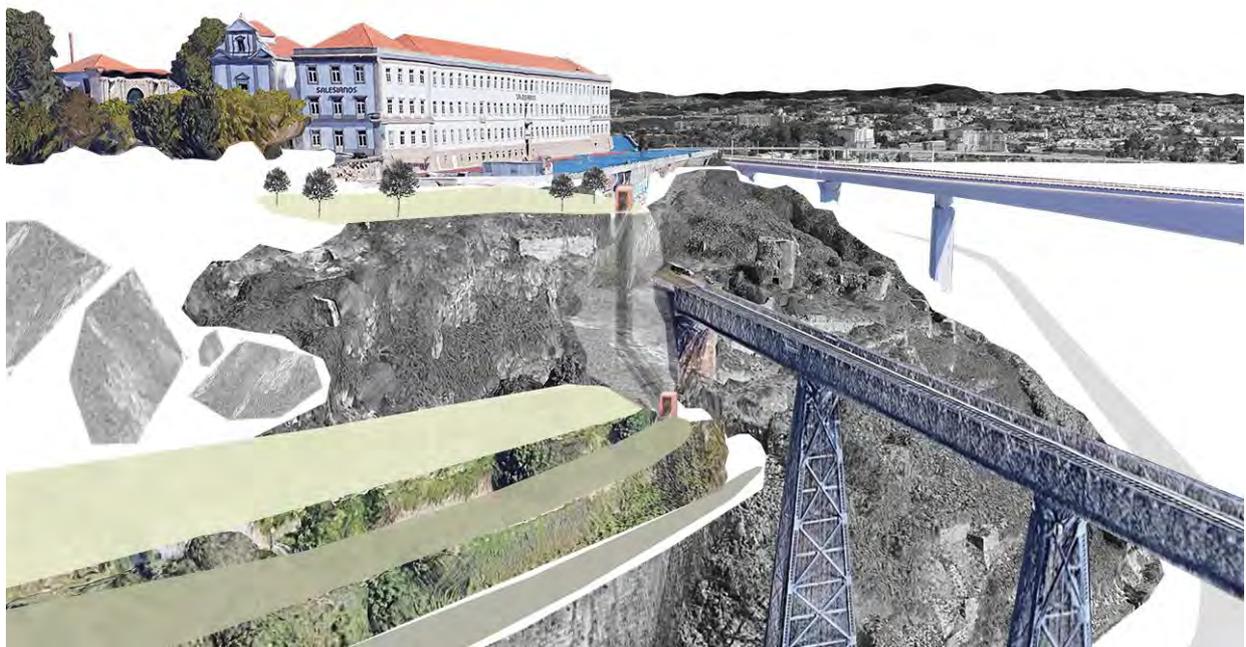
Fotomontagem 3



Fotomontagem 4



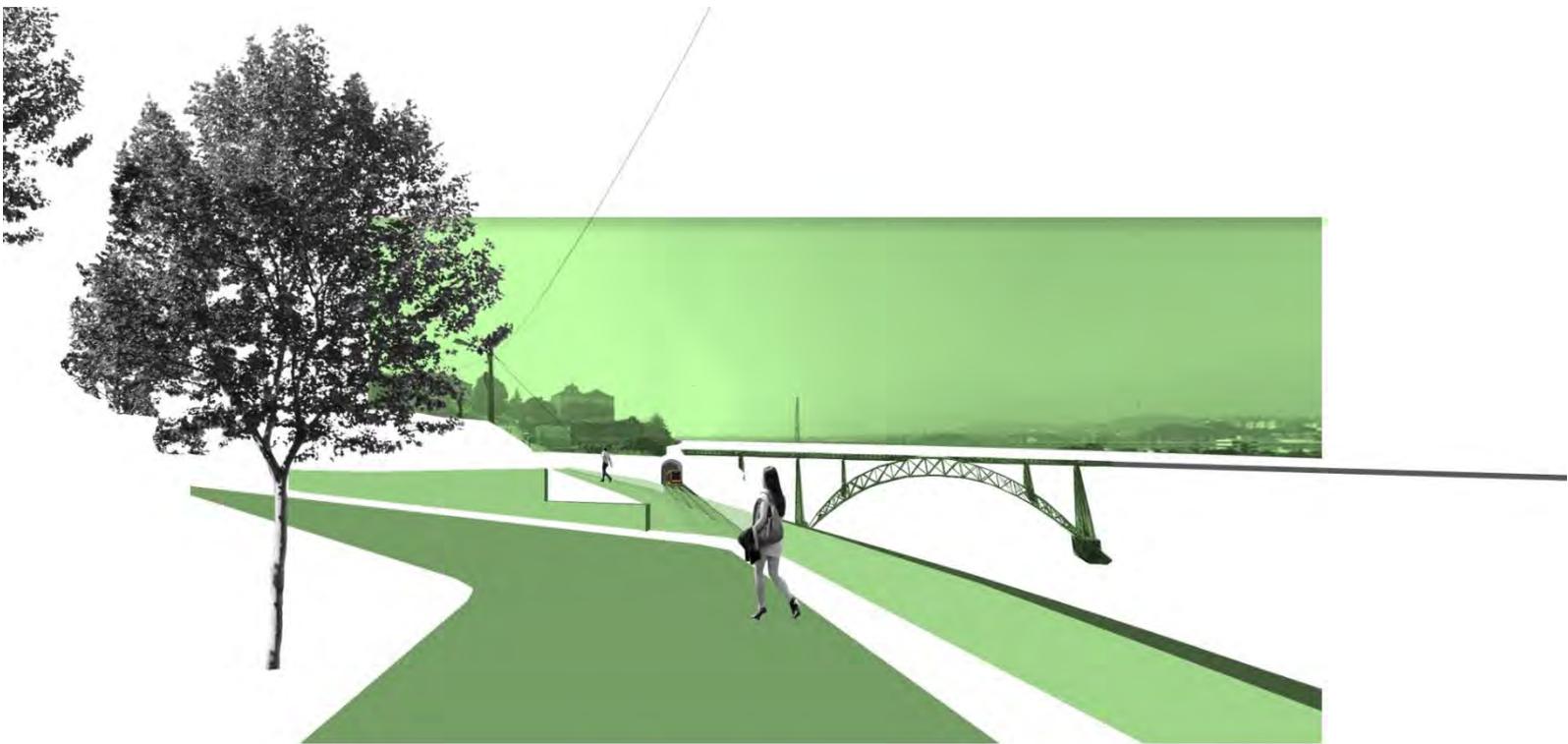
Fotomontagem 5



Fotomontagem 6



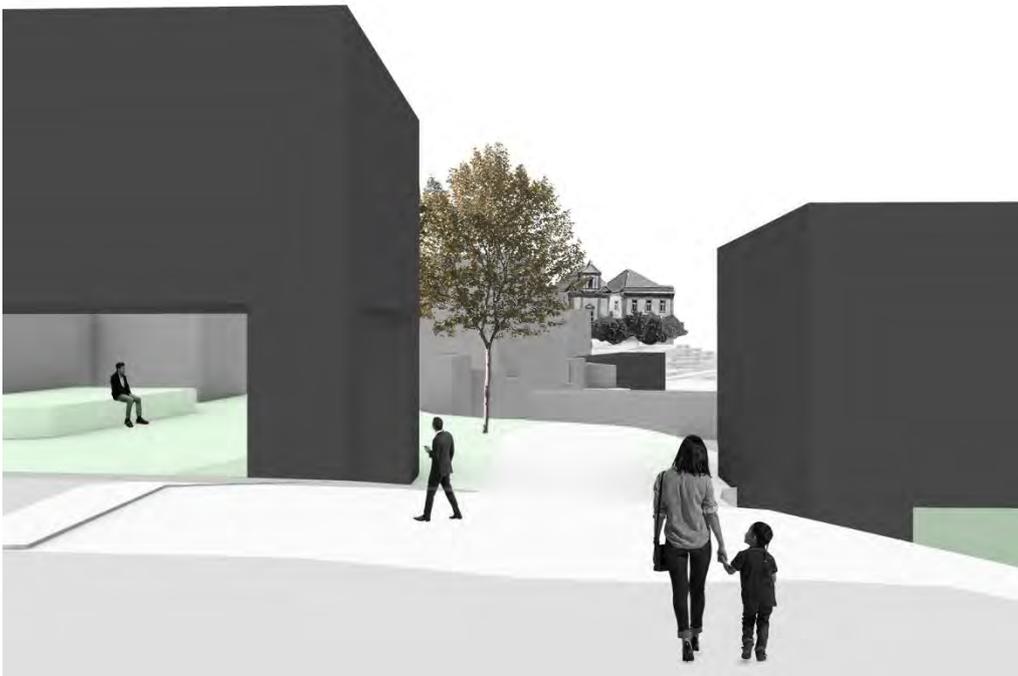
Fotomontagem 7



Fotomontagem 8



Fotomontagem 9



Fotomontagem 10



Fotomontagem 11



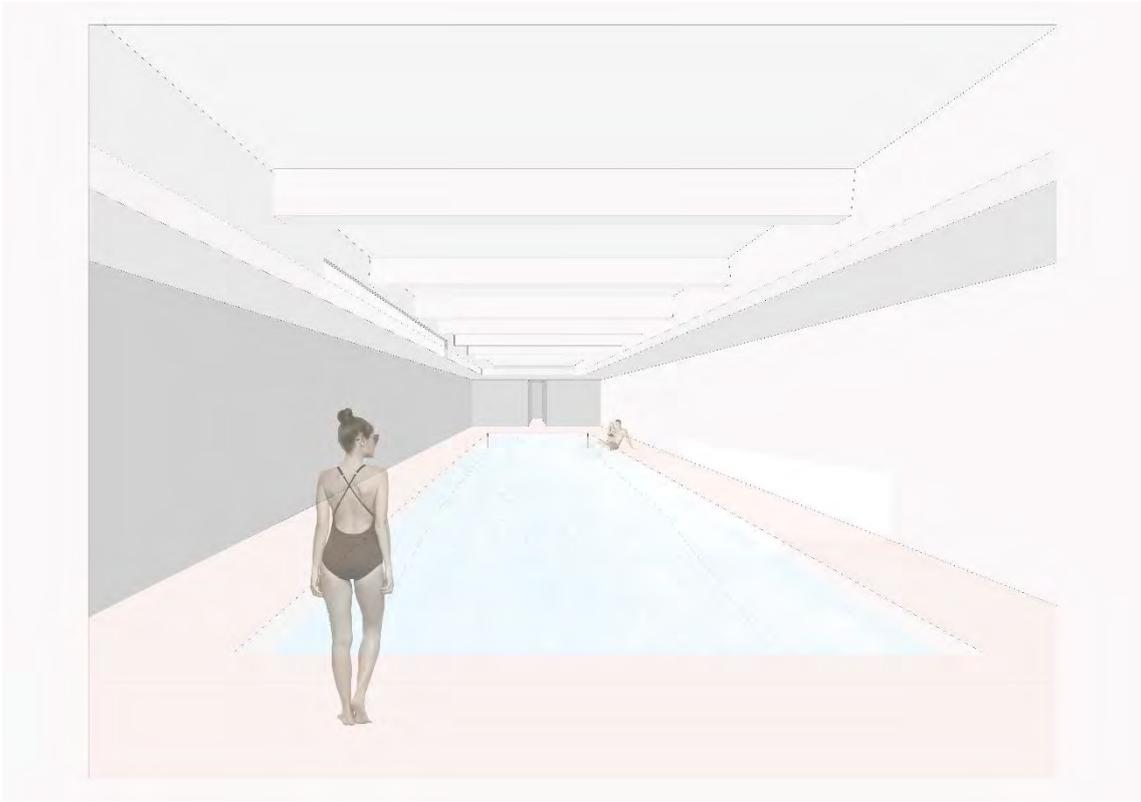
Planta evolução dos pátios - Fase 1



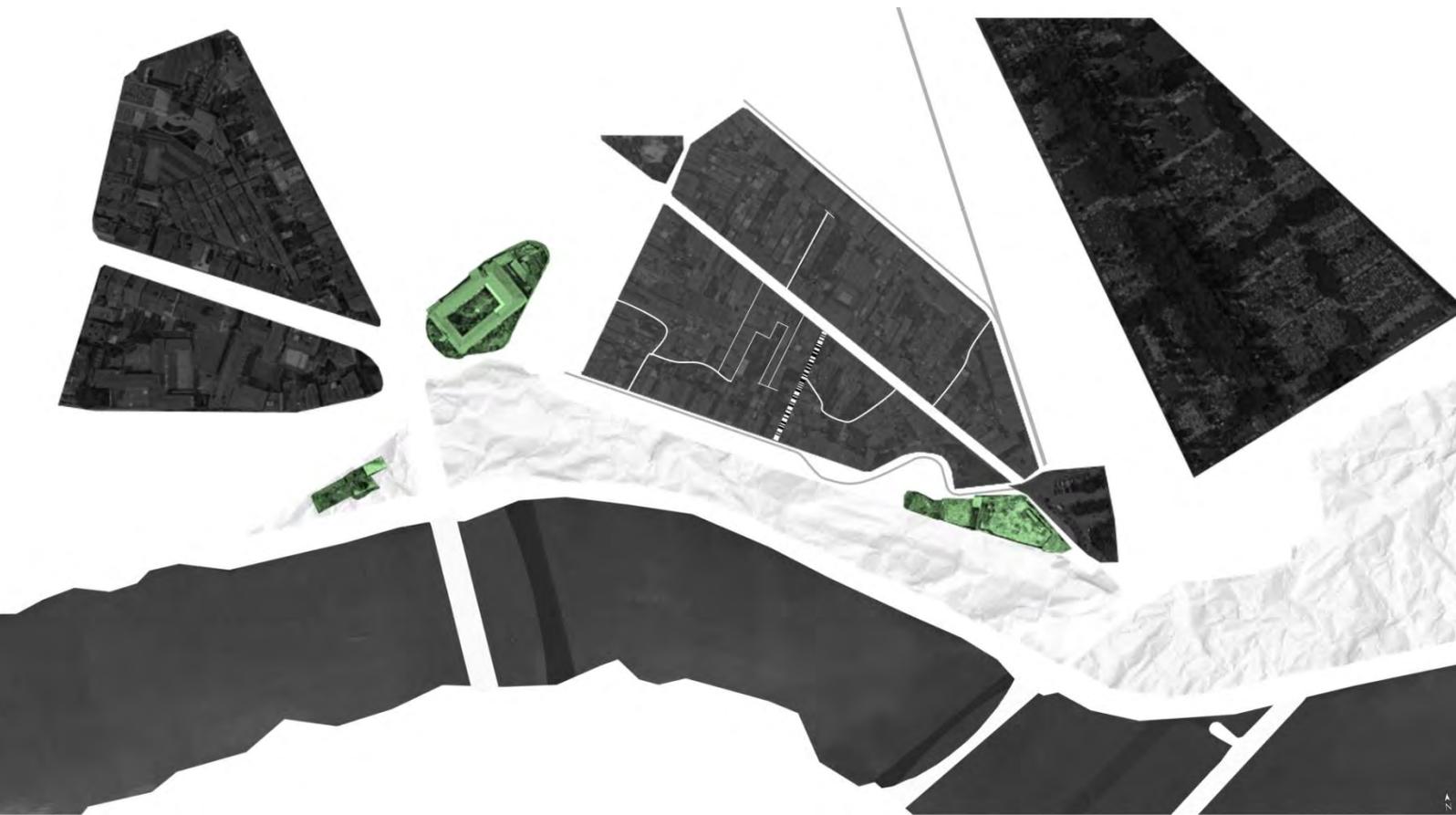
Planta evolução dos pátios - Fase 2



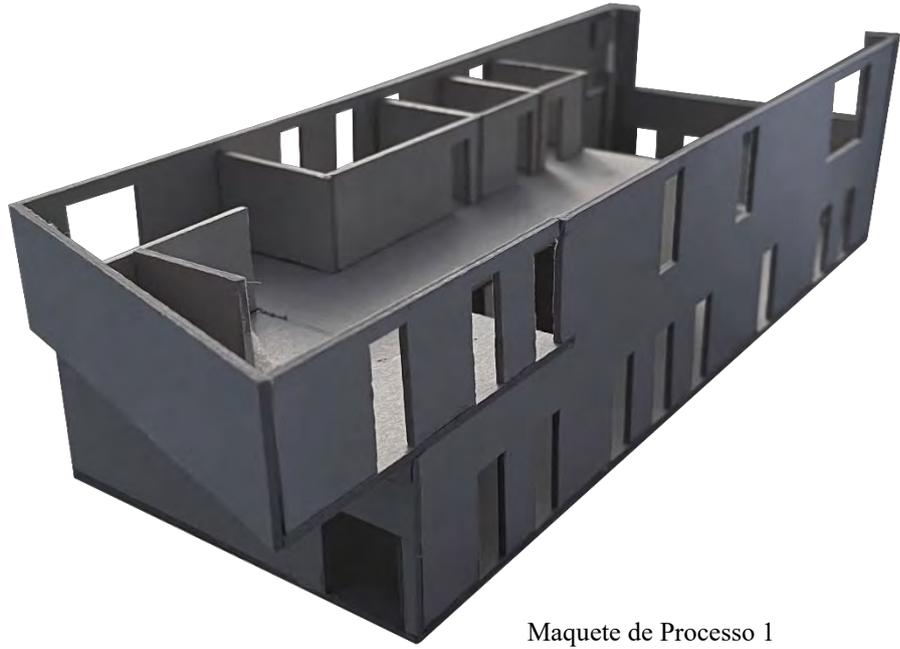
Planta evolução dos pátios - Fase 3



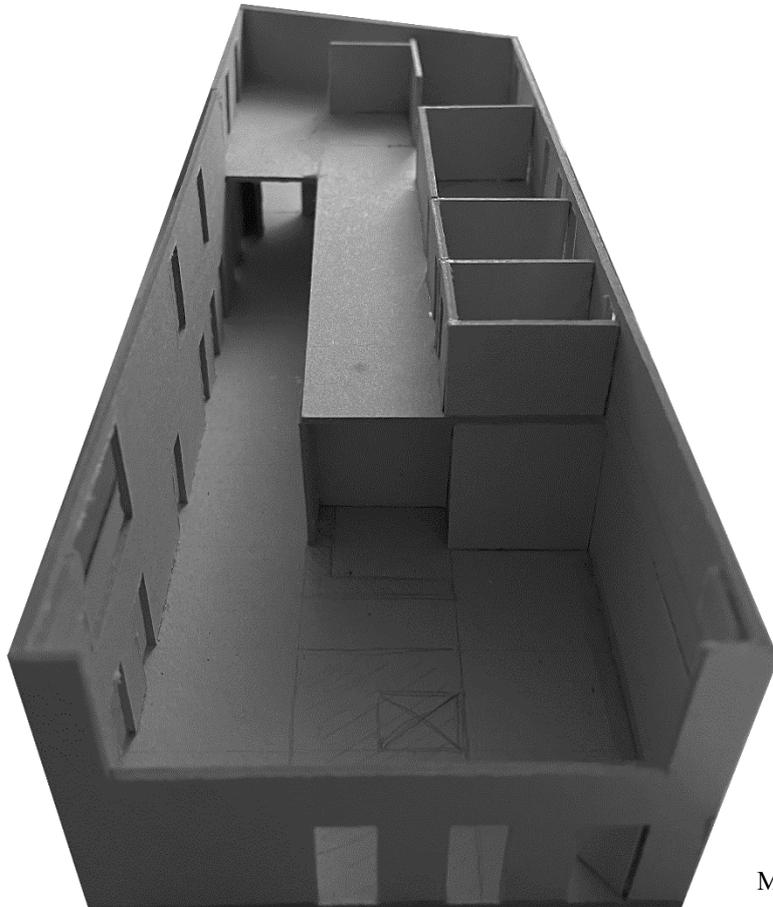
Fotomontagem 12



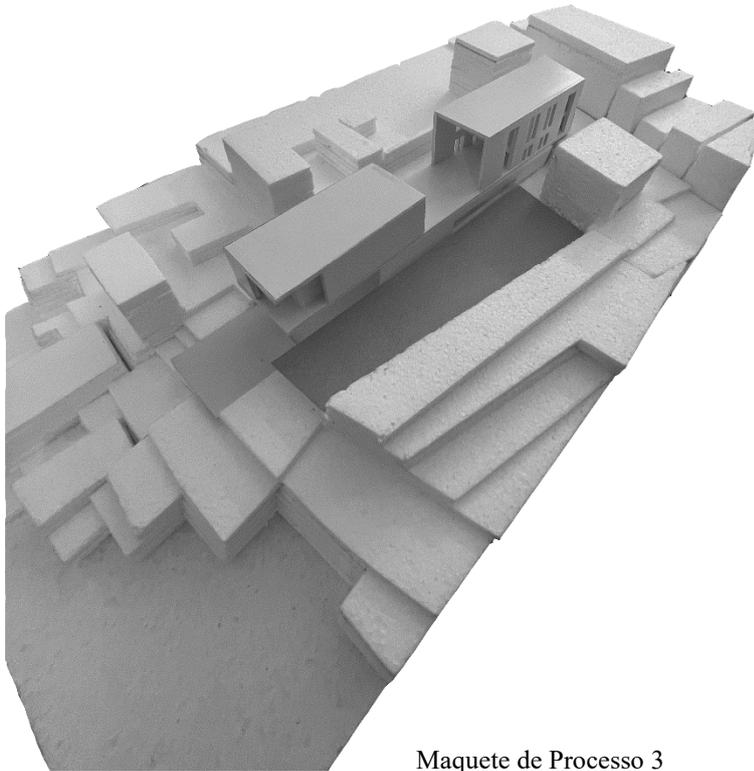
Fotomontagem 13



Maquete de Processo 1



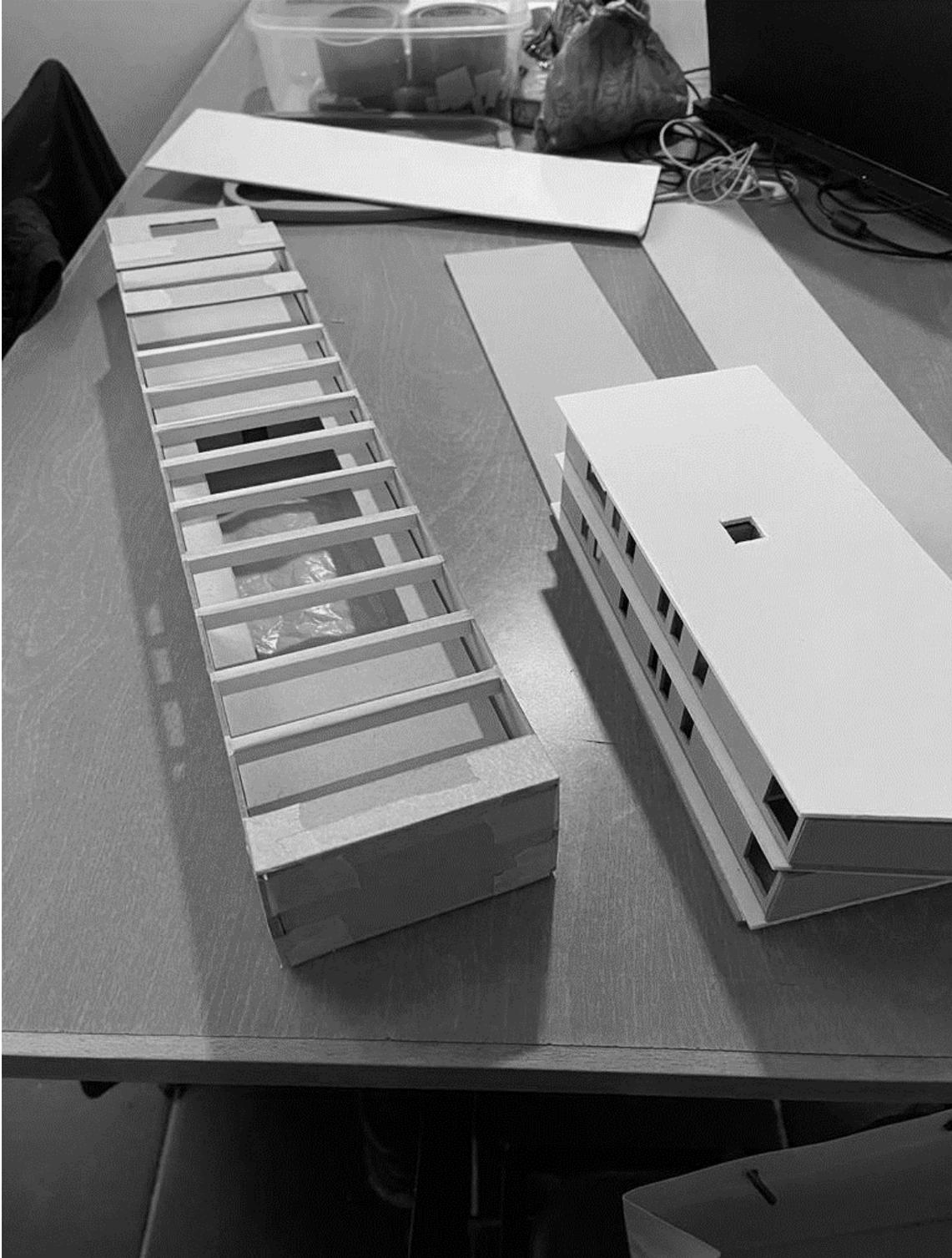
Maquete de Processo 2



Maquete de Processo 3



Maquete de Processo 4



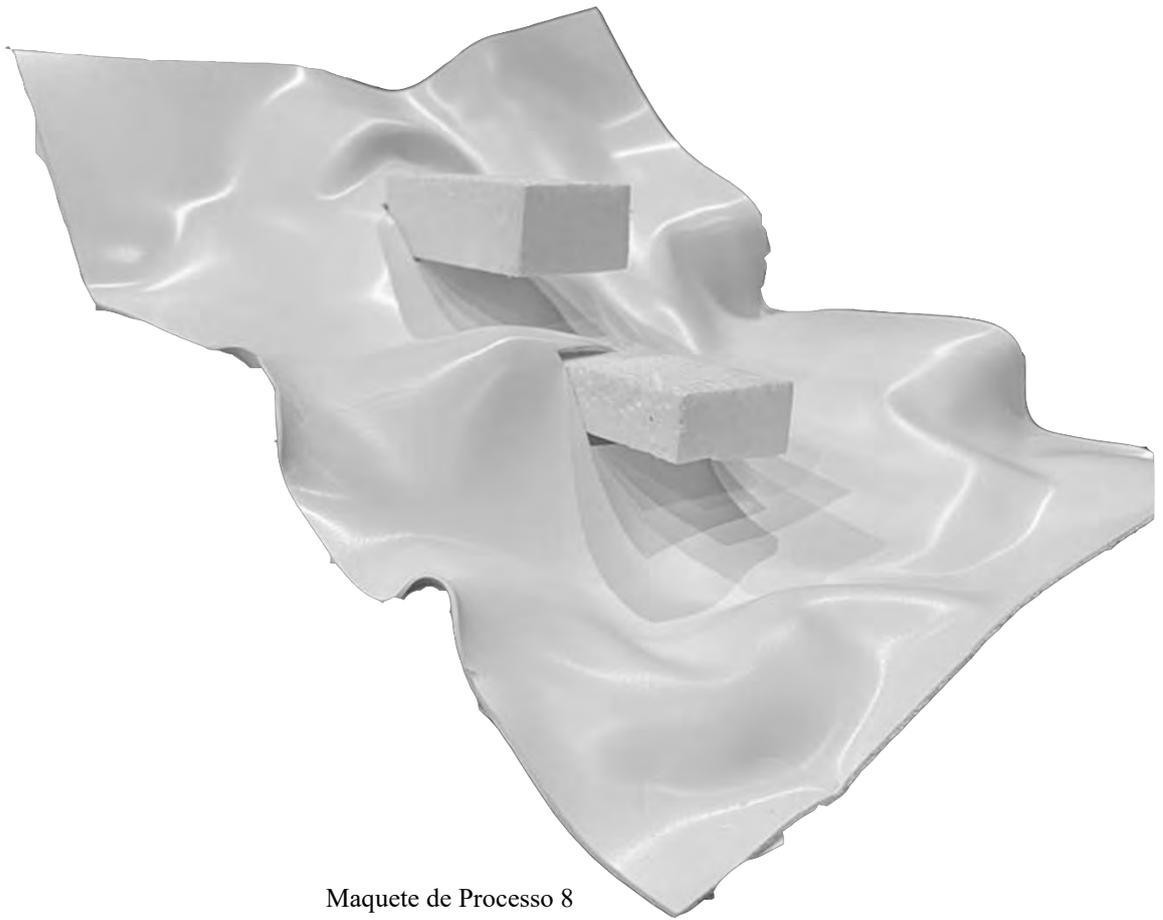
Maquete de Processo 5



Maquete de Processo 6



Maquete de Processo 7



Maquete de Processo 8





Registo Fotográfico 1

Colagem de fotografias retiradas pelo autor



Registo Fotográfico 2

Fotografia retirada pelo autor



Registo Fotográfico 3

Fotografia retirada pelo autor



Registo Fotográfico 4

Fotografia retirada pelo autor



Registo Fotográfico 5

Fotografia retirada pelo autor



Registo Fotográfico 6

Fotografia retirada pelo autor



Registo Fotográfico 7

Fotografia retirada pelo autor



Registo Fotográfico 8

Fotografia retirada pelo autor



Registo Fotográfico 9

Fotografia retirada pelo aluna Verónica Bertollini



Sumário de desenhos:

1. Planta de estratégia de Grupo (esc. 1:1000);
2. Planta de implantação (esc. 1:200);
3. Planta de cobertura (esc. 1:100);
4. Planta da Cota 77 (esc. 1:100);
5. Planta da Cota 81 (esc. 1:100);
6. Planta da Cota 72.6 (esc. 1:100);
7. Planta da Cota 68.6 (esc. 1:100);
8. Alçado Norte (esc.1:100);
9. Alçado Longitudinal Este (esc. 1:100);
10. Alçado Longitudinal Oeste (esc. 1:100);
11. Corte Longitudinal Oeste (esc. 1:200);
12. Corte Alçado Este (esc. 1:50);
13. Corte Transversal Sul A (esc. 1:50);
14. Corte Transversal Sul B (esc. 1:50);
15. Detalhes Construtivos (esc. 1:50)

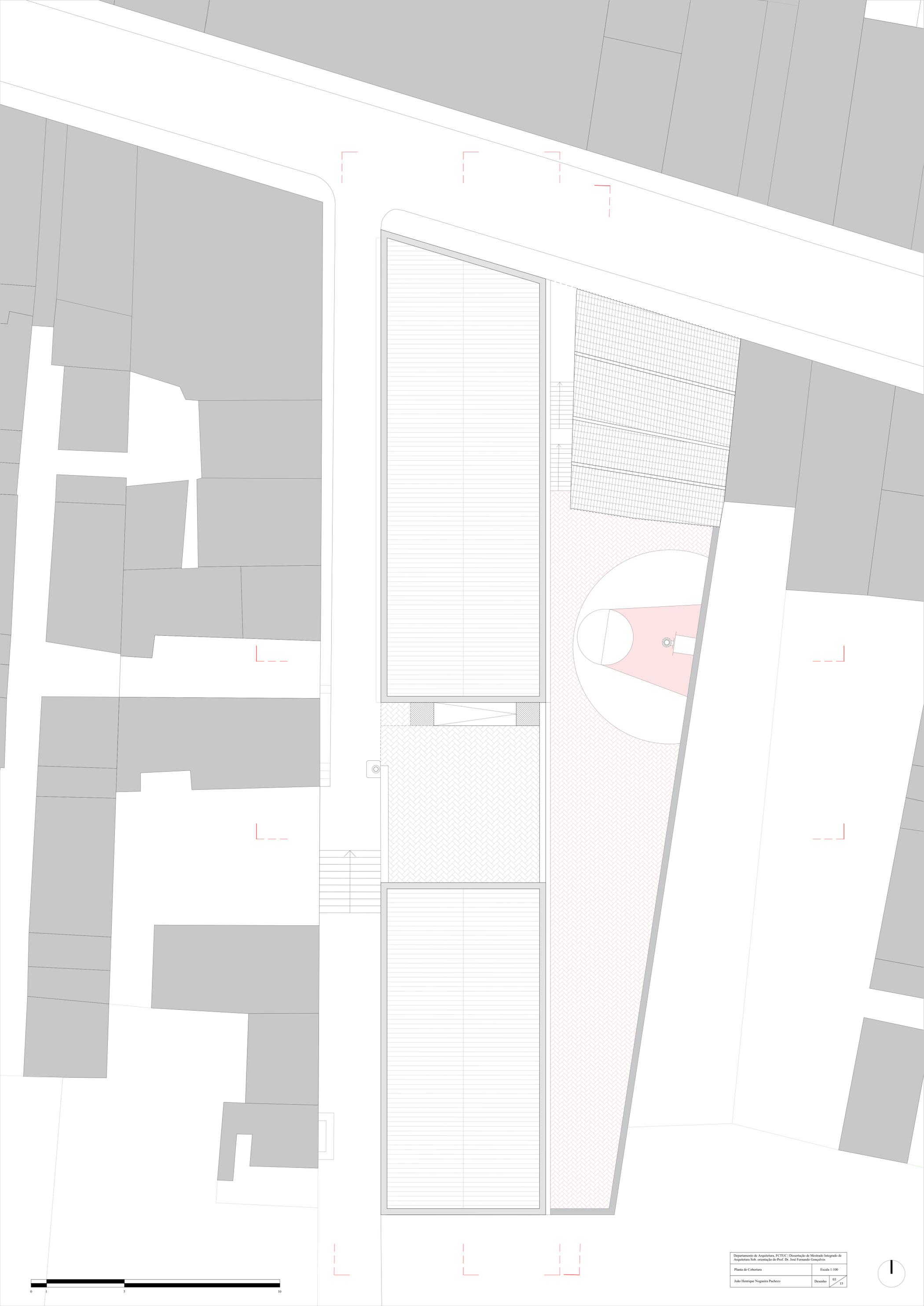


Departamento de Arquitectura, FCTUC | Dissertação de Mestrado Integrado de
Arquitetura Sub-orientação do Prof. Dr. José Fernando Gonçalves

Planta de Estratégia de Grupo	Escala 1:1000
Júlio Henrique Nogueira Pacheco	Desenho 01 15

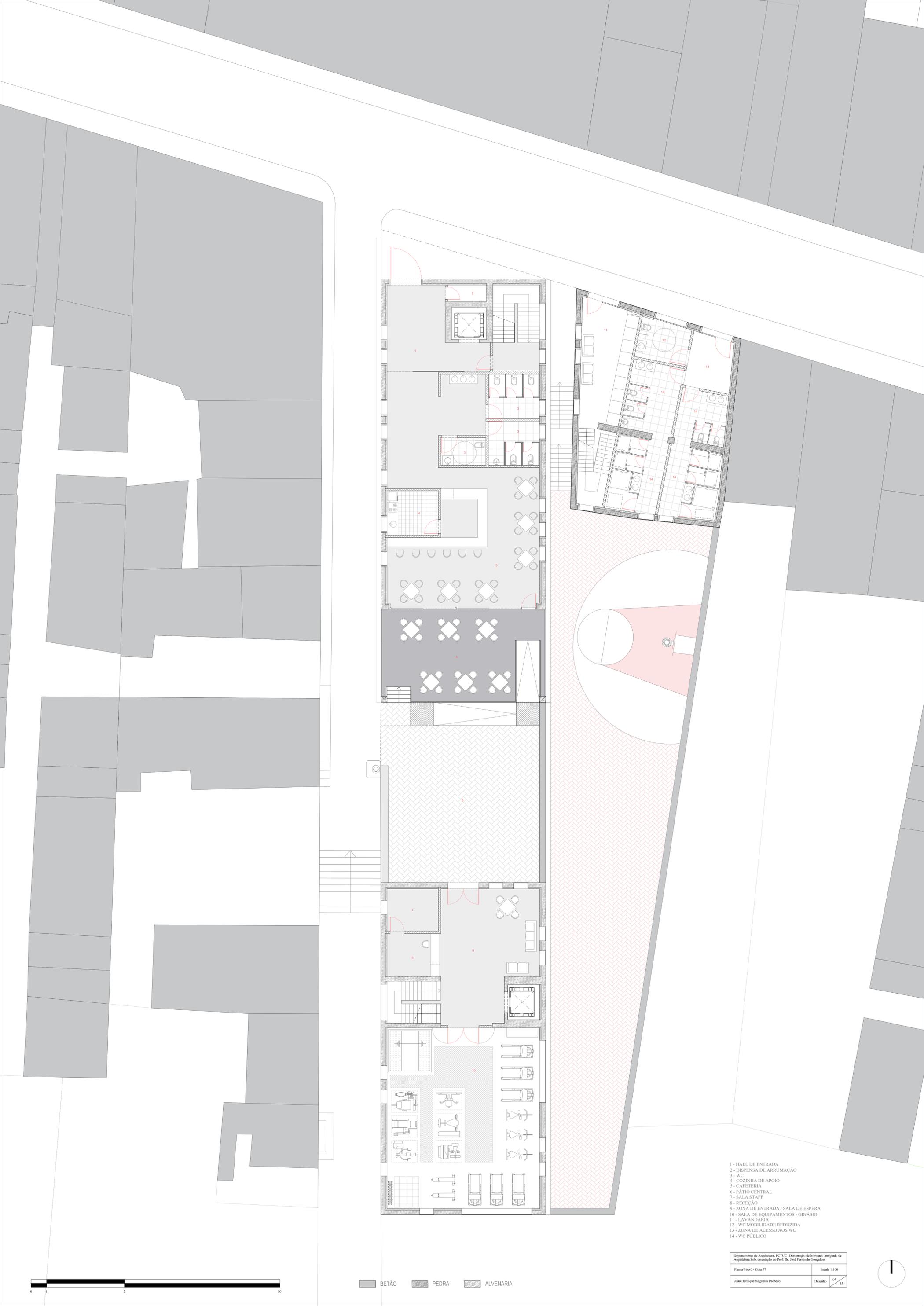






Departamento de Arquitectura, FCTUC Dissertação de Mestrado Integrado de Arquitectura Sob. orientação do Prof. Dr. José Fernando Gonçalves	
Planta de Cobertura	Escala 1:100
José Henrique Nogueira Pacheco	Desenho 03 / 15



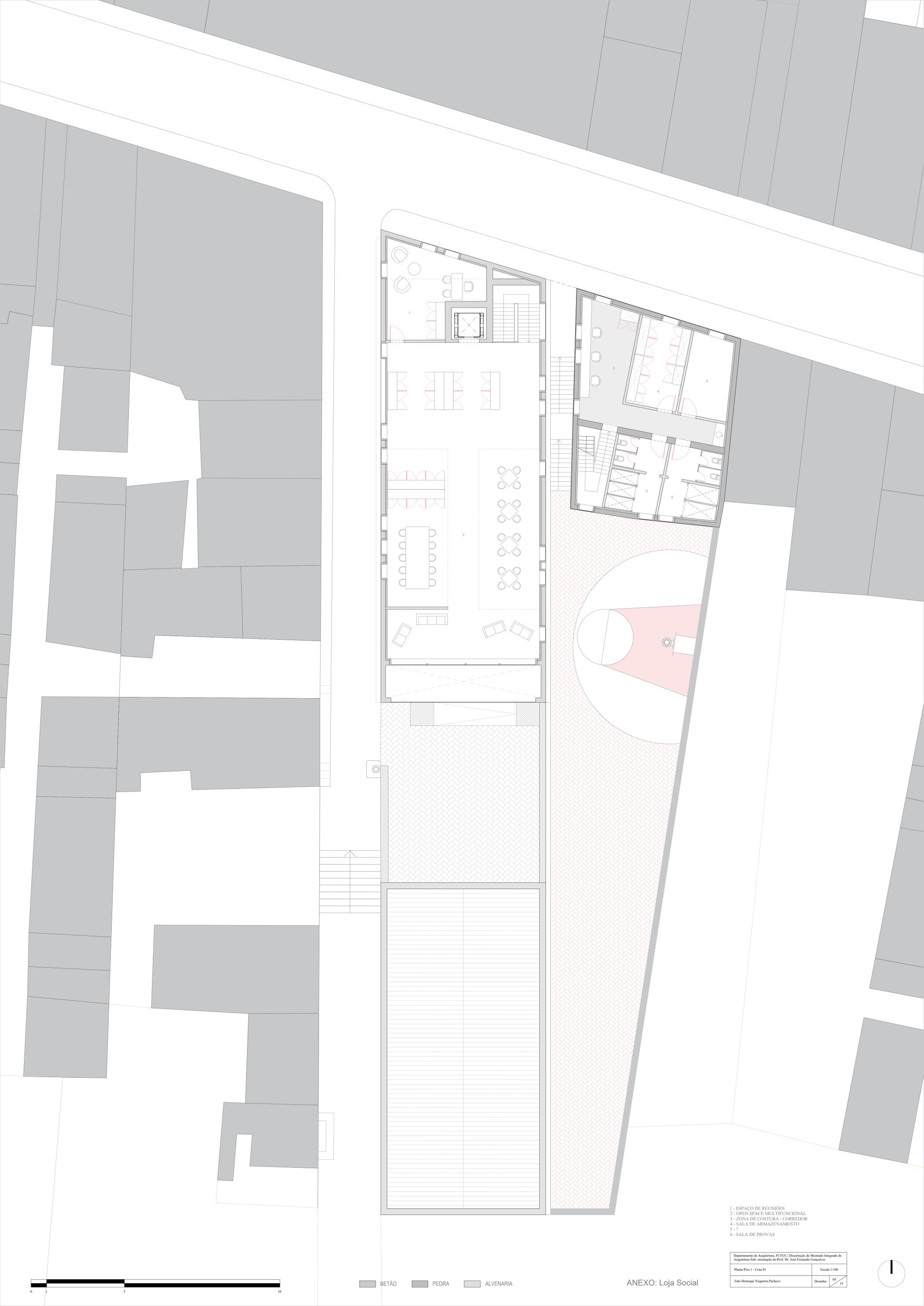


BETÃO
 PEDRA
 ALVENARIA

- 1 - HALL DE ENTRADA
- 2 - DISPENSA DE ARRUMAÇÃO
- 3 - WC
- 4 - COZINHA DE APOIO
- 5 - CAFETERIA
- 6 - PÁTIO CENTRAL
- 7 - SALA STAFF
- 8 - RECEÇÃO
- 9 - ZONA DE ENTRADA / SALA DE ESPERA
- 10 - SALA DE EQUIPAMENTOS - GINÁSIO
- 11 - LAVANDARIA
- 12 - WC MOBILIDADE REDUZIDA
- 13 - ZONA DE ACESSO AOS WC
- 14 - WC PÚBLICO

Departamento de Arquitetura, FCTUC Dissertação de Mestrado Integrado de Arquitetura Sob orientação do Prof. Dr. José Fernando Gonçalves	
Planta Piso 0 - Cota 77	Escala 1:100
João Henrique Nogueira Pacheco	Desenho 04 / 15





- 1 - ESPAÇO DE REUNIÕES
- 2 - OPEN SPACE MULTIFUNCIONAL
- 3 - ZONA DE COSTURA / CORREDOR
- 4 - SALA DE ARMAZENAMENTO
- 5 - ?
- 6 - SALA DE PROVAS

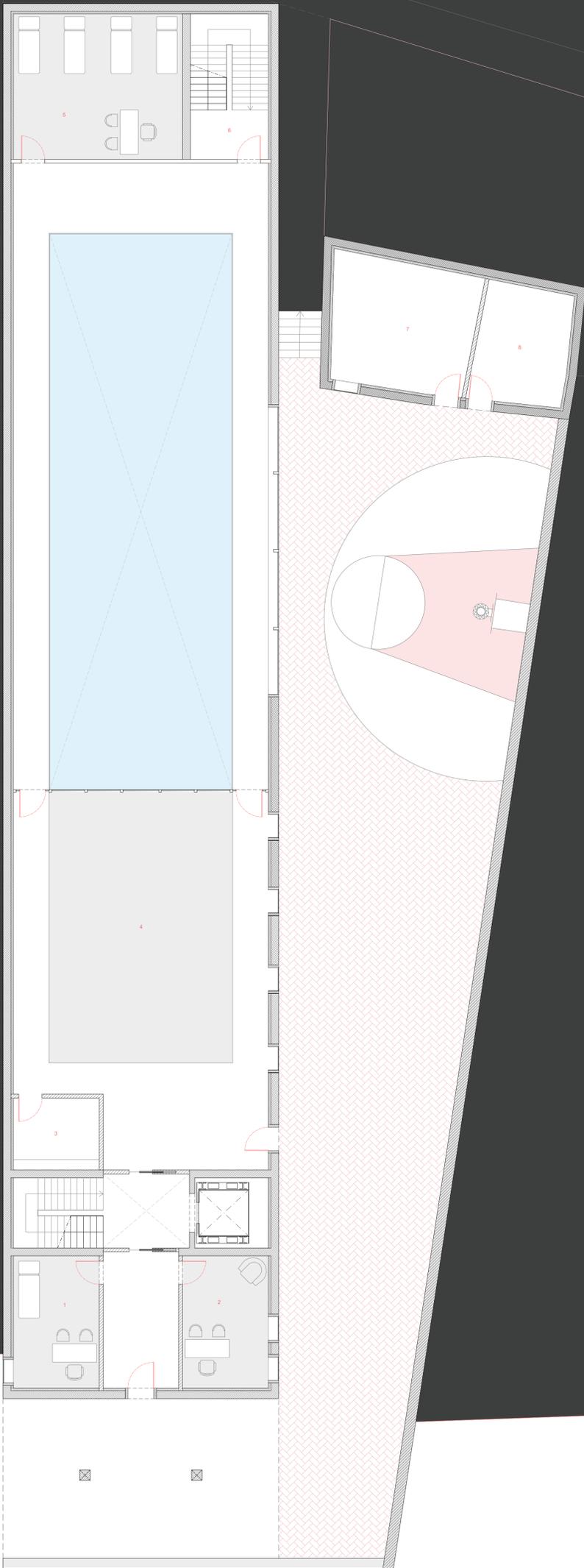
Departamento de Arquitetura, FCTUC Dissertação de Mestrado Integrado de Arquitetura Sob orientação do Prof. Dr. José Fernando Gonçalves	
Planta Piso 1 - Cota 81	Escala 1:100
João Henrique Nogueira Pacheco	Desenho 05 / 15



BETÃO
 PEDRA
 ALVENARIA

ANEXO: Loja Social





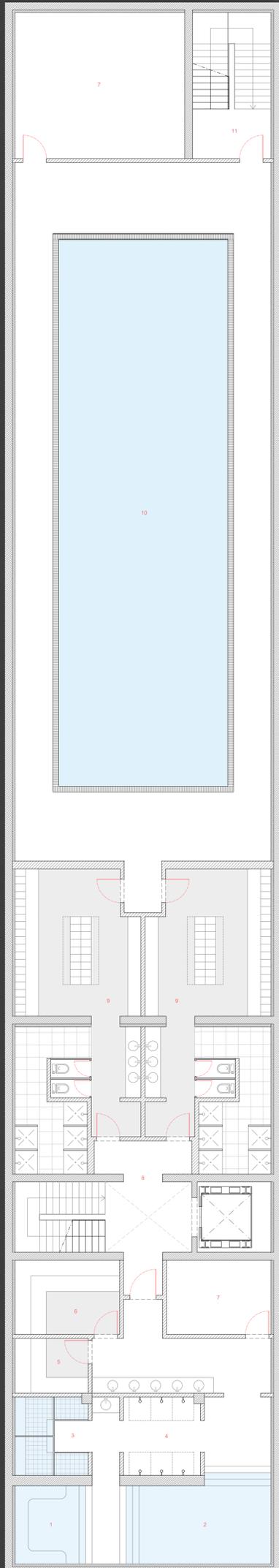
- 1 - GABINETE MÉDICO
- 2 - GABINETE MÉDICO
- 3 - SALA DE ARRUMAÇÕES
- 4 - ZONA DE AULAS EM GRUPO
- 5 - ENFERMARIA
- 6 - ESCADAS DE EMERGÊNCIA
- 7 - SALA DE ARRUMAÇÕES
- 8 - SALA DE EQUIPAMENTOS / MANUTENÇÃO

Departamento de Arquitetura, FCTUC Dissertação de Mestrado Integrado de Arquitetura Sob orientação do Prof. Dr. José Fernando Gonçalves	
Planta Piso -1 - Cota 72.6	Escala 1:100
João Henrique Nogueira Pacheco	Desenho 06/15



BETÃO
 PEDRA
 ALVENARIA





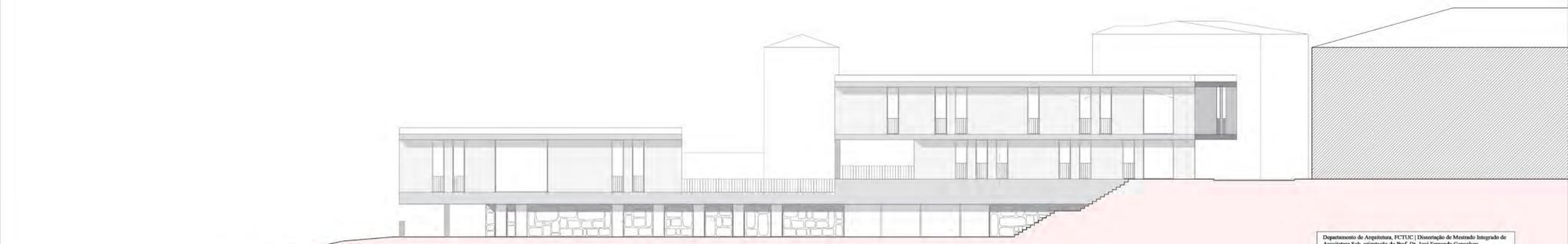
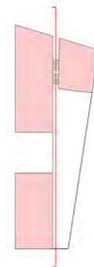
- 1 - ESPAÇO DE HIDROMASSAGEM
- 2 - PISCINA INTERIOR
- 3 - ZONA DE TANQUES
- 4 - CORREDOR DE DUCHES
- 5 - SAUNA SECA
- 6 - SAUNA HÚMIDA
- 7 - SALA DE MANUTENÇÃO DAS ÁGUAS
- 8 - ÁREA DE CIRCULAÇÃO
- 9 - BALNEÁRIOS
- 10 - PISCINA PRINCIPAL
- 11 - ESCADA DE EMERGÊNCIA



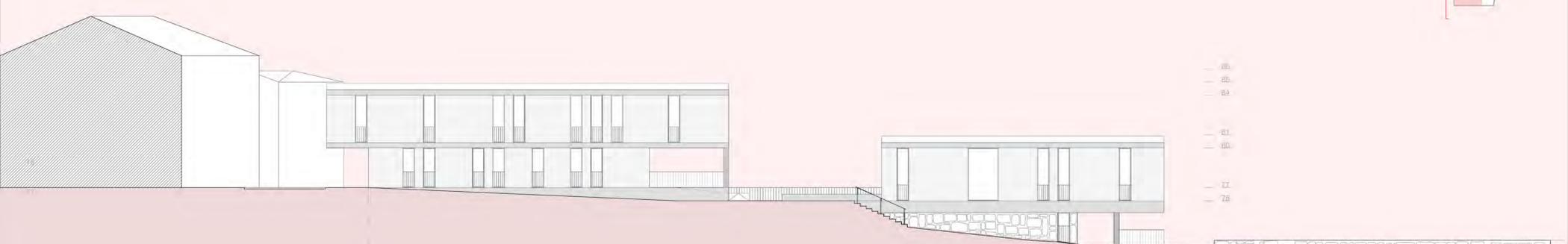


10.38 11.41 4.80 11.49 13.13 4.09 12.44 6.13 4.20



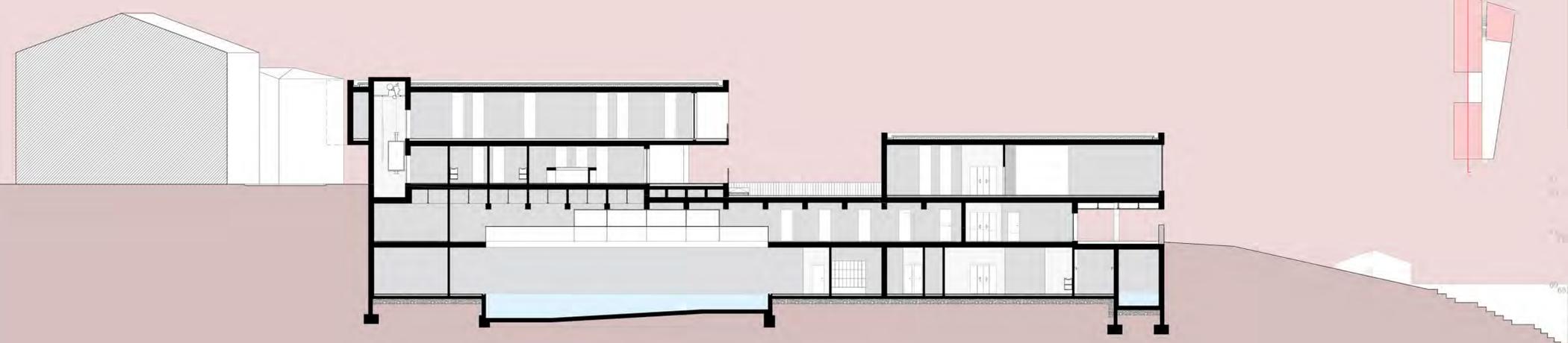


Departamento de Arquitectura, FCT/UA Dissertação de Mestrado Integrado de Arquitectura Sob. orientação do Prof. Dr. José Fernando Gonçalves	
Alçado Este - Pátio Exterior	Escala 1:200
João Henrique Nogueira Pacheco	Desenho 09 / 15

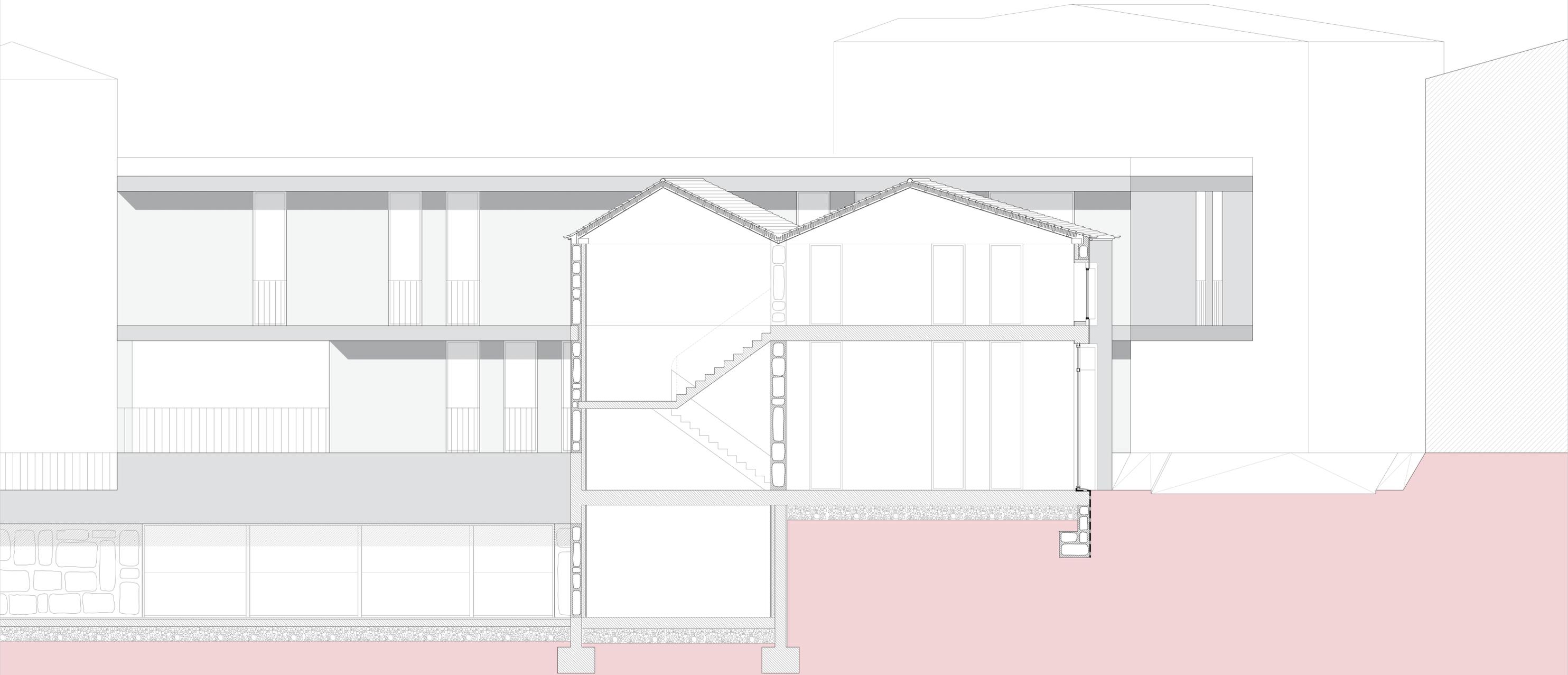
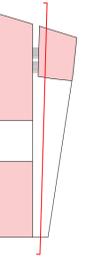


- 00.
- 01.
- 02.
- 03.
- 04.
- 05.
- 06.
- 07.
- 08.

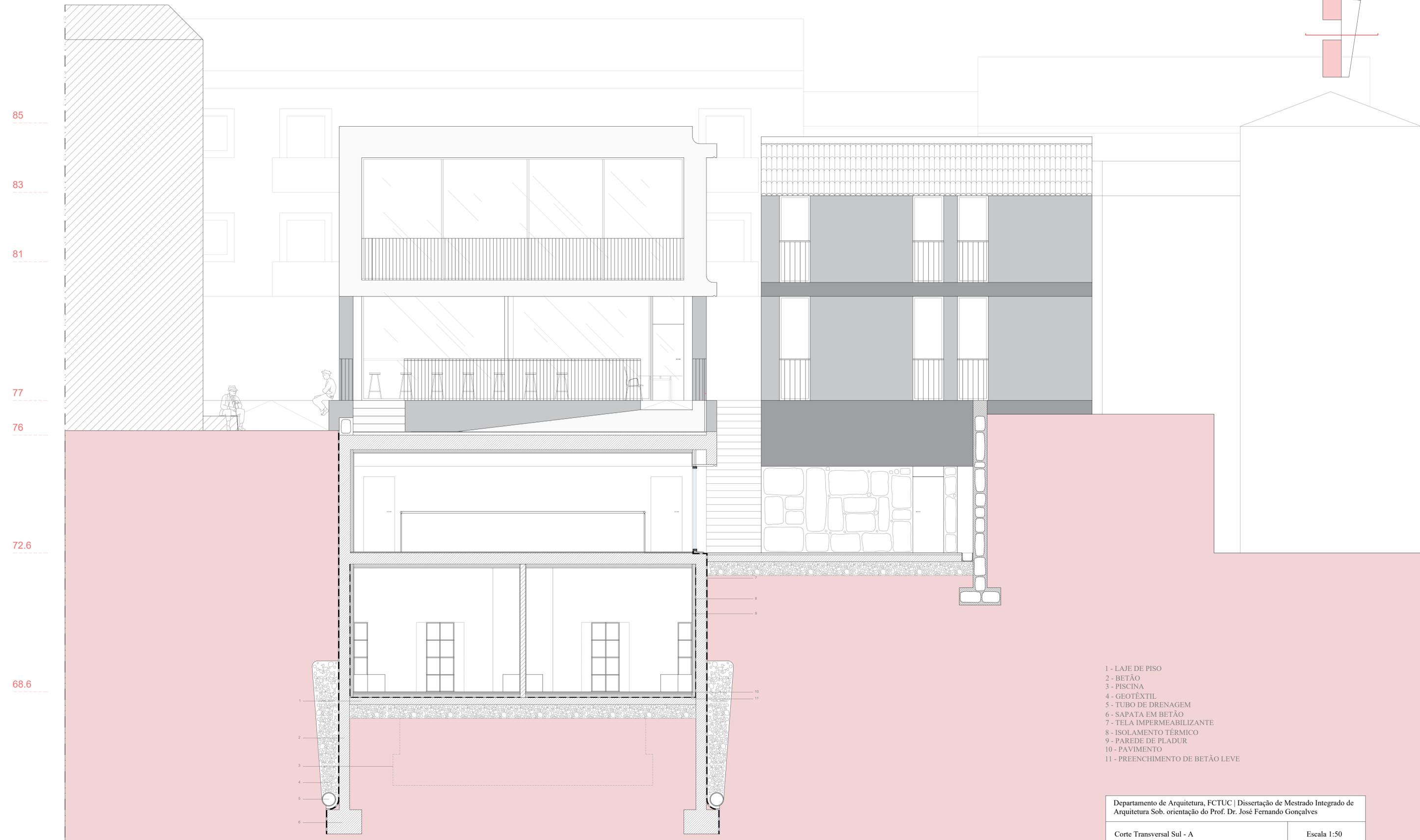
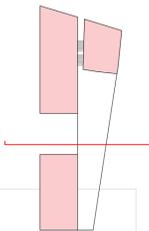
Departamento de Arquitectura, FCT/UA Dissertação de Mestrado Integrado de Arquitectura Sob. orientação do Prof. Dr. José Fernando Gonçalves	
Alçado Oeste - Travessa de S. Victor	Escala 1:200
João Henrique Nogueira Pacheco	Desenho 10 / 15



Departamento de Arquitectura, FCT/UA Dissertação de Mestrado Integrado de Arquitectura Sob. orientação do Prof. Dr. José Fernando Gonçalves	
Corte Longitudinal Oeste	Escala 1:200
João Henrique Nogueira Pacheco	Desenho 11 / 15



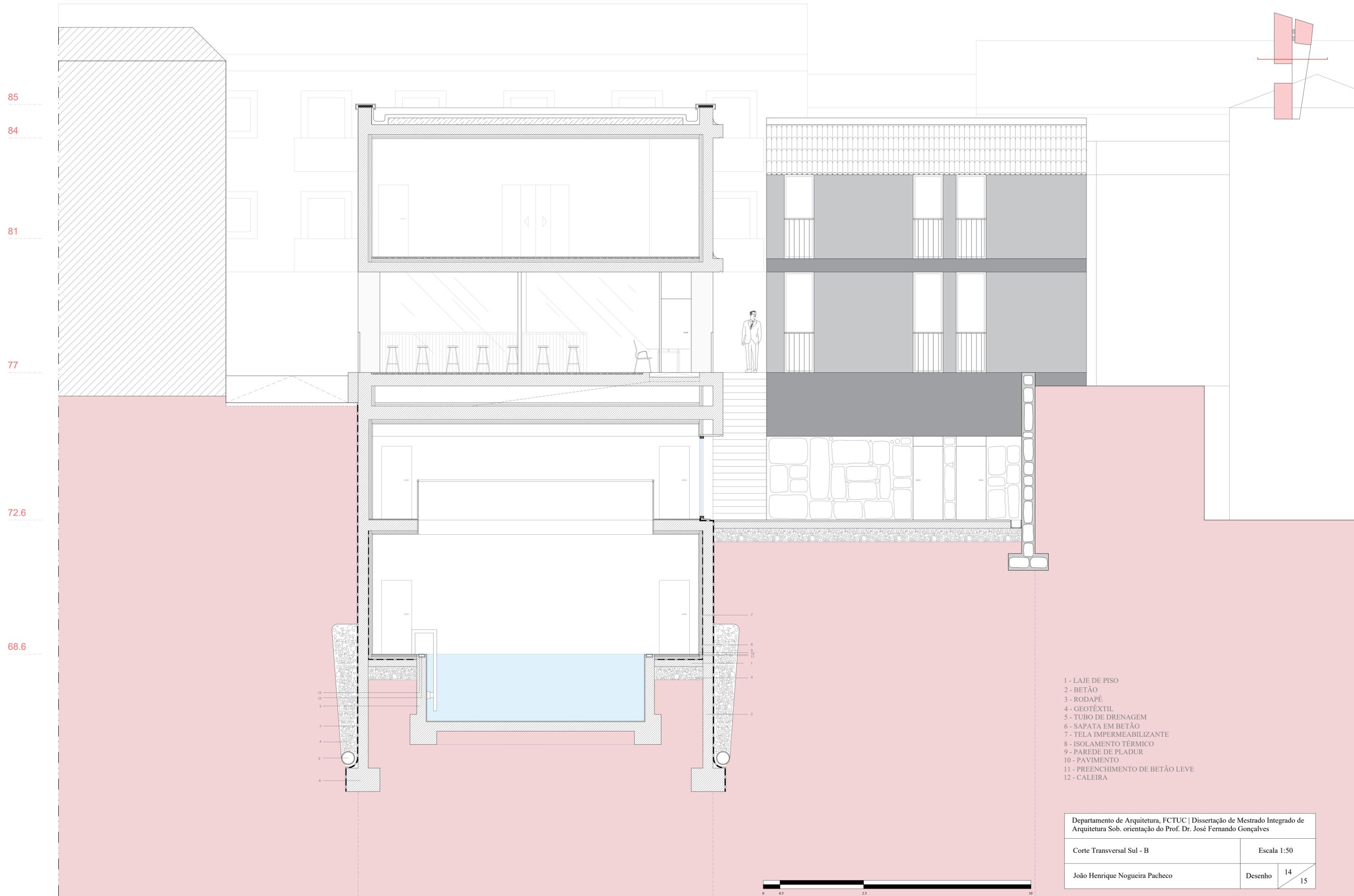
Departamento de Arquitetura, FCTUC Dissertação de Mestrado Integrado de Arquitetura Sob. orientação do Prof. Dr. José Fernando Gonçalves	
Corte Alçado Oeste	Escala 1:50
João Henrique Nogueira Pacheco	Desenho 12 / 15

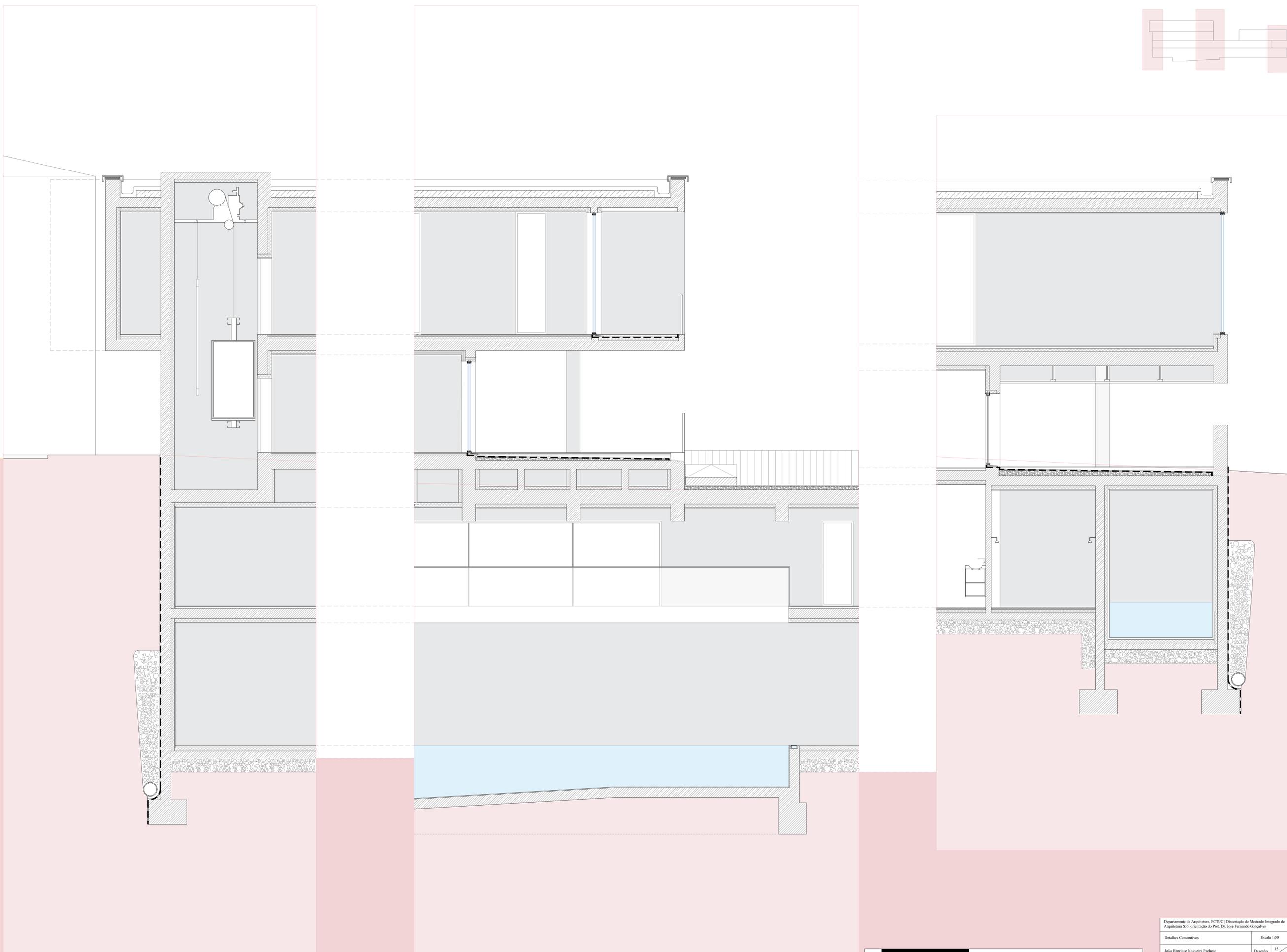
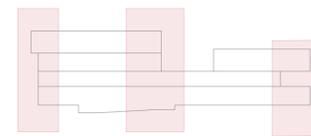


- 1 - LAJE DE PISO
- 2 - BETÃO
- 3 - PISCINA
- 4 - GEOTÉXTEL
- 5 - TUBO DE DRENAGEM
- 6 - SAPATA EM BETÃO
- 7 - TELA IMPERMEABILIZANTE
- 8 - ISOLAMENTO TÉRMICO
- 9 - PAREDE DE PLADUR
- 10 - PAVIMENTO
- 11 - PREENCHIMENTO DE BETÃO LEVE

Departamento de Arquitetura, FCTUC Dissertação de Mestrado Integrado de Arquitetura Sob. orientação do Prof. Dr. José Fernando Gonçalves	
Corte Transversal Sul - A	Escala 1:50
João Henrique Nogueira Pacheco	Desenho 13 / 15







Departamento de Arquitectura, FCTUC Dissertação de Mestrado Integrado de Arquitectura Sob. orientação do Prof. Dr. José Fernando Gonçalves	
Detalhes Construtivos	Escala 1:50
João Henrique Nogueira Pacheco	Desenho 15 / 15

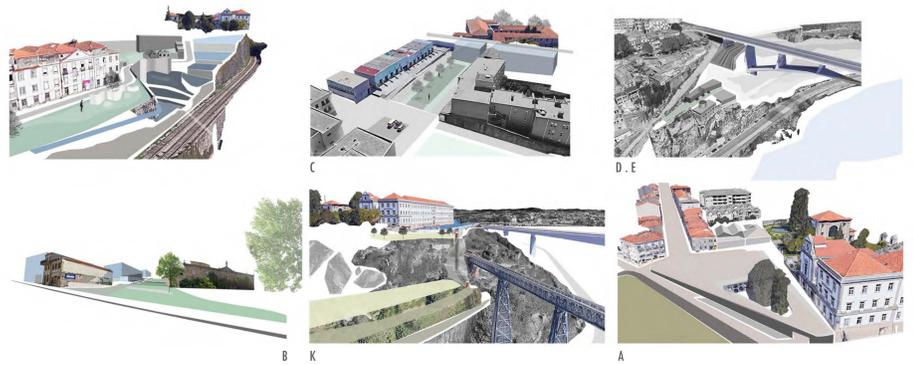
PERCURSOS

REINVENTAR CIDADES MOLDAR MENTALIDADES

Todas as propostas apresentadas são um meio para integrar o lugar das Fontainhas na cidade, tornando-o mais qualificado ao nível urbano e social. Projetou-se com o intuito de preservar a cultura e identidade do espaço, sendo prioridade entender quais as necessidades reais da população, de modo a criar soluções adequadas e realistas. Optou-se por estabelecer um núcleo delimitado por eixos importantes - a Rua das Fontainhas, Avenida de Rodrigues de Freitas, Rua Duque de Saldanha e a Sul, o rio Douro - no qual foi decidido incidir o foco. Em termos de conceito, destacou-se o principal objetivo do projeto: a criação de PERCURSOS.

Seguindo uma lógica de rede urbana (de pequena escala), foram estabelecidas ligações que não só criam melhores acessos entre quarteirões, como também conferem uma significativa qualidade urbana a este espaço. Ao longo destas travessias, é possível desfrutar de zonas de lazer, nas quais podemos usufruir da paisagem, praticar exercício físico ou atividades lúdicas. Além disso, sem nunca esquecer as necessidades fundamentais da população, é possível encontrar lugares destinados a atividades comunitárias e também novos programas de serviços e apoio aos habitantes.

Neste sentido, todas as propostas realizadas, desde a requalificação do espaço urbano, a criação de novos edifícios e a importante intervenção no interior dos quarteirões habitacionais - todas elas têm como objetivo comum a integração social e valorização desta população. Com uma enorme ambição de projetar para melhorar vidas, pretendeu-se ao longo de todo o processo desenvolver uma estratégia sólida e coesa que, através da arquitetura, visa iniciar um processo social, no qual o grande objetivo é "Reinventar cidades, moldar mentalidades".



PROGRAMAS PROPOSTOS:

- 1 - CENTRO COMUNITÁRIO
- 2 - EDIFÍCIO DE BANHOS PÚBLICOS
- 3 - ALBERGUE NOTURNO

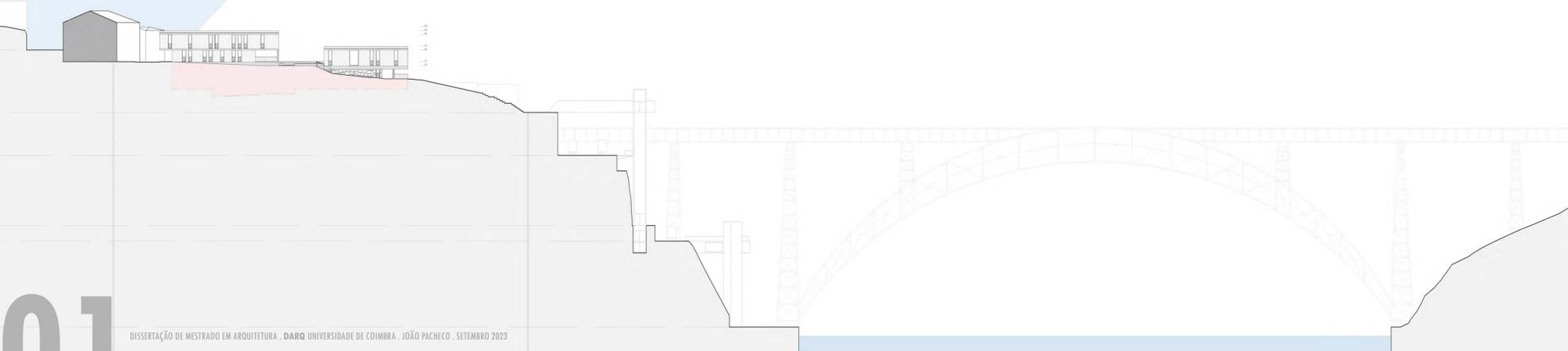
INTERVENÇÕES SECUNDÁRIAS:

- A - Remodelação do estacionamento existente e criação de um novo estacionamento de apoio ao colégio de Nossa Senhora da Esperança;
- B - Novo edifício de habitação e remodelação do espaço público;
- C - Remodelação da praça de S. Victor e implantação de um novo edifício de habitação;
- D - Remodelação da antiga fábrica de cerâmica para um Centro Cultural;
- E - Criação de um auditório ao ar livre e projeção de cinema na ponte do Infante;
- F - Espaço de arrumação e utensílios agrícolas;

- G - Implantação de 2 elevadores verticais e reabilitação da pré-existência como bilheteira;
- H - Pátio privado;
- I - Pátio público;
- J - Novos edifícios de habitação;
- K - Oficinas de carpintaria e artes manuais;
- L - Espaço comercial.

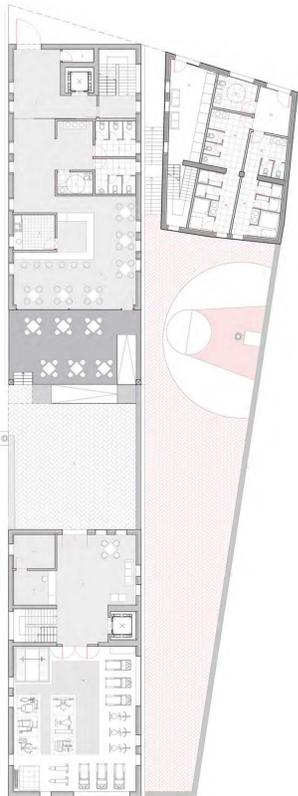


PLANTA GERAL DE INTERVENÇÃO URBANA - PROPOSTA EM GRUPO
ESC. 1:1000

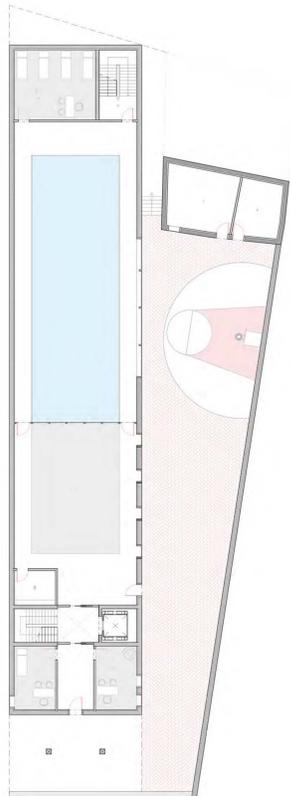


PROGRAMA UM ESPAÇO VAZIO

RUA S. VICTOR



PLANTA PISO À COTA 77 | ESCALA 1:200



PLANTA PISO À COTA 72.6 | ESCALA 1:200



PLANTA COM DELIMITAÇÃO DOS LOTES | SEM SCALA

- LOT 1 - EQUIPAMENTO
- LOT 2 - ANEXO (1) / PÁTIO EXTERIOR

O local selecionado para a implantação do equipamento foi definido durante a fase de trabalho de grupo, sendo parte integrante da proposta de intervenção urbana. O lugar em questão foi escolhido por todos os elementos do grupo para acolher o edifício de Banhos Públicos, sendo isto consequência de um conjunto de fatores que o tornam pertinente para a implantação deste tipo de programa.

A implantação deste equipamento pode ser encarada como o epicentro do bairro das Fontainhas, devido ao seu impacto geográfico. Metaforicamente falando, este equipamento corresponde ao "coração" desta comunidade, com as suas "artérias" e "veias", representadas pelos principais acessos e vias pedonais respetivamente. Tal como o fluxo sanguíneo responde as necessidades vitais de um coração, estes acessos irão permitir à comunidade local e de passagem manter a energia vital e melhorar a sua qualidade de vida

1. CENTRO COMUNITÁRIO

2. BANHOS PÚBLICOS

3. ALBERGUE NOTURNO



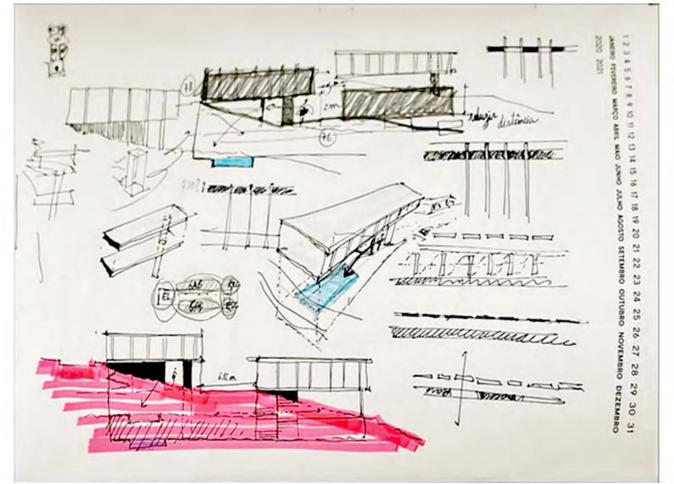
Fontainhas

PERCURSOS NO INTERIOR DOS QUARTEIRÕES
FONTE: GOOGLE EARTH

PROGRAMA O LUGAR DA ÁGUA



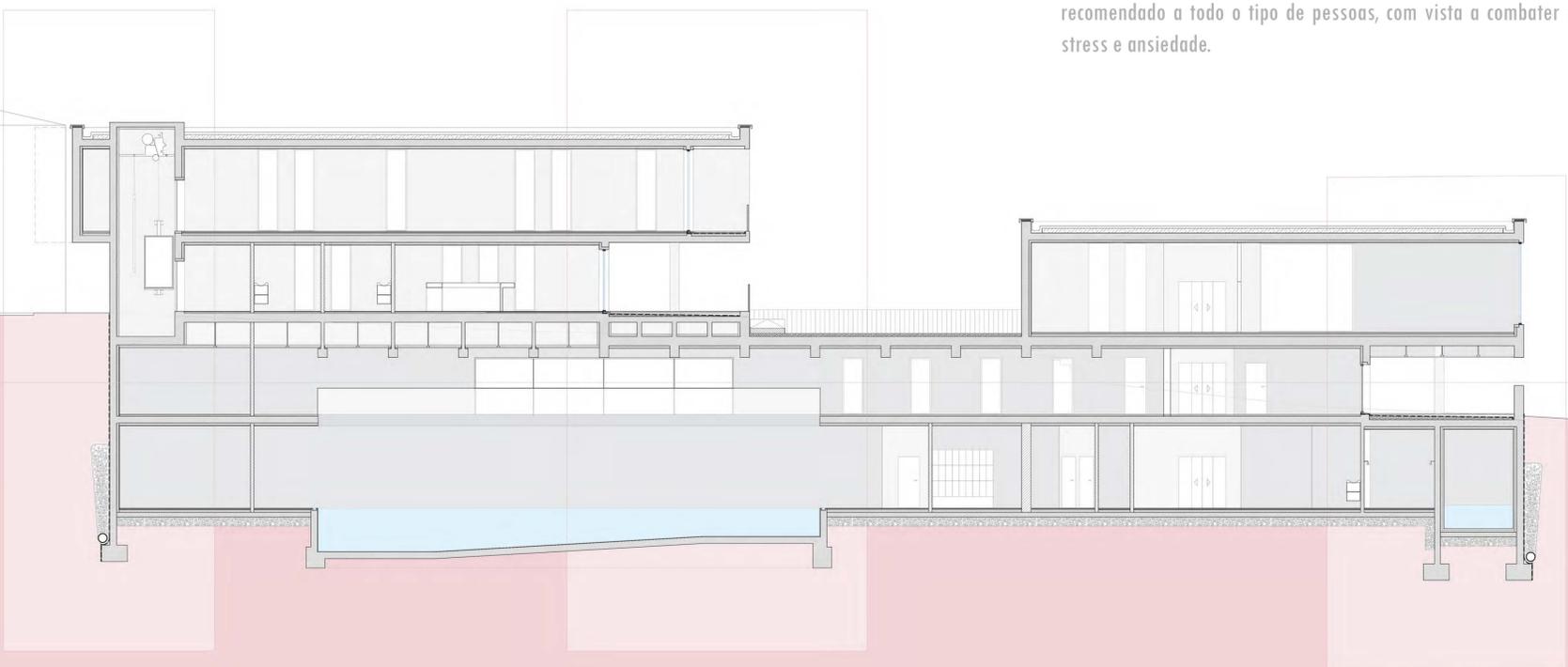
PERSPETIVA INTERIOR DA PISCINA



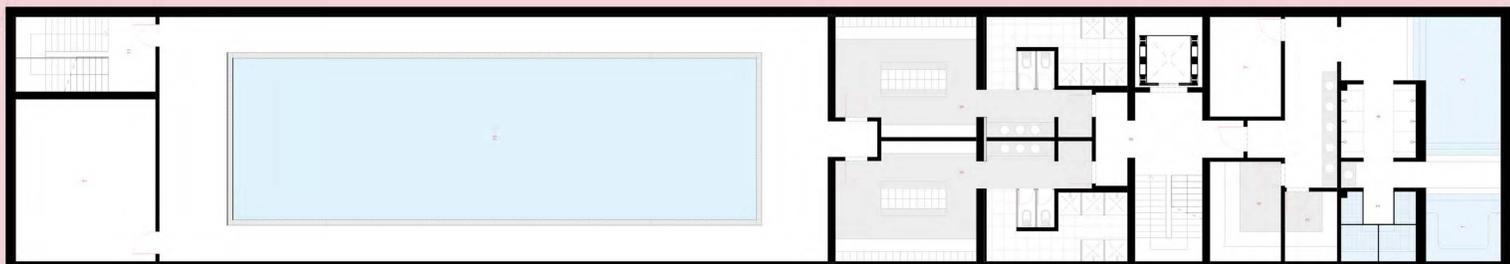
ESBOÇO DE PROCESSO - PROPOSTA INDIVIDUAL

Visto que o edifício apresenta um carácter público e comunitário, é imprescindível a criação de espaços amplos de grandes dimensões. No entanto, devido às características tipo morfológicas desta área, que se apresenta de forma estreita e longitudinal, optou-se por uma estratégia projetual baseada numa construção distribuída, programaticamente, por diferentes pisos.

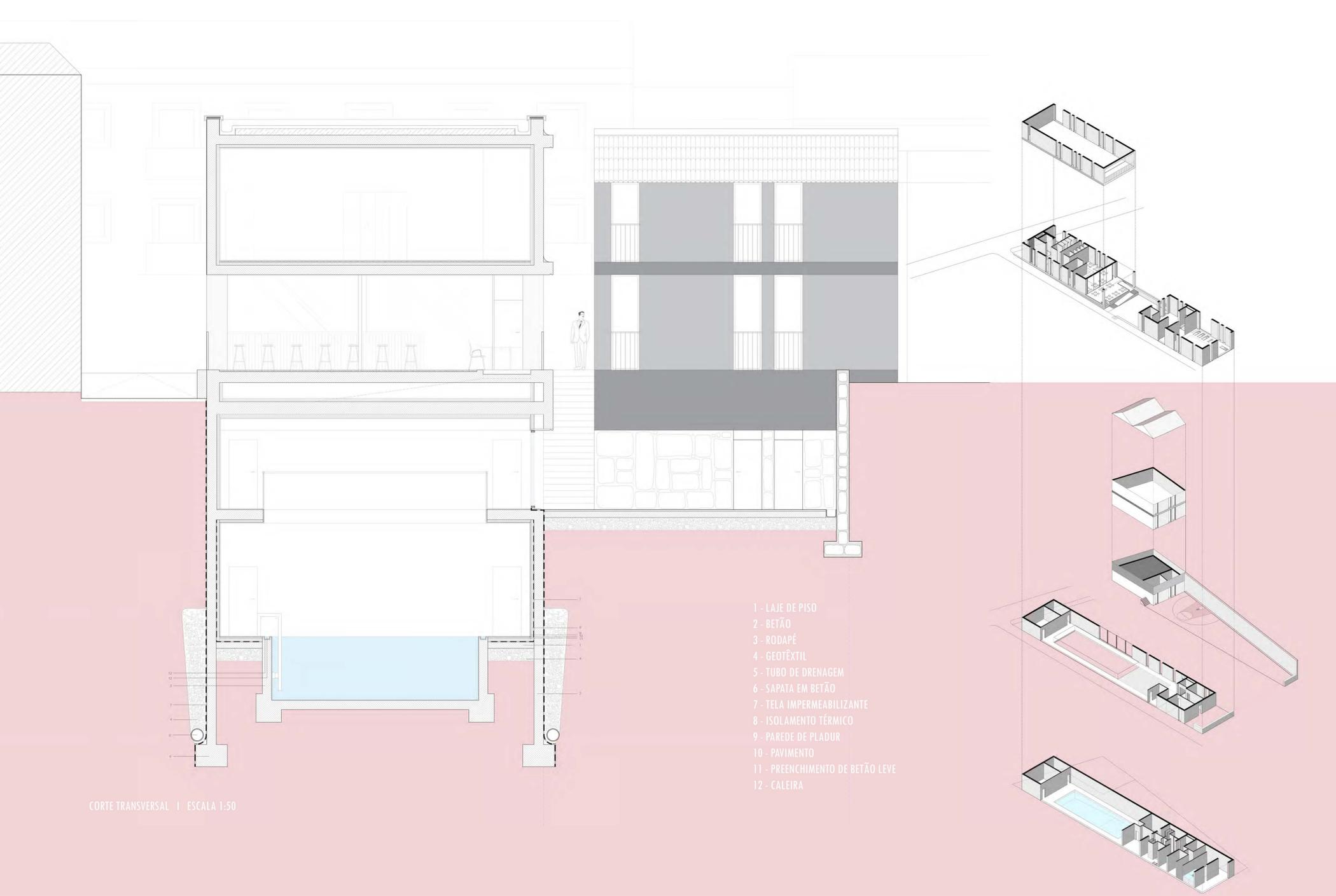
No último piso inferior, à cota 68.6 um espaço destinado a atividades específicas, sendo este a sala das águas, dedicada ao cuidado do corpo. Este é um espaço a que se recorre quando se procuram experiências relaxantes ou curativas e onde o corpo deve apresentar-se sem camadas de roupa - nu ou quase nu, mesmo em ambientes semi-públicos. Do ponto de vista do projeto, a nudez requer condições espaciais específicas que obrigaram à reflexão de detalhes como a opacidade e transparência dos materiais e as dimensões dos ambientes. Assim, este lugar apresenta-se como um espaço multi-sensorial, recomendado a todo o tipo de pessoas, com vista a combater situações de stress e ansiedade.



CORTE LONGITUDINAL | ESC. 1:100



PLANTA COTA 68.6 | ESC. 1:100



12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
1

- 1 - LAJE DE PISO
- 2 - BETÃO
- 3 - RODAPÉ
- 4 - GEOTÊXTIL
- 5 - TUBO DE DRENAGEM
- 6 - SAPATA EM BETÃO
- 7 - TELA IMPERMEABILIZANTE
- 8 - ISOLAMENTO TÉRMICO
- 9 - PAREDE DE PLADUR
- 10 - PAVIMENTO
- 11 - PREENCHIMENTO DE BETÃO LEVE
- 12 - CALEIRA

CORTE TRANSVERSAL | ESCALA 1:50

AXONOMETRIA EXPLODIDA | SEM ESCALA

SISTEMA CONSTRUTIVO



DETALHES CONSTRUTIVOS | ESCALA 1:50

